

**A
VIDA
NOS
MUNDOS
INVISÍVEIS**

*** FATOS ***

Robert Hugh Benson

2

Avisamos o leitor que

A Vida Além do Véu e A Vida nos Mundos Invisíveis,

esses dois livros, psicografados na Inglaterra, entre 1910 e 1920, representam o máximo já vindo, espelhando o mundo espiritual. Quem quer que tenha noção de que vai um dia desencarnar e prestar contas à JUSTIÇA DIVINA, tem por obrigação conhecê-los e divulgá-los. Eles representam o testemunho da VERDADE, quando ela se manifesta em sua culminância significativa, que é relatar como funciona a JUSTIÇA DIVINA, no mais profundo de cada pessoa ou espírito, obrigando cada um a receber o merecido, em Luz e Glória, ou trevas, pranto e ranger de dentes, segundo como tenha procedido durante a encarnação. Também, fugindo ao xaropismo e ao mediocrismo de caudais de obras mediúnicas, comportam relatos sobre os Altos Escalões Direcionais de Mundos e de Humanidades, de Planetas, Grupos de Sistemas, Galáxias e Metagaláxias, na palavra de VERDADEIROS ALTOS MENSAGEIROS, culminando com algumas manifestações de Jesus, em circunstâncias divinamente preciosas, aquelas em que os fatos oportunos demonstram e provam o quanto superam intermináveis e nauseabundas comunicações de espíritos vazios de Verdade, de Amor e de Virtude. Ter esses dois livros à cabeceira da vida, ou do leito, é ter encontro marcado com as sublimes promessas do Princípio, Deus ou Pai Divino, através de todos os Grandes Iniciados, Profetas, Mestres ou Cristos, porque apresentam OS RESULTADOS DA ENCARNAÇÃO, boa ou ruim, em plena convergência com a JUSTIÇA DIVINA, com quem jamais alguém poderá discutir, por ser INFINITAMENTE ACIMA DE PALPITES HUMANOS, de encarnados ou de desencarnados, bem ou mal intencionados.

Também os condensados iniciáticos de Osvaldo Polidoro colocam o leitor a par das VERDADES BÍBLICO-PROFÉTICAS, na hora apocalíptica em que a Humanidade terá de enfrentar O NOVO CÉU E A NOVA TERRA, depois de tremendas comoções que tudo abalarão, como está assinalado no Sermão Profético de Jesus, e no Livro da Revelação, o Apocalipse. Aos inteligentes e honestos, portanto acima de fanatismos religiosos, sectarismos, igrejinhas, painéis e painelinhos conchavistas, lembramos a indispensável leitura de:

ORAÇÕES E VERDADES DIVINAS
CRISTIANISMO VERDADEIRO E ORAÇÕES
ORAÇÕES MARAVILHOSAS E EVANGELHO DA JUSTIÇA DIVINA
A MENSAGEM DO ANJO DO SARÇAL
POR QUE, A HIPOCRISIA COMANDA O ESPETÁCULO?

livraria Freitas Bastos S/A
Rio – Rua Sete de Setembro, 113
São Paulo – Rua 15 de Novembro, 62 a 66
(editor deste boletim à época em que foi escrito)

P – Quais os livros mediúnicos que melhor retratam os reinos espirituais, ou sobre a vida depois do túmulo?

R – São muitos, porém, dois deles vieram com a chancela do Plano Diretor; **A VIDA ALÉM DO VÉU** é um, e **A VIDA NOS MUNDOS INVISÍVEIS** é outro. Nas linhas e nas entrelinhas, falam mais do que muitos outros, porque a Direção Planetária assim ordenou. E deviam sair da Inglaterra, por motivos que Deus ensejou e a Direção Planetária executou. São duas séries, não apenas dois livros, que ensinam maravilhas.

(do livreto A Mensagem do Anjo do Sarçal)

P – Com ajuda de alguém superior, pode o inferior visitar planos ou reinos superiores?

R – O Exemplo fiel está no livro **A VIDA NOS MUNDOS INVISÍVEIS**, que todos os estudiosos da VERDADE deviam ler. Fatos dessa ordem dão-se, e muito, nos reinos espirituais. Basta que haja merecimento, da parte do pedinte, para que os seus mentores locais providenciem a viagem. (do livreto A Mensagem do Anjo do Sarçal)

SUBCROSTA, o pior em trevas e dores, ou terríveis expiações. A Lei do Peso Específico, ou das equidades vibracionais, é que tudo rege, TANGIDA PELA JUSTIÇA DIVINA. Já existem muitos livros mediúnicos, tratando do assunto, mas, lembrem-se

bem os filhos de Deus, que, por DETERMINAÇÃO DA DIREÇÃO PLANETÁRIA, entre 1910 e 1920, surgiram DUAS SÉRIES DE LIVROS, a saber:

1 – A VIDA ALÉM DO VÉU, que trata também dos Altos Escalões Direcionais, dos Planetas, Sistemas Planetários, Grupos de Sistemas, Galáxias e Metagaláxias, etc.

2 – A VIDA NOS MUNDOS INVISÍVEIS, contendo lições profundas, nas linhas e nas entrelinhas, e, como A VIDA ALÉM DO VÉU, apresentando a normal presença do Cristo Planetário, para os efeitos administrativos em geral, porém responsabilizando a cada filho de Deus, pelas suas opções, pelas suas obras.

(do livreto “Depois da Tempestade Apocalíptica)

Mestre Osvaldo Polidoro (trecho de preleção- LC II)

20-11-96 Itaim Paulista

A *Vida além do Véu* foi publicado no Brasil em uma edição que ficou empacada, enferrujou, ninguém quis comprar, por dizerem: “Como é que pode, do outro lado ter espírito com corpo, com mão e tudo isto, e habitar em lugares deste jeito!”. Até que chegou o dia em que Deus falou para Jesus e ele mandou João Evangelista dizer que eu fosse buscar na Livraria *O Pensamento* o livro *A Vida Além do Véu*.

Lá, local bem acanhado, trabalhava uma moça que havia sido minha colega de escola no jardim da infância. Eu disse a ela que queria ler um livro que falava de véu, céu alguma coisa assim. Ela respondeu: - “Osvaldo, você já leu tudo o que aqui está!! Só se for aquela porcaria que está ali, que ninguém quer...”

Subi na escada, alcancei o livro e o reconheci: “É este!” Deus então mandou que eu fizesse um boletim fazendo ler este livro que tinha informações da vida depois do desencarne. Isto foi escrito de 1913 a 1920, na Inglaterra, e antes disso não havia nenhuma informação sobre a vida dos espíritos depois do túmulo, nada! Só havia uma comunicação de um grande médium de desdobramento que foi levado ao planeta Júpiter (depois ele desenhou o Castelo do Profeta Elias que lá está), era só isto que existia, (e na Inglaterra, não na França, onde deixei o Espiritismo).

Até 1913, no planeta inteiro não havia informações sobre as condições de vida dos espíritos depois do túmulo, segundo seus merecimentos! Eu sei que eu deixei como Hermes muita coisa, tanto que está escrito nos originais: *De toda aquela Sabedoria que Hermes deixou muita coisa está guardada e lacrada até que chegue o tempo em que a Humanidade possa ter conhecimento de coisas tão avançadas.*

24/11/96 (LC II)

(*João Paulo II*) É difícil rasgar estes planos, é difícil passar por esta Sociedade Divina mas, graças a Deus não há desrespeito. Eles dizem: - “É um Papa? É, mas é um filho de Deus e tem direito a voltar a Deus”.

(*Mestre*) É obrigação!!

(*João Paulo*) É obrigação.

Vocês, Comunidades, pelo seu caminho, pela sua abertura, meu senhor Jesus de quem tanto falo.. Foi o senhor, os senhores que me abriram este caminho.

Na casca vai prevalecer este mandato mas tenho certeza de que quando eu sair da carne tudo isto vai por terra. Eu volto a reforçar e pedir a minha liberdade quando eu sair da carne.

Vêm aí os nossos amigos Vale Owen e Anthony Borgia, por que são padres...

(*Mestre*) Foram padres!

(*João Paulo*) ... mas só que eles não falam comigo porque são muita autoridade. Mas o senhor está dizendo: “Vocês tem que falar com ele!”

(*Mestre*) Eu quero que eles falem com você e você fale com eles porque foram sacerdotes de idolatrias e formalismos, mas são filhos de Deus que foram também humanistas naquilo que puderam ser, o caso é este! Quem escolheu o Vale Owen e o Anthony Borgia para aquilo que escreveram fui eu... não tinha nada dito aos terrícolas ao desencarnar sobre o que teriam que ser e viver depois do túmulo. Só depois de 1913 a 1920 que eu e Jesus escolhemos, na Inglaterra sacerdotes, espíritos velhos, os dois, para sair a série *A Vida Além do Véu* e *A Vida nos Mundos Invisíveis*, que são 9 obras fundamentais. Eles dois eram sacerdotes anglicanos, mas Vale Owen escreveu um livro escrevendo do Espiritismo, dizendo que era coisa do diabo. Quando ele desencarnou foi para o outro lado e encontrou naquela Biblioteca o livro dele dizendo que o Espiritismo era coisa do diabo e pediu para se comunicar para desdizer tudo o que havia dito. Do outro lado disseram a ele: “Então você chamou tudo aquilo de coisa do diabo e satanás e agora quer ser diabo e satanás?”

(*João Paulo*) Agora, senhor estão me trazendo ao rés do chão para que eu veja o que há por baixo, apesar de que isto já foi feito, mas o senhor é o Senhor Renovador de tudo e de todos.

É terrível, é terrível descer a estes planos, mas também é divino dizer que vocês saem das encostas, pegam a divina embarcação rumo a Deus.

Cortaram-me, não querem que eu fale mais porque vem o Anthony Borgia, mas, por causa de querer desdizer quando foram ler aquele folheto (*)... Eu quis desdizer... graças a Deus que não me foi permitido, porque senão teria eu mais uma fatia de quintos dos infernos.

Saio porque aí vem ele, Anthony Borgia.

(*) Na sessão de 22-11-96, em Santana, o Papa quis falar através de Luis Severo para dar testemunho contra os Dons, depois que houve a leitura do mais novo folheto escrito pelo Mestre neste tema.

Anthony Borgia(24/11/96)

“Tirar a batina e vestir os Dez Mandamentos”

Boa tarde a todos.

Mestre! Que divindade esta Terra está atravessando até esta hora! Todos os sacerdotes do mundo temos que nos curvar diante de você, Moisés, figura impassável e imortal diante de nós.

Eu pergunto: Com o seu pedido, quantas almas o senhor já entregou ao Céu? Por causa disto eu estou eu estou dando testemunho de que tudo o que é bom e belo conduz a Deus. Todo este Céu que aí está...

(Mestre) E como está, não é, irmão?

(Anthony) Todos um dia terão que deixar o fardo da matéria, quem está na carne e quem está fora dela tem que deixar a túnica sacerdotal e vestir o Divinismo! Mas Deus diz: “Meus Quatro Itens!”.

Nesta Celestialidade... Deus vem falar para nós!! Peguem vocês, na carne ou fora dela, para falarem coisas deste tipo... é coisa de diabo, mais uma vez!?!)

Mas o que importa para nós? Importa que estamos soltos, estamos fora do tacão romano, estamos seguros pelo Tacão dos Dez Mandamentos de Deus!

Tenho que dizer para todos: Os Dez Mandamentos agora são um renascimento, porque haviam matado os Dez Mandamentos, tinham acabado com eles. Na sua frente, Pedra Triangular e Imortal, Elias, o Profeta dos Profetas... o senhor Melquisedec, o rei de Salém, (quanto eu devo ao senhor, Melquisedec!) Mas que glória a sua! Só com muito tamanho, só com muito gosto, só com muita certeza para seguir esta Trilha à volta a Deus sem temer nada, muito menos as cotoveladas havidas por aí. Aos senhores, nós devemos muito.

Mestre Elias, Jesus e toda a Comunidade crística, eu não posso deixar de dizer desta graça que Deus enviou a toda a Humanidade, o Patriarca Jacó, por onde nós estamos falando. Acima do Evangelho Eterno não há nada, mas puxa vida... o Céu desce! Puxa vida, eu estou livre, completamente livre para falar através do patriarca da humanidade. Não é ele a Chave primeira, é seguimento, porque só você o é, Elias. É por isso que Deus entregou-lhe os Sete Céus Fundamentais para que explicasse tudo o que há, de alto a baixo.

Graças a Deus e a todos vocês, Mãe Maria, João Evangelista, o senhor Elias e o senhor Jesus. Mas eu digo uma coisa, graças a Deus por Jacó estar no planeta, graças a Deus. Haveria outros, mas agora é dele a vez!

Benção, Mestre!

21/3/97 – Livro das Comunicações II -

Oswaldo Polidoro:

Vocês vão pegar duas séries em que nós agimos sobre os autores, Anthony Borgia e Vale Owen, os dois da Inglaterra, “A Vida nos Mundos Invisíveis” e “A Vida Além do Véu”. No “A Vida nos Mundos Invisíveis”, seu autor ao sair da carne, quando se vê e conhece suas obras e sua biblioteca, demonstra desejo de voltar à carne para falar, comunicar-se dizendo de como é a vida após a morte (segundo ele, para nós não existe, é desencarne). A primeira coisa que ele iria encontrar entre seus familiares é que eles diriam que o diabo estava falando em seus ouvidos! Ele ficaria muito chocado, diz ele, por ouvir seus parentes dizendo tal coisa, mas, também diz ele, sabemos nós que a liberdade aqui ainda é um tanto pequena para quem é pequeno, mas temos para nós as nossas amigas, as nossas brincadeiras, as nossas festas, as nossas reuniões, lindos campos, pássaros... leiam que é assim que está! Tudo aberto!

Esta figura que aqui está aparece neste livro e eu apareço também, mas, para uma humanidade ainda tão tapada e tacaña como esta, saber de mundo não é saber do Céu, está bem? Podem se encher dos doutorados que quiserem, mas se estiverem fora dos Dez Mandamentos estão fora da Sabedoria do Céu, não tem por onde, não tem como, estarão fechados para isto!

13/5/97

Entre 1903 e 1920 eu e Jesus procuramos um bispo anglo-saxão e depois Anthony Borgia para a série “A Vida Além do Véu” e “A Vida nos Mundos Invisíveis” que tem 9 obras fundamentais. “A Vida Além do Véu” foi publicada e não ganhou do Espiritismo o reconhecimento, ficou no esquecimento.(Oswaldo Polidoro)

A VIDA ALÉM DO VÉU - Este livro mediúnico deveria ser muito mais lido por aqueles que vivem falando nas verdades bíblico-proféticas. Muitos são os livros realmente mediúnicos, porém bem poucos partiram com a chancela do Plano Diretor Planetário...A VIDA NOS MUNDOS INVISÍVEIS - Muito mais recomendável ainda, como obra mediúnica que surtiu por determinação do Plano Diretor...(Mensagem aos encarnados e desencarnados – boletim do Pai

FATOS

(1946)

ÍNDICE

1. Prefácio
2. Introdução - 3
3. Os que choram - 11
4. Justiça e Misericórdia - 19
5. Oração - 27
6. A oração do Senhor - 34
7. Oração respondida - 45
8. Batismo - 51
9. Compensação vicária - 58
10. Venha o Vosso reino - 64

PREFÁCIO

O espírito comunicante deste livro já tinha, em trabalhos anteriores, feito somente descrições do mundo espiritual e a vida nos planos espirituais de modo geral e, até então, apenas tocou em temas concernentes à 'fé e moral'.

Neste trabalho, ele abandona as descrições da vida espiritual e, ao invés disso, mostra a atitude do mundo espiritual quanto a certas crenças teológicas com referência a um número de textos do Novo Testamento.

Uma experiência comum que tantos de nós passaremos quando formos para o mundo espiritual é a necessidade de reajustar, em vários graus, nossos pontos de vista sobre muitas coisas à luz do conhecimento recém-adquirido e da posição alcançada. Nosso modo de viver muda drasticamente.

Se os laicos encontram esta necessidade de reajustamento das visões depois da 'morte', muito mais deve ser o caso de alguém que foi pastor da Igreja, e que na terra foi compelido (pelo menos exteriormente) a olhar todas as comunicações com o mundo espiritual como sendo 'tratos com o demônio'!

Minha amizade com o comunicante deste livro, que foi um padre eminente na vida terrena, começou em 1909 (cinco anos antes de ir para o mundo espiritual), em circunstâncias tão agradáveis que ambos jamais esqueceremos. Seu passamento não significou o rompimento daquela amizade, mas a sua intensificação, e isto foi realizado na única maneira possível – pela comunicação direta com ele.

De fato, desde que ele foi residir no mundo espiritual, tive muitas oportunidades a mais de encontrá-lo, em companhia agradável de amigos mútuos, o que jamais seria possível se ele estivesse ainda na terra. Tem sido uma experiência feliz para mim, atuar como seu amanuense terreno ao longo dos escritos anteriores e, neste último, registrar alguns dos detalhes de sua 'teologia revisada'.

Anthony Borgia

INTRODUÇÃO

Ao falar mais uma vez com os meus amigos na terra, há uma observação preliminar que eu gostaria de fazer. É esta: O mundo espiritual é um local vasto, e as atividades de seus habitantes estão numa escala gigantesca.

A parte do mundo espiritual na qual tenho a grande fortuna de viver representa apenas uma parte infinitesimal do todo, mas tentar descrever cada característica daquela região de uma vez e dentro das capas de um só volume seria impossível. O problema é comum para aquele que deseja retornar para a terra, quando a oportunidade aparece, para contar de suas experiências do mundo espiritual. Quando o tema foi escolhido, o que deverá ser transmitido, o que deverá ser omitido?

Sendo este o caso, alguns de meus amigos da terra, de alguma forma, ficaram desapontados porque eu não desenvolvi suficientemente alguns pontos que eram de seu interesse. Por isso lamento muito, e espero que estas poucas palavras preliminares ajudem a deixar a posição clara.

Quanto ao tema destes escritos, não confiei, em nenhum momento, em meu próprio julgamento, mas fui afortunado em ter sempre ao meu lado conselheiros sábios e dotados, cujas experiências da vida no mundo espiritual e das condições variadas de comunicação com o mundo terreno são vastas. Estes amigos estão dando constantemente o benefício de seus elevados aconselhamentos sobre todas as matérias relativas a estes escritos, e, em todos os casos, eu segui seus conselhos.

Até aqui deixamos nossas descrições e discussões restritas ao mundo espiritual e à vida que alguns de nós, seus habitantes, vivemos nestes reinos maravilhosos.

Algumas pessoas da terra confessam ter pouco ou nenhum interesse na espécie de vida que é levada por uma grande comunidade nossa, nos planos espirituais. Preferem, dizem eles, algo menos 'material', um pouco menos elevado que as descrições das casas e jardins agradáveis, ou lindas paisagens, ou ocupações deliciosas e recreações gostosas. Aham que estas coisas não estão de acordo com o que deveria ser o destino último na 'vida do além'. Mas eu lhes pediria que devotassem uns momentos silenciosos ao tema, e que perguntassem a si mesmos o que acham que a 'vida no além' deveria ser, se eles tivessem o controle destas coisas.

Onde encontrariam a sua felicidade? De que tipo gostariam que fossem os seus arredores? Não se pode imaginar tais pessoas estando contentes por gastarem eras no mundo espiritual, ocupadas com alguma forma de contemplação espiritual, excluídos de todas as outras formas de atividade – se contemplação puder, neste caso, ser considerada uma atividade.

Minha experiência mostrou que as pessoas que mais alto clamam por uma forma vida muito espiritualizada no mundo espiritual, são as primeiras, quando chegam no mundo espiritual, a ficarem profundamente felizes por verem em torno delas tantos exemplos de belezas materiais e grandezas tomando formas exteriores que elas nem podem reconhecer pronta e facilmente, e entender.

De fato, a multiplicidade de encantos que podem ser encontrados tem o efeito de tirar de suas cabeças, com rapidez e efetivamente, quaisquer idéias de gastarem seus tempos valiosos em contemplação – exceto a contemplação de sua grande fortuna por poderem encontrar tais coisas, e não aquelas pelas quais advogavam quando estavam encarnados. Muitas coisas são mais agradáveis no abstrato que no concreto: gastar uma vida em contemplação deve ser uma delas.

Fui advertido que seria apropriado deixar, por agora, pelo menos, qualquer descrição de nossa vida nestes reinos e, em vez disto, tratar de outros temas de igual importância concernentes aos dois mundos, o seu e o meu. Mas antes que eu faça isto, há uma ou duas considerações que eu gostaria de colocar a vocês, já que elas se ligam diretamente com o nosso tema principal.

Vocês devem saber, então, que o mundo espiritual existe por incontáveis milhões de anos na contagem terrestre. O mundo terreno é uma criança titubeante em comparação com a aparentemente incalculável idade do mundo espiritual. Contemporâneas a esta idade do mundo

espiritual são as leis que o governam. Estas leis sempre foram constantes, invariáveis, imutáveis e em absoluta continuidade de existência e operação através deste colossal período de tempo.

O mundo espiritual, com as grandes hostes de seus habitantes, assistiu a aurora do mundo espiritual, e aquelas mesmas hostes observaram, também, a formação das esferas espirituais que estão dispostas, já lhes expliquei isto em outros escritos, em círculos concêntricos em torno da terra. Não é meu propósito discutir a formação das esferas espirituais, já que não há referência direta ao nosso tema principal.

Os seres dos planos elevados observaram a evolução do homem na terra, e deram assistência nesta evolução. Observaram a progressão material e espiritual constante do homem.

O homem, como é agora, não foi criado num instante, como a Igreja ensina, à imagem e semelhança de seu Criador. Evoluiu calma e constantemente, desde a mais baixa das ordens das criaturas. A imagem e a semelhança vieram mais tarde. O Paraíso do Éden é a melhor tentativa de explanação sobre a 'criação' do homem que o homem podia pensar naquela época. A história do primeiro homem e da mulher, a quem na terra denominaram Adão e Eva, é um corolário natural à lenda de sua criação.

Se a história tivesse terminado com este suposto casal gozando até o fim de seus dias na terra os prazeres e delícias de sua habitação ideal, a terra teria economizado uma imensidade de dor e sofrimento, de perseguição, guerras e derramamento de sangue, e uma lista de outras atribulações e calamidades. Mas alguma explicação tinha que ser dada para um porquê deste paraíso terreno não mais vicejar, e assim inventaram a doutrina completamente falsa e totalmente absurda da Queda do Homem, e que desde esta queda toda a humanidade está conspurcada pelo 'pecado original'.

As várias Igrejas do plano terrestre de forma alguma são uníssonas sobre o que seja o significado exato do pecado original. Mas as diferentes interpretações da doutrina têm um ponto em comum: *todas estão igual e completamente erradas!*

Está na crença da Igreja à qual eu pertenci quando estive na terra que Adão e Eva eram imortais em seus corpos terrenos, que o processo conhecido como morte física era, até então, desconhecido. Estes dois indivíduos, portanto, foram constituídos de tal forma que viviam como se fosse em dois mundos de uma vez. Eram, de fato, parte do mundo espiritual e parte do mundo terreno.

Foi o pecado destes supostos primeiros pais que levou o Pai do universo a inventar a 'morte' do corpo físico. Ele os retirou do Paraíso, condenou-os à 'morte', e a 'morte' tornou-se transmissível, como uma doença pestilenta, para todas as futuras gerações da humanidade. Toda a construção da história da criação do homem e seu subsequente desastre é um insulto grosseiro à mente Infinita.

A complexidade das doutrinas e credos da Igreja que têm origem ou base na fábula de nossos primeiros pais é uma tentativa totalmente inadequada de explicar o que os primeiros clérigos eram totalmente incapazes de explicar.

A civilização Cristã da terra data o começo de sua história em aproximadamente dois mil anos atrás, em tempo terreno. Dois mil anos: são apenas um grão de areia, um só grão de areia em todo o vasto deserto do tempo. O que estava acontecendo na terra antes que estes dois mil anos começassem?

A terra, ensinaram a vocês para que acreditassem, estava em estado de paganismo na maior parte, onde as pessoas adoravam a múltiplos deuses, e mudavam de deuses conforme seus caprichos. O grande Pai, de fato, abandonara, mais ou menos, seus filhos da terra por incontáveis milhões de anos, e Ele, finalmente, considerou enviá-Lo para a terra como 'salvação' só dois mil anos atrás, depois de eras e eras passadas em negligência. Isto, realmente, é o que fizeram vocês acreditarem, como nós daqui vemos.

O demônio, claro, aparece nesta história do primeiro homem e da primeira mulher. Foi ele que causou as suas quedas. Alguém perguntará: quem é o diabo misterioso que, desde sua primeira grande realização no Jardim do Éden, gastou seu tempo e energias 'vagando pelo mundo pela ruína das almas'?

Em uma ocasião anterior, eu falei a vocês sobre este senhor aparentemente onipresente. Depois de escutar tanto sobre ele enquanto estive encarnado, uma das primeiras perguntas que

fiz concernia à sua existência – ou de outra forma – de Satã. Esta personalidade existe realmente? Disseram-me que não havia verdade alguma na história de que em algum lugar nos reinos mais baixos houvesse um Príncipe do Mal, cujo único objetivo era colocar-se em oposição ao Pai de todo o bem, e cuja função era seduzir as almas numa missão de proezas torpes que as cingem à danação eterna.

Isto, asseguraram-me, era tolice total. Se alguém atravessasse os reinos trevosos e fizesse uma pesquisa abrangente daquelas regiões, deveria achar, depois de cuidadosa investigação, uma ou mais almas que fossem consideravelmente mais baixos na escala de maldade que seus colegas. Concebivelmente, alguém poderia ainda achar que um deles fosse tão degradado que aqueles maldosos se sentiriam inclinados a terem-no como líder em termos de maldade.

Que exista um que seja indisputavelmente o Príncipe do Mal – não, este simplesmente não existe. Cada polegada dos reinos trevosos tem sido inspecionada pelos seres dos reinos mais elevados, e não conseguiram descobrir tal personagem. Não que eles tenham ido para este propósito! A sabedoria que todos aqueles seres elevados têm diz-lhes que não há uma pessoa que seja o demônio. Mas no sentido de que todas as pessoas maldosas nos reinos das trevas possam ser chamadas de diabos, então há muitos diabos.

Supõe-se que o diabo tome para si muitos disfarces. Na história do jardim do Éden, ele se tornou uma serpente. Nos dias atuais da terra, a Igreja clama que o diabo se manifesta mascarado de ‘anjo de luz’ nas ‘sessões espíritas’, onde ele eficientemente leva a cabo seu trabalho decadente de seduzir as almas para a ruína. Nestes casos, então, o diabo até mesmo clama, de vez em quando, ter sido um anterior padre da Igreja!

Podemos nos permitir dar risada desta estupidez, mas também ficamos muito tristes por isto. Morando no mundo espiritual, como eu, com todas as belezas e maravilhas, toda a alegria, delícias e oportunidades celestes de praticar o bem, e o trabalho útil sempre em torno de nós, podemos ver a escuridão profunda em muito daquilo que chamávamos de pensamento religioso quando vivíamos na terra. Podemos nos lembrar de como éramos ativos quando sustentávamos uma doutrina ou outra como sendo vitalmente importante para a ‘salvação’ da alma, somente para descobrir, quando viemos viver para sempre no mundo espiritual, que estas doutrinas não valem de nada, literalmente nada. Ela se mostra o que é realmente – completamente sem sentido.

Ela fica completamente desintegrada pelas grandes verdades que surgem diante de nós aqui. Isto, por exemplo, logo se descobre na história de nossos supostos primeiros pais e a doutrina do pecado original. É tão impossível achar Adão e Eva, ou seus equivalentes, no mundo espiritual, quanto é impossível achar o diabo, pela mesma razão. Eles simplesmente não existem. Pode ser possível averiguar-se quem esteve entre os primeiros habitantes da terra a mostrar os primeiros sinais de inteligência incipiente, mas quem seria o melhor para esta descoberta?

Toda a grande organização da terra foi um processo lento de evolução e progresso. O homem não surgiu repentinamente diante da palavra do Pai do Universo, digamos, da noite para o dia. Todo o procedimento levou milhares de anos do tempo da terra, e ainda continua, apesar das aparências ao contrário! A terra e seus habitantes, homens ou bestas, são corruptíveis.

Mas a contraparte etérica do mundo terreno – a qual deveremos descrever aproximadamente como esferas espirituais que são concêntricas a ela – e o elemento espiritual do homem e da besta, tudo isto é incorruptível. O homem primitivo da terra estava sujeito às mesmas leis naturais que vocês estão agora, neste momento do tempo. Desde o instante de seu começo, a terra ficou sujeita às leis da corrupção. O homem primitivo ‘morria’ sofrendo um processo exatamente similar a este que acabei de experimentar, apesar de que as circunstâncias dele podem ter sido bem diferentes. O mesmo homem primitivo reside agora no mundo espiritual.

Suas características mudaram através dos incontáveis anos, até que atingiu a nossa conformação geral. Progrediu em virtude de seu direito inato, o mesmo direito inato que todos nós temos, vocês que estão encarnados, e eu, que estou desencarnado, junto a todos os inúmeros milhões de almas em ambos os mundos. E este direito inato é a licença livre e total, a habilidade e a oportunidade para o progresso ilimitado. Quem pode dizer para onde pode ser estendida a progressão para cada indivíduo? Para nós, aqui, parece ilimitada.

O homem primitivo, assim são chamados os primeiros habitantes da terra, está aqui conosco no mundo espiritual. Estas almas são os ocupantes das mais altas esferas. Vieram para cá quando deixaram o mundo – vocês os teriam encarado como selvagens. Suas características talvez sugeriram a vocês esta denominação.

Aos habitantes do mundo espiritual daqueles tempos antigos eles eram almas humanas, rudes, talvez, com falta de conhecimentos das coisas espirituais como as que vocês gozam hoje, mas, apesar disso, possuidores de lampejos de luz espiritual. Com a sua chegada ao mundo espiritual, foram logo tomados pelas mãos por almas maravilhosas que jamais tinham tido uma existência encarnada, mas que pertenciam ao mundo dos espíritos, e somente ao mundo dos espíritos. Com esta maravilhosa instrução e guia, estas almas primitivas progrediram sem o reconhecimento deles mesmos anteriormente.

Neste momento dos tempos, vocês serão incapazes de identificar um ser que uma vez foi chamado de ‘homem primitivo’, nem o diferenciarão de qualquer outro habitante de seu próprio reino. Enquanto o homem primitivo estava evoluindo cuidadosamente, até ser alguém mais elevado do mundo espiritual, seu irmão ainda na terra estava passando por uma transformação similar, até que chegasse a ter todas as características que são familiares à humanidade neste momento atual.

A evolução espiritual e material do homem no plano terrestre ainda continua, e sempre continuará. Qual será o grandioso final não cabe a mim arriscar numa adivinhação. Tais coisas são segredos bem guardados das mais altas esferas, e é problemático ver se é melhor não ser informado ou ser completamente informado sobre isso.

Falando religiosamente, o homem dividiu sua existência terrena em duas épocas – Cristã e pré-Cristã. Nesta última, disseram-lhes, o mundo estava em trevas espirituais. A humanidade estava ainda trabalhando o melhor que podia, sob a suposta ira de Deus por nossos primeiros pais terem cometido o grande ‘pecado’.

De acordo com os livros antigos e crônicas, um ‘salvador’ seria enviado, mas nenhum homem conhecia o tempo, o lugar e as circunstâncias de sua chegada. Finalmente, num período que é avaliado como sendo há dois mil anos atrás, um grande ser nasceu sobre a terra. Por alguns, ele foi aclamado como o salvador longamente esperado; por outros, ele foi rigorosamente negado. Depois que dois mil anos se passaram, ainda resta o mesmo pensamento dividido, sobre Deus ter ou não ter enviado o Seu libertador.

O nascimento sobre a terra daquela alma ilustre há tanto tempo atrás, sacudiu as mentes humanas como jamais haviam sido sacudidas. Foram feitos manuscritos, supostamente contendo os muitos atos praticados e as palavras pronunciadas durante sua breve vida na terra, juntamente com os seus ensinamentos. Sobre isto, foi erigida uma vasta teologia, tão confusa, tão complexa, tão incompreensível, que nenhum homem pode explicá-la, e é tão controversa que muitas seitas religiosas distintas, separadas e opostas surgiram na terra, cada uma clamando ser mais ou menos o único meio verdadeiro de ‘salvação’ das almas.

Como padre de uma das principais destas denominações, sustentei, quando estava na terra, todas as suas doutrinas ou credos. Quando cheguei a morar no mundo espiritual, vi que todo o meu ‘conhecimento’ teológico foi negado ou anulado pela minha primeira visão das verdades espirituais do mundo espiritual, de seu povo e de suas leis. Vi que, no que concernia às pessoas da terra, eles jamais viveram, durante uma fração mínima de um só momento, sob a ira de Deus, pela razão onipotente de que o Grande Pai do Céu não pode enviar sua ira contra qualquer pessoa, ou pessoas, qualquer que seja a razão, ou razões.

Como sei disso?, podem me perguntar. A resposta é simples: *é conhecimento comum no mundo espiritual*. Nós, destes reinos, todos sabemos disto. Aí está contida a imensurável beleza dela. É aparente a cada instante. A ‘ira de Deus’ é uma ficção estúpida e malévola. Inúmeras falsas teorias foram propostas a partir dela, e inúmeras teorias falsas foram formuladas. O mais elementar contato com as leis do mundo espiritual imediatamente mostrará que a ‘ira de Deus’ é uma contradição de termos. As duas palavras não podem existir juntas. Este também é um conhecimento comum nestes reinos, conhecimento elementar. A *ira* de Deus! Por favor!

Mas isto não é tudo. Jesus, o grande mestre que nasceu na terra há dois mil anos atrás, foi violenta e vergonhosamente arrebatado da terra por seu povo. Esta transição trágica foi um ato

de expiação ao Pai Eterno pela ira que Ele sentia, e um meio de salvar a população da terra. É assim que ensinam ainda nas igrejas da terra. Um sacrifício de sangue de Seu filho único!

Crenças como estas são primitivas e bárbaras, e monstruosas se vistas à luz das grandes verdades do mundo espiritual, da forma como as conhecemos e entendemos aqui.

Desde o primeiro momento que a terra existe, seres elevados dos mais altos reinos encarregaram-se dela. Como vocês contemplam as condições caóticas que prevalecem nos dias de hoje, vocês podem ficar dispostos a pensar que estes mesmos seres falharam muito em sua tarefa. Não é assim. Eles não falharam.

Quando o homem evoluía de uma ordem inferior de criaturas, ele era constantemente observado e socorrido. À medida que o homem primitivo ficou mais inteligente, estava em comunicação ativa com o mundo espiritual através dos mais altos sentidos operantes que são inerentes a toda alma, mas que permanecem desativados e sem desenvolvimento, principalmente por causa da ignorância do homem. A progressão da terra e seus habitantes foi lenta, calma e ininterrupta através dos milhares de milhares de anos de sua vida.

Nunca, nem por um instante, os dois mundos estiveram sem contato. Durante este tempo, o homem esteve – e ainda está – exercendo seu livre arbítrio. Em algumas vezes, ele ouviu as vozes do mundo espiritual – e tudo ficou bem. Em muitas vezes, seus ouvidos estiveram surdos a estas vozes – e tudo correu mal. A guia sempre esteve lá. A ‘estrada da salvação’ foi sempre a mesma. Ensinar que uma grande alma sofreria todos os tormentos da perseguição e uma ‘morte’ horrível para salvar o mundo da ‘condenação’, e ensinar que esta mesma tragédia seria pedida pelo Pai dos Céus para apaziguar Sua ira, não é somente revoltante a nós do mundo espiritual, mas é muito, muito pior que isso. É o libelo mais indecente, a maior difamação – para dizer o mínimo – que poderia ser empregada como característica, natureza e verdadeira essência do Grande Pai do universo.

Nós que moramos no mundo espiritual podemos ver o poder e a majestade da grande criação do Pai – o universo. Mas também podemos ver o que é muito maior e mais majestoso – o próprio homem. Dirão talvez que não podem ser majestosos e grandiosos aqueles cidadãos horríveis dos reinos trevosos que já descrevi. Não! No seu atual estado, certamente que não.

Mas, residindo dentro de cada um daqueles desafortunados seres, está o germe da evolução espiritual e o progresso, e ali estão a sua majestade e grandeza. Lembre-se daqueles homens ‘primitivos’ que evoluíram e progrediram tanto que agora são habitantes dos mais elevados reinos, que possuem um conhecimento imenso e sabedoria, e que são, em todos os sentidos, almas maravilhosas.

Durante todo o percurso da existência da terra, nasceram nela grandes professores das grandes verdades. Foi uma longa sucessão deles no passado, e continuarão a vir no futuro. Compete ao homem seguir tais mestres – ou rejeitá-los.

A entrada para o mundo espiritual é obtida apenas de uma forma – através da ‘morte’ do corpo físico. Nenhuma pessoa, ou pessoas, pode destinar para uma alma qualquer outro lugar no mundo espiritual que não seja aquele que a alma mereceu por ela mesma. Ele não pode ser salvo pela intermediação de outro, quem quer que seja. Seus méritos para residir num reino de belezas devem ser os seus próprios méritos. Nenhuma outra pessoa pode dividir sua carga, se a sua vida na terra foi terrível. Ele pagará a penalidade por si mesmo, como eu já tentei expor a vocês.

Se o caso é esse, e é, de que serve a repetição constante de credos elaborados e reiterações perpétuas de escuridão e longos formalismos, nos quais a vida do encarnado está envolta e sufocada? Não há fórmulas mágicas para serem pronunciadas, afim de assegurar uma jornada segura para o mundo espiritual, nem para se obter uma destinação salutar. Somente os nossos méritos proverão tais coisas, e ninguém pode advogar por nós diante do Grande Trono. Apenas a nossa vida sobre a terra é nossa advogada – e a mais eloqüente – para o estado em que chegaremos no mundo espiritual. E esta mesma vida é também nosso juiz incorruptível.

As muitas religiões ortodoxas que se espalharam no curso de dois mil anos estão todas completamente fora de contato com as realidades do mundo espiritual. São todas baseadas em valores e concepções inteiramente falsos.

Alguns grupos religiosos são presunçosos o suficiente para professarem que *sabem* exatamente o que se passa na mente de nosso Pai Celeste. Outros se baseiam fortemente no ‘poder de salvação’ de Jesus. Clamam que ninguém pode ser ‘salvo’ a não ser que seja salvo através dele. Através de uma constante repetição disto nas orações bem frias e repugnantes que são feitas publicamente, parece que crêem que algum processo mágico vai começar a funcionar, por onde a alma vai se assegurar de que não importa para onde ele seja mandado quando a ‘morte’ acontecer, ele não irá ao inferno pela eternidade.

De fato, pode-se dizer que a Ortodoxia baseia a única esperança da ‘salvação’ da alma nos méritos de outro. É esta a consideração que a Ortodoxia tem pelo mundo espiritual e fizeram um mundo espiritual Cristão, ou, pelo menos, os professores religiosos diriam que o elemento Cristão é mais do que predominante.

Como habitante do mundo espiritual, logo descobri que o mundo espiritual é muito maior que aquilo que a terra denomina ‘a religião Cristã’. Realmente, está muito além de todas as religiões terrenas de quaisquer denominações. É composto de pessoas de todos os quadrantes da terra, representando todas as escolas de pensamento religioso terreno. Nos reinos onde moro, deixamos de lado para *sempre* a submissão à Igreja de nossas vidas na terra. Não temos religiões ortodoxas por aqui. Todos temos o mesmo pensamento, e ele é regulado pela verdade irrestrita.

Já contei a vocês que em certas partes destes reinos pode-se encontrar igrejas, como as que são vistas na terra, com o suporte dos freqüentadores de uma variedade de seitas religiosas. Mas isto não faz diferença nenhuma na afirmação que fiz sobre as religiões terrenas. Permite-se que estas igrejas existam, sob certas condições que são perfeitamente entendidas e também perfeitamente definidas. Elas formam meramente uma comunidade segregada, que está limitada a regras estritas. Não há mal em se erigir um lindo edifício ao estilo e moda dos prédios eclesiásticos da terra. É o que acontece dentro deles que está sujeito às leis mais exatas.

O mundo espiritual, em resumo, é não-sectária. A Ortodoxia pode clamar o quanto quiser a respeito dos direitos que se arroga de ser a guardiã da ‘alma imortal’ do homem. A admissão no mundo espiritual não é feita através de qualquer Igreja ou coleção de Igrejas; nem é obtida pelos méritos de outra pessoa ou conjunto delas.

Não há santo de calendário eclesiástico cujos méritos nos auxiliem a escapar ou evadir dos resultados de nossos erros quando estávamos encarnados. Somente nós devemos pagá-los. Ser membro da Igreja que faz os maiores clamores de assegurar a ‘salvação’ para nós não será de proveito algum, nem um pouquinho. Nós suportamos a experiência de passar pelo portal da morte do corpo físico sozinhos, apesar de que podemos ter ajuda disposta no procedimento, vinda daqueles que já desencarnaram. Mas pára por aqui.

Tais socorristas não podem determinar para nós qualquer destinação que não seja aquela que alcançamos por nós mesmos. É claro como a luz do sol, a saber, – e falo exatamente de minha experiência – que a tragédia que aconteceu no Calvário, há quase dois mil anos, apesar de ser um sacrifício pessoal de beleza sublime, aquela tragédia não pode dar suporte às almas individuais que nasceram na terra desde então, ou que estavam nascidas naquele tempo, ou antes dele.

Aquele grande evento demonstrou uma profunda verdade da qual eu e incontáveis milhões somos testemunhas vivas, isto é, que a morte do corpo físico é apenas o começo de uma nova vida e que, conforme o que semeamos durante nossas vidas na terra, assim colheremos na vida no mundo espiritual. Mas por mais grandioso que este sacrifício tenha sido, nem sua grandeza nem seus méritos são transferíveis, assim como todos os nossos méritos e os sacrifícios são incomunicáveis. Cada um de nós, e todos nós, somos responsáveis por nossos próprios erros.

Talvez vocês digam que tudo isto é um lamento antigo da história de nossos primeiros pais. Não é assim, realmente. Adão e Eva foram nossos primeiros pais, é assim que vocês pensam. Eles cometeram o primeiro ‘pecado’ e foram punidos, ao serem expulsos do seu ‘jardim paradisíaco’. Até agora estes dois indivíduos foram estranhamente apresentados. Eles foram, de fato, imortais em seus corpos físicos, já que viviam naquele tempo numa terra incorruptível. Perderam seu estranho atributo quando cometeram seu ‘pecado’, e a ‘morte’ foi introduzida. Toda

a raça da humanidade que viria foi envolvida no impacto, e foi somente a promessa da visitação, 'do alto' até aqui, de alguém que redimisse a terra que fez a vida nela ser possível.

Tentei mostrar-lhes que esta história é fantasiosa e, ao fazê-lo, atravessar o imenso lapso entre a formação do mundo, com a sua subsequente evolução constante, e aquela era que começou há dois mil anos. Adão e Eva, como nossos primeiros pais, não existem de fato. A história é uma fantasia. Jesus nasceu na terra há dois mil anos, e hoje ele é uma força imensa sobre a terra. Isto é fato. A fantasia e o fato não têm relação um com o outro, mas a Igreja fez um dependente e conseqüente ao outro. Disto levantou-se toda a estranha variedade de seitas religiosas e observâncias religiosas que podem ser vistas pela terra.

É contra qualquer lei do mundo espiritual que alguém possa assumir a responsabilidade pelo erro de outro. Não há méritos pertencentes a outra pessoa que nos dêem aval e pelos quais podemos fugir de nossas responsabilidades. Mas, dirão, a grande alma que pereceu tão tragicamente é diferente. Ele é apartado. Ele é divino. Ele é o Filho de Deus vindo à terra para nos redimir. Ele é, de fato, o próprio Deus. Para Deus tudo é possível. Portanto, em virtude de sua divindade, Jesus pode nos lavar de todos os nossos pecados se tivermos fé suficiente e fizermos o que a Igreja ensina. Devemos nos arrepender, claro, mas ao nos arrependermos, temos alguém que vai lutar pela nossa causa e, pelos méritos de seu supremo sacrifício, nós vamos nos salvar.

Isto é um pensamento e uma crença muito confortantes e confortáveis, mas há apenas uma falha. *Simplesmente, não é verdade.*

OS QUE CHORAM

É marcante em meus escritos anteriores que não fiz menção nenhuma à grande alma que o mundo conhece como Jesus de Nazaré, e este, aparentemente, tanto quanto me concerne, pode nem ter existido.

Minha abstenção de tal menção foi deliberada. Toda a pretensão era de que este seria o caso desde o momento em que colocamos a primeira palavra destas exposições de minhas experiências no mundo espiritual. Mas o tempo chegou, agora, em que seria proveitoso, não só falar do Nazareno, com é freqüentemente chamado, mas também para discutir o livro, pelo menos algumas partes dele, no qual estão escritos *alguns* dos ensinamentos que nos transmitiu durante sua breve vida na terra.

Por muitas centenas de anos terrenos, o Novo Testamento foi aclamado como sendo a palavra inspirada de Deus. As opiniões diferem neste ponto, mas ainda há uma diversidade ainda maior de opiniões sobre o que está contido nos evangelhos. É tão ampla esta última divergência, que literalmente centenas de religiões cristãs diferentes e seitas religiosas se espalharam pela terra, cada uma dizendo que é uma religião 'verdadeira', senão a 'verdadeira' religião.

Alguns indivíduos vão ainda mais longe e clamam que a crença absoluta no conteúdo no livro é suficiente para a 'salvação' da alma, e que, sem esta crença, a alma está perdida, condenada por toda a eternidade a ficar do lado de fora dos portais do céu, e a uma distância bem grande deles.

Uma denominação religiosa em particular proclama que é a única depositária da verdade sobre a terra, com a interpretação infalível dos evangelhos. Como, então, nós do mundo espiritual encaramos o Novo Testamento? Dirão que, claro, nós no mundo espiritual temos a oportunidade de averiguar a verdade sobre tais assuntos, especialmente sobre os vários textos nos evangelhos sobre os quais tanta controvérsia tem surgido, ou que seus significados ainda estão obscuros.

Certamente no mundo espiritual temos os meios de obter a verdade em tal caso. Mas suponha que tivéssemos que transmitir a verdade, não seríamos cobrados por darmos *outra* interpretação e, assim, aumentarmos a confusão que já existe?

Não estaríamos sob a suspeita de tentarmos fundar mais uma outra religião sobre a terra que já tem muitas, muitas, muitas demais? Finalmente, por que alguma interpretação que eu pudesse oferecer aos meus amigos na terra seria considerada a interpretação certa?

É um risco que vale tentar. Conseqüentemente, apesar de que aquilo que uma Igreja ensina enfaticamente, ou seja, seu julgamento particular de tais temas, deva ser vigorosamente condenado, eu gostaria de pedir aos meus amigos que seguiram meus escritos até aqui que vissem o que eu tenho a dizer à luz da verdade espiritual.

Eu lhes pediria que tirassem de suas mentes, pelo menos por uns momentos, mas melhor seria que fosse por *todo o tempo*, as doutrinas e credos que já possuem e que venham comigo numa agradável jornada, onde exploraremos algumas partes e passagens do Novo Testamento.

Não tentaremos nenhuma nova interpretação. Meramente, tomaremos algumas passagens dos evangelhos e veremos como se comparam com a verdade que existe no mundo espiritual.

'O que é isso?', posso ouvir alguém declarar. 'Você está sugerindo que Jesus de Nazaré não ensinou a verdade?' Muito enfaticamente, não estou sugerindo tal coisa. Ele falou a verdade absoluta, mas aqueles que humildemente professaram ser seus seguidores nos anos posteriores fizeram justamente o oposto.

O que foi colocado nos quatro evangelhos é apenas uma fração mínima do grande corpo de ensinamentos que originalmente foram transmitidos. Foram passados imprecisamente; não eram – e não são – a palavra inspirada de Deus.

Eles foram mal traduzidos, mal interpretados, sofreram interpolações e distorções, e foram falsificados até que parecesse notável se um vestígio da verdade tivesse sobrado.

Deste caos, levantou-se uma variedade imensa de dogmas e práticas ritualísticas que não tem suporte na progressão espiritual de uma só alma. E o centro de toda esta distorção está Jesus de Nazaré que, na primeira instância, trouxe a verdade, e que, pela atuação daquele

catálogo de acidentes que enumerei que aconteceram às escrituras, agora se acha elevado à posição do próprio Deus.

A Jesus, em virtude de sua posição endeusada, são atribuídas as funções e atributos mais exorbitantemente impossíveis. Sua vida na terra é quase um dos maiores 'mistérios' da religião Cristã, porque ele é o próprio Deus que veio à terra para viver como homem.

Toda a doutrina da encarnação é uma das invenções mais fantásticas dos teólogos dos séculos passados na terra – para se pegar apenas um exemplo, de muitos, sobre o que a mente humana pode construir de mistérios estranhos concernentes ao mundo do espírito onde, na verdade, não existem mistérios.

As leis que governam o mundo espiritual não são leis complexas que ninguém pode entender. Há muitas coisas na vida espiritual que ainda não compreendemos *ainda*. Assim como há coisas na terra que ainda não podem ser entendidas.

Mas da mesma forma que vocês têm grandes inteligências na terra que podem e vão resolver tais mistérios, também no mundo espiritual há inteligências ainda maiores que podem – e vão – responder aos nossos enigmas.

No momento, nosso estado de evolução mental não avançou o suficiente para sermos capazes de entender algumas explicações que deverão ser dadas a nós. Mas em todos os assuntos podemos ver plenamente a razão para alguma lei, ou verdade, ou o que seja. Não nos oferecem uma mistura de palavras que, coletivamente, não tenham nenhum grão de significado, só para ser explicado que é um 'mistério', ou alguma coisa que está sob a Divina Providência e que não devemos saber.

Quando chegarmos a discutir o Novo Testamento, veremos que uma grande parte do que está ali contido não tem nenhum sentido quando visto à luz de nosso conhecimento do mundo espiritual e da vida do espírito em geral. Não nos cabe ver o que foi deixado nos documentos originais, ou se estamos considerando uma má tradução. Uma referência aos originais não nos levaria nada adiante.

Ao transmitirem estes registros, os escritores simplesmente preencheram os hiatos que possam ter ocorrido em seus trabalhos com pensamentos e idéias próprios. Algumas destas interpolações – de fato, uma grande parte delas – são aclamadas como declarações de Jesus. Agora, no mundo espiritual sabemos positivamente se algum pronunciamento em particular - contanto que faça sentido – pode ser de autoria de Jesus, porque sabemos que ele estava sob uma guarda extremamente cuidadosa do mundo espiritual que não lhe permitiria erros na transmissão de seus ensinamentos espirituais.

A não-verdade não é de Jesus, mas de seus cronistas e subseqüentes tradutores. Acontece, então, que quando tentamos dar um significado claro ao que obviamente soa como irracional da forma que está, vemos que o sentido original foi tão alterado em muitos casos que as palavras, em seu uso diário e comum, quase pararam de ter qualquer significado. Teólogos tornaram-se adeptos em torcer as palavras para além de todo o reconhecimento de seu significado. Com a adoção de tais práticas, não há limite ao número de significados e interpretações que podem ser outorgados a qualquer seqüência simples de palavras.

Pareceria que um impedimento surge da crença de que as Escrituras são a palavra inspirada de Deus. Portanto, segue-se que, apesar de sentirmos que um texto está errado daquela forma, se pusermos as palavras em seu significado correto, deveria haver uma interpretação correta se alguém pudesse descobrir qual era. Isto os teólogos fizeram, descarada e presunçosamente. Eu digo 'presunçosamente' porque, em muitos exemplos, eles dizem que conhecem e declamam a precisa 'vontade de Deus'.

O que talvez cause um desvio maior da verdade é o trabalho dos interpoladores que aparece em todos os quatro evangelhos. Quando aqueles de nós que têm algum conhecimento dos evangelhos chega no mundo espiritual, é aí que podemos ver quanto está em *completa e total contradição* com o que era rigorosamente sustentado por nós quando encarnados. Esta revelação pode ser um choque para alguns de nós. É um choque, entretanto, que podemos logo superar! Um conhecimento das verdades espirituais e da vida que vivemos aqui nestes reinos são suficientes para logo definir claramente o que é uma declaração precisa de um fato sem controvérsias que aparece no evangelho, e o que é pura ficção.

As desventuras que as Escrituras sofreram nas mãos dos registradores, transcritores e tradutores deram campo para um imenso grupo de teólogos que se esforçaram ativamente em dar sentido espiritual ao que está completamente sem sentido. Ocorreram controvérsias onde, em alguns casos, as mentes aguçadas perceberam a verdade, proclamaram-na, foram marcados como hereges por seus irmãos de religião, foram condenados e, finalmente, foram cerimoniosamente privados de suas vidas terrenas. Tal estrutura vasta de mistério e obscurantismo tem sido construída em torno das Escrituras com a interpretação fantástica deles, para prover a terra de tantas práticas ritualísticas e cerimônias, e também de crenças obscuras e dogmas, tudo que, como ensinam à terra, é necessário coletiva ou individualmente para a 'salvação' da alma.

Em vez de fazer do mundo espiritual e suas leis, e o processo de chegar a ele, um tema de fatos claros e sensíveis para serem entendidos da mesma forma sensível pela qual vocês entendem suas funções ordinárias na terra, os professores espirituais da terra circunscreveram todo o assunto com tantos enigmas e involuções, que a religião veio a se tornar uma parte separada da vida na terra.

O próprio ato de 'morrer' é a operação de uma lei simples e natural. Através de sua operação, o homem se livra de seu corpo físico, que serviu a ele em sua vida na terra. Ele então se encontra no mundo espiritual, para ser residente por todo o tempo. É a exteriorização normal e natural da vida terrena. É inevitável para todos, sem exceção, de alto grau ou baixo. Nunca se quis, na distribuição que providenciou todo o esquema da vida no plano terrestre e no mundo espiritual, que o mundo espiritual pudesse ser visto pelos encarnados como um destino desconhecido, temerário e assustador, para o qual todos na terra são enviados, e de onde ninguém jamais retornou, ou retornará, para contar o que lhe aconteceu depois que ele deixou a terra.

O mundo espiritual foi envolvido num silêncio mortal, por essa razão é um silêncio que deve ser mantido para sempre. É pequena a surpresa que tantos moradores da terra fiquem terrificados diante da perspectiva de deixá-la em seu passamento. No meio tempo, para tentarem aliviar este medo, as Igrejas dão voz a proclamações inexplicáveis, exortando seus seguidores a terem 'fé' e lançarem-se à misericórdia de Deus. E o grande livro que deveria ser um tesouro dos fatos concernentes à vida nos dois mundos, o seu e o meu, tem sido maltratado por aqueles que clamaram ser os seus guardiões, por oferecerem tão pouca luz sobre os temas que são tão importantes para todas as pessoas.

O que acabamos de expor são uma ou duas observações que achei ser oportuno fazer, antes de tomarmos as considerações sobre algumas passagens do Novo Testamento. A estes reparos eu acrescentaria que não seguiremos um curso direto, por assim dizer, mas consideraremos as passagens como lidando com algum fato particular da vida espiritual ou com as verdades espirituais em geral.

Uma vez mais, eu diria que aqui não estamos ligados ao que pode ou não aparecer nos documentos originais, ou em outros de épocas antigas, mas somente no que aparece nos livros impressos no presente momento de seu tempo. Qualquer coisa que os teólogos possam saber do original é de pouco ou nenhum interesse ao homem ordinário. Ele quer fatos claros em tal caso, fatos que sejam rapidamente acessíveis, e, ainda mais, fatos que estejam expostos em termos que ele possa entender facilmente, não em palavras que declaram uma coisa, mas que, por vias tortuosas dos teólogos, fazem significar exatamente o oposto.

No capítulo em que está colocado o famoso Sermão da Montanha, vemos que o sermão abre com uma série de frases, cada uma iniciando com a palavra *bem-aventurados*, e que são conhecidas como as bem-aventuranças. Vamos examinar juntas uma delas: *Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados* (Mateus, 5; Lucas, 6). Como? Onde está a bênção?

Incalculáveis milhões de pessoas na terra passaram pela esmagadora experiência da perda. Aos que a experimentaram, pode ser esmagador. O ente querido se foi, a voz que era tão conhecida silenciou, e, aparentemente, silenciou para sempre. Nada pode preencher o vazio desolador que é causado pela partida daquela alma querida para um destino incerto. Esta é uma bênção duvidosa, para se dizer o mínimo, que dá muita tristeza e desolação para se pedir para alguém. Ou o conforto é tão sublime, tão confortante para a mente perturbada, uma experiência

espiritual de tal beleza que seria bom perdermos algum amigo querido meramente para o experimentarmos? Isto parece sem sentido demais para merecer um só momento de reflexão séria.

Perguntaria novamente: onde está o conforto? O conforto oferecido pela 'fé' em algumas religiões, talvez?

Em alguns casos, é costume, onde os pranteadores têm uma mente simples, dizerem que foi a vontade de Deus, que foi Ele que levou o seu ente querido. Mas, mesmo assim, eles não entendem por que Deus o levaria, por qual razão, especialmente se foi por acidente ou doença que houve o corte em idade tenra de sua vida terrestre. Então, aquela pessoa que se confrontou com a perda gostaria de ver, durante o seu pranto, onde está a bênção e onde começa o conforto, pois ele diria a você seriamente, da profundidade de sua alma, que ele não sente nem a bênção nem o conforto – e é conforto o que ele precisa urgentemente naquele momento de desconsolo.

Os teólogos encontrarão muita coisa naquelas simples palavras, *bem-aventurados são os que choram, porque serão confortados*, mas elas serão palavras muito vazias, já que não conseguem responder as questões concernentes a elas e de onde se esperam as bênçãos e o conforto.

Posso falar por experiência própria, de quando estive na terra. Quando eu estava na presença de alguma alma angustiada pela perda, as palavras de conforto que eu podia dar eram poucas e soavam ocas. De fato, o que havia de grande profundidade no conhecimento teológico, por assim dizer, que eu pudesse oferecer a esta alma com uma dor tão grande? Que fato real eu podia apresentar?

Aquele sofredor entristecido queria saber daquilo que eu era impotente para responder baseado nos 'ensinamentos' da Igreja. O melhor que eu podia fazer em incontáveis ocasiões era fortalecer o amigo em sua 'fé'; oferecer a esperança de que suas orações, somadas à intercessão da Igreja, pudessem alcançar o propósito, e que aquele que partiu ficasse completamente livre de suas dores no purgatório – e assim por diante -, e muito mais, em cima de mesma linha estéril.

Sempre havia um sentimento do silêncio da tumba. Mas era – e é – um silêncio que é imposto pelas pessoas da terra que encaram o simples pensamento da morte do corpo físico como coisa mórbida. Dizer lá do púlpito, ou do santuário, *bem-aventurados são os que choram, porque serão consolados* para uma congregação que inclui um entristecido que está necessitado de conforto, mas não pode obtê-lo, é dar uma demonstração pública de que há alguma coisa fundamentalmente errada em algum lugar.

Foi sugerido por um teólogo da Igreja que esta pessoa abençoada é aquela que 'chora' pelos seus 'pecados'. Poderia haver alguma paródia maior que esta, uma distorção mais selvagem, uma corrupção pior de uma *declaração clara do fato* de que alguém que chora vai ser confortado?

Aqui, bem no começo de um dos livros mais espalhados pela terra, nos capítulos iniciais, está um indício, como alguém diria, de todo o trabalho. O que é a morte? É nada. Mas milhares de milhares de pessoas na terra, vez ou outra, chorarão a perda de seus amigos ou familiares, e assim a dor da perda estará sobre muitos que não encontram a razão, que não vêem um propósito razoável naquela dor – dor tão esmagadora – que os que choram estão passando.

Muitas almas exaustas perguntaram 'Por que Deus permitiu isto?' Elas têm uma baixa estimativa do que lhes foi ensinado a crer quanto ao que seja a Divina Providência. A providência, neste caso, está irremediavelmente ausente. Mesmo se, numa última esperança, recorressem ao Novo Testamento, encontrariam palavras que não conseguiriam entender ou, entendendo o seu significado pleno, ficariam imaginando onde encontrariam o cumprimento delas. Lêem que serão confortados, mas meramente ler as palavras e acreditar em alguma experiência espiritual ilusória para aliviar a sua dor tem pouco ou quase nenhum valor em tais casos. A intensidade da dor encobrirá todas as emoções e servirá apenas para agravar a dor pela desesperança de obter um alívio.

Agora, para que meus amigos não digam que exagerei no assunto, deixe-me assegurar-lhes que não o fiz. Quando eu estava na terra, houve muitas ocasiões, como ocorre com qualquer

ministro da Igreja de qualquer denominação, em que uma alma sofrida veio em busca de ajuda espiritual e orientação.

Todo o corpo de ensinamentos que Jesus trouxe naqueles dias lá para trás concerniam a temas duplos: orientação espiritual para as pessoas na terra baseada em fatos absolutos da vida espiritual, e as leis espirituais; e algum informe das leis espirituais e seu funcionamento, com plenos detalhes dos fatos da vida espiritual.

O que é lido sobre estes últimos temas no Novo Testamento é apenas uma aflitiva fração do que foi originalmente transmitido pelo grande mestre aos ouvintes. A porção maior daqueles fatos não foi registrada. Os restantes foram muito resumidos e distorcidos, e também acrescentados de interpolações não-autênticas, foram tão mal traduzidos, tendo gerado as 'interpretações' as mais sem sentido e bárbaras, que o livro como um todo deve agora ser tratado com o maior cuidado quanto aquilo que é verdade espiritual exata e o que não é. Os muitos 'milagres' que foram praticados por Jesus são demonstrações do uso perfeito das faculdades psíquicas sob a superintendência precisa e indisputável de elevados espíritos do mundo espiritual.

Até estes foram metamorfoseados para atos de um ser divino, que seria Deus de fato, e a quem, portanto, tudo era possível, mesmo 'levantar os mortos'.

A frase toda de *bem-aventurados os que choram* é, nesta forma, uma declaração *isolada* de um fato. É, na verdade, apenas *um texto de todo o sermão, como são todas as 'bem-aventuranças'*. Como está, não pertence a lugar algum. Como tema de um discurso completo, torna-se título de suprema importância para cada alma nascida na terra, e era isso que significava. O significado é claro a nós no mundo espiritual. Deveria ter ficado claro a nós quando estávamos na terra. Ficaria claro a nós, se o texto completo fosse registrado como foi originalmente transmitido. Mesmo se só o substancial do que foi dito tivesse sido registrado, um resultado esplêndido teria sido alcançado.

A ortodoxia, por centenas de anos, tem ignorado o verdadeiro significado destas palavras, dando interpretações grotescas ao que é uma simples declaração da verdade. Deixe que o teólogo busque tão profundamente quanto queira, ele não encontrará meios, dentro da circunscrição da órbita de sua teologia, para demonstrar a verdade da asserção que o conforto deve ser dado ao que pranteia. O que ele pode descobrir, entre os credos da Igreja e os dogmas, que trará conforto? Mas no lugar de garantias vagas e vazias, a verdade das leis espirituais e sua ação *trarão* conforto imenso. Mas o conforto deve ser buscado.

Nunca foi intenção que os dois mundos, o seu e o nosso, devessem ser tratados como dois mundos apartados, jamais tendo comunicação, em hora alguma, um com o outro. Por que não deveriam nossos dois mundos manter uma conversa regular e natural entre si? Esta comunicabilidade existe, sempre existiu e, mais ainda, sempre existirá. Pode ter sido, e é, cultivada por poucos, comparativamente, é verdade, mas é a maioria que perde com isso.

Esta comunicabilidade é uma das verdadeiras bênçãos conferidas aos dois mundos pela Grande Mente que determina tais coisas.

As pessoas falam livremente da vontade de Deus porque os queridos desceram à tumba (assim eles pensam) e dali em diante silenciaram. E a dor dos que estes deixaram para trás, na terra? É a vontade de Deus, então, que tal sofrimento venha sobre eles. Que imputação infame é esta ao Pai do Céu, que Ele tenha deliberadamente planejado as coisas no universo de forma tão rude que uma infelicidade tão profunda tenha que ser espalhada por toda a terra!

Nós, no mundo espiritual, podemos saber pouco da vontade de Deus, mas pelo menos *sabemos o que Ele jamais faria*. Ele nunca causaria sofrimento, de qualquer tipo, para nenhuma criatura vivente, tanto na terra como no mundo espiritual. Do Pai do Céu pode vir apenas o que é bom e o que seja pela felicidade da humanidade.

Cada alma nascida na terra deve passar pelo portal da 'morte' antes de tomar residência permanente no mundo espiritual. Mas, com a sua passagem para o mundo espiritual pela morte do corpo físico, as circunstâncias naturais e usuais são que outros devam ser deixados para trás, para continuarem suas vidas terrenas até que chegue o tempo em que também eles passem para estes planos. Não era intenção que uma barreira inexpugnável de silêncio fosse erigida entre os que passaram ao mundo espiritual e os que ainda estão na terra.

Os meios sempre existiram, pelos quais um intercâmbio natural, normal e feliz entre os dois mundos fosse desfrutado para sempre pelos habitantes de ambos os mundos. Se as pessoas, em sua estagnação e estupidez, ou em sua cegueira e teimosia, desejam deixar de lado as *bênçãos* maiores que um despenseiro sábio providenciou para seu conforto, eles não têm, a não ser eles mesmos, ninguém a culpar por sua dor. Mas muitas das grandiosas mentes da terra encaram até mesmo pensar na comunicação direta entre os dois mundos como lixo, coisa *não demonstrada*, insalubre, mórbida, e até completa loucura – de acordo com a sua grande sabedoria.

As Igrejas ortodoxas sustentam estes, em quaisquer objeções que possam levantar. Assim que surja uma objeção, será sustentada. Ao mesmo tempo, sustentam o Novo Testamento, cada palavra dele, apesar de não terem a mais pálida noção do que signifiquem as palavras, ou nem compreendem, nem de forma vaga, o que as palavras *devem* significar, não podem conceber quanto conforto poderia ser obtido, e eles não estão em posição, certamente, de providenciá-lo.

Quando Jesus pronunciou estas palavras, ele estava fazendo uma declaração da verdade absoluta, e então procedeu ao desenvolvimento de seu tema sobre os fatos verdadeiros das leis espirituais. Ele via sobre ele, naqueles tempos antigos, a mesma dor da perda que pode ser testemunhada hoje em dia na terra. A humanidade não mudou a este respeito. Havia – e sempre haverá – dor pela partida de um amigo ou parente para o mundo espiritual, enquanto durarem as afeições humanas. As afeições humanas têm seus galardões; elas também têm suas dores, e nada é tão pungente quando na transição de alguém querido.

Jesus observou o estado natural das coisas em torno dele. Seu ensinamento nesta ocasião em particular, entre muitas de descrição similar, providenciou a resposta satisfatória para este problema de sofrimento e tristeza humanos. Ele não se contentou em meramente fazer o pronunciamento de que os que choram deverão ser confortados, mas falou aos ouvintes *como* os que choram poderiam encontrar o conforto. E o meio tão prontamente à mão não era a 'fé' ou a submissão à vontade de Deus, mas os fatos claros da comunicação entre os dois planos e como poderia ser alcançado.

Quem seria melhor qualificado para falar de tal tema, senão o próprio Jesus? Ninguém, pois ele praticava exatamente o que pregava. Suas próprias faculdades psíquicas foram desenvolvidas durante um longo período de anos, sob a orientação cuidadosa do mundo espiritual. Ele podia falar, aos que ouviam, que a 'morte' não é a tragédia opressiva que o povo na terra sempre pensou que fosse. A terra estava de posse plena de inúmeras bênçãos conferidas a ela pela ação de leis naturais. Estas mesmas leis existem e agem hoje em dia, mas são expostas, não pelos expoentes da Ortodoxia, como deveria ser, mas pelos poucos, comparativamente, que estão fora do reinado das crenças ortodoxas.

Os problemas com que Jesus se confrontou ao apresentar seu tema por completo, sobre a verdade eterna que os que choram serão confortados, eram problemas que têm sua contraparte na terra a este momento. Seu principal oponente era a Igreja de seus dias. A principal arma do arsenal eclesiástico de todos os tempos e de todas as denominações é a arma do medo, fundamentado sobre estranhos mistérios e uma concepção total e completamente errônea do caráter e a natureza do Pai do universo. As Escrituras em si são feitas para gritar a confirmação textual de muitas das crenças inexplicáveis e teorias religiosas nas quais a Ortodoxia coloca tanta confiança.

O livro que deveria estar fornecendo aos professores religiosos da terra a verdade vital concernente a vida de cada um depois da terra, e a natureza das coisas que se pode esperar depois que a vida terrena termine, este livro foi feito campo de batalha para as religiões contendoras, com a conseqüente fundação de centenas de religiões de denominações diferentes, em desacordo umas com as outras, algumas delas clamando que Jesus é o próprio Deus, outras negando-o. Se estas mesmas Escrituras não tivessem sido tão grosseiramente falsificadas, a verdade completa estaria lá, para todos verem. Mas para a verdade ser vista às claras, na luz do dia, teria que ser pronunciado o julgamento da Ortodoxia, como mais tarde seria conhecido.

Onde ficaria a autoridade de qualquer Igreja não baseada e moldada sobre a verdade, se o indivíduo fosse capaz de providenciar, por si mesmo e pelos seus poderes psíquicos, tudo o que fosse necessário para sua vida espiritual na terra, e pela sua conduta sã no mundo espiritual –

sem o auxílio de nenhuma crença obscura, sem nenhuma performance religiosa e inteiramente livre do medo?

Pela prática desta simples 'religião' da comunicação com o mundo espiritual, não somente o indivíduo seria o receptor de ensinamentos espirituais para a melhoria da posição que ele ocupará imediatamente depois de sua transição, mas também durante a sua vida sobre a terra ele poderia conversar constante e facilmente com seus amigos e parentes que já haviam passado para os planos espirituais antes dele.

Não haveria pranto, já que o pranteador estaria confortado pela conversa que poderia desfrutar a qualquer momento com os que o 'precederam'. Seus amigos no mundo espiritual poderiam dizer-lhe como estão passando, o que lhes aconteceu depois da experiência de 'morrer', do mesmo jeito que pude fazer contando a vocês, meus bons amigos, algumas de minhas experiências desde que vim morar nestes planos.

Vocês não lamentaram a minha passagem? Sei que o fizeram, mas também sei com que alegria vocês deram as boas vindas, naqueles primeiros tempos, às notícias de que eu estava bem, e fiquei mais sensibilizado com a alegria ainda maior com a qual saudaram meu retorno para falar a vocês. Há outra forma pela qual este estado feliz e alegre pudesse ser atingido? Nenhum.

Jesus contou àquelas pessoas simples que se sentavam a seus pés, a forma pela qual os que choram seria consolados, e hoje estamos pondo em ação as mesmas leis cuja ação ele lhes expôs. Jesus tinha seus próprios amigos no mundo espiritual, com quem conversava constantemente, como está sendo feito hoje, no plano terreno. Ele podia comparar as formas de religiões ortodoxas que havia em torno dele com a grande verdade que ele conhecia. E ele se dispôs a espalhar as 'boas novas' diante de seu próprio povo.

Ele usou palavras e empregou termos que seus ouvintes infalivelmente entenderiam. Ocasionalmente, ele deixava velado seu significado por razões de diplomacia, mas em nenhum caso, durante seu discurso particular, ele deixou sua audiência inteiramente em dúvida quanto ao significado preciso. Ele falou como uma pessoa normal falaria, tendo o conhecimento dos fatos, e sempre teve em mente o grau da mentalidade de seus ouvintes. Eles eram pessoas simples, iletradas e incultas, que estariam mais familiarizadas com as coisas simples do que com os ensinamentos confusos sobre temas que estivessem longe e além de sua limitada compreensão.

Os ensinamentos maiores e mais simples de todos não foram registrados nos evangelhos. Os doutores da Igreja forjaram estragos como foi exposto, e uma ampla variedade de 'interpretações' foi dada aos textos mutilados. Mas, apesar deles, os que choram continuarão a ser confortados da única maneira possível.

JUSTIÇA E MISERICÓRDIA

Parece não terem fim as interpretações ingênuas que foram dadas a algumas das declarações mais simples que Jesus fez durante sua breve vida na terra. Em muitas vezes, estas interpretações são baseadas em premissas falsas.

Tanta religiosidade foi entremeada quase que em cada palavra nos evangelhos, que parece que a verdade das declarações claras se perdeu em pronunciamentos portentosos dos teólogos e doutores da Igreja.

Talvez seja argumentado, no caso das bem-aventuranças, que se elas são, como afirmei, apenas textos de um discurso completo, então os teólogos fizeram o que melhor podiam com o pouco material que tinham à disposição. Não se espera que eles saibam o conteúdo do discurso inteiro. E eles teriam o direito de assumir que isto ou aquilo foi dito, quando não há evidências quaisquer do que foi dito. Isto seria uma prática perigosa demais, e deveria ser logo condenada.

Nós, do mundo espiritual, podemos ver como a autoridade procedeu em suas interpretações. As falsas premissas, às quais acabei de aludir, são suposições de que os evangelhos são a palavra inspirada de Deus, e que Jesus é, ele mesmo, Deus.

Os evangelhos tornaram-se o principal fundamento de muitas religiões da terra. A religião tornou-se uma parte separada da vida do homem sobre a terra, para ser praticada ou ignorada, conforme a predileção do indivíduo possa decidir. A religião, para muitos encarnados, significa uma sucessão de idas à igreja em intervalos regulares, ou meramente uma crença cega em cada palavra que está contida no Novo Testamento, estando entendida ou não.

Se uma religião em particular prefere introduzir um pequeno ritual em seus serviços, este ritual é marcado como superstição pelos outros de seitas opositoras. Mas a verdade, com podemos vê-la do mundo espiritual, é a que maioria das religiões, como elas se constituem agora na terra, nada mais são do que superstição completa. É superstição gerada pela ignorância ou pela falta de conhecimento das verdades da vida, da forma como ela é vivida no mundo espiritual.

O após-vida é encarado pelos ignorantes como um lugar sagrado onde, de um lado tem a ver com o céu; do 'inferno' nem é bom pensar. Mas a Igreja mantém a perspectiva dela sempre diante das mentes dos 'crentes' como um instrumento de medo, para atemorizar as pessoas para um modo de vida apropriado enquanto estiverem na terra.

Céu, então, nas mentes de tantos seguidores, é um lugar religioso onde a alma será perpetuamente 'mantida' em um êxtase de fervor piedoso, onde as constantes 'orações e ladainhas' serão a ordem do dia para a eternidade – e muita coisa mais, sempre nestas linhas de devoção. Se nos comportamos enquanto estivermos na terra e fizermos o melhor que pudermos, então, quando nossa hora chegar, por mais amedrontador que seja, poderemos nos lançar sobre a misericórdia de Deus. *Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão a misericórdia.*

(NT: Mt, 5, 7)

A interpretação disto é perfeitamente simples, diria o clérigo. Simplesmente significa que, de acordo com o que tivermos tido de misericórdia pelos outros na terra, assim receberemos misericórdia na terra e, assim também, Deus será misericordioso conosco.

Então lemos que *Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos*

(NT: Mt 5, 6).

Alguns que praticam esta bem-aventurança preferem a palavra *retidão* no lugar de *justiça*. A retidão, neste caso, é da pessoa que busca alcançar aquela realização espiritual conhecida por piedade, uma palavra que não gostamos no mundo espiritual. Soa mais a santarrão, a uma crença de que a mera piedade trará felicidade incontável no mundo espiritual aos que a praticam na terra. Lembra, a alguns de nós do mundo espiritual, as muitas abominações que aconteceram em nome da 'religião'.

No mundo espiritual, a piedade não necessita ser nomeada. Se por piedade queremos significar *reverenciar* a Deus, então reverenciamos o Pai do universo sem a necessidade de ser bajulado por isso ou ameaçado por penalidades terríveis se não a cultivarmos. Nós a praticamos sem que se diga que é devido a Ele, que é Seu direito, e que Ele pede isso. Até o pensamento de que uma pessoa deveria desejar ser muito piedosa sobre a terra não é um pensamento verdadeiro. Poucas pessoas, *se forem realmente honestas consigo mesmas*, são plenas de piedade, nem querem ser.

Conosco no mundo espiritual, Deus não é algum Ser terrível que deve ser apaziguado constantemente, presenteado, temido pelas punições temerárias com as quais Ele pode nos castigar instantaneamente. Sabemos que isto é uma concepção completamente fantástica do Maior Ser, cujo desejo é a *felicidade* de todas as criaturas viventes. Deus é encarado na terra como o Grande e Temível Juiz de toda a humanidade, mas um Juiz que é misericordioso, se merecermos a misericórdia e a pedirmos a Ele.

Mas se a misericórdia fosse distribuída desta forma, que valor teria a justiça? Justiça, a justiça estrita – e esta é a única justiça que há no mundo espiritual – e a misericórdia não podem andar juntas nestes planos. A misericórdia pertence ao plano terreno, não ao mundo espiritual. De que forma, ou sob quais circunstâncias, poderíamos nós, no mundo espiritual, distribuir misericórdia a alguém? Não há jeito; nenhuma condição ou circunstância prevalece.

A misericórdia implica em remissão de alguma penalidade, ou parte de alguma penalidade, em que se tenha incorrido ao cometermos alguma infração. Se alguma pessoa cometeu um delito contra nós, esta pessoa que a cometeu tem que se culpar pelas conseqüências. Nós podemos perdoar sinceramente, mas a penalidade ainda prevalecerá. É uma penalidade que o indivíduo imputou a si mesmo. Não foi Deus que fez isso. Não é uma infração contra Deus. Nenhuma pessoa na terra ou no mundo espiritual pode atingir o Ser Supremo. Nenhuma idéia ou pensamento, nenhum ato, mesmo maldoso ou bárbaro, nenhum vício, nenhuma obscenidade, nenhuma blasfêmia ou maldição pode chegar perto de milhares de milhares de milhas do Pai do universo. Qualquer um dos horrores espirituais catalogados que eu já enumerei pode afligir – e o fazem – um irmão mortal, mas a maioria deles afligirá os perpetradores. Eles não ofenderam a Deus; acarretaram desastres medonhos a eles mesmos. Incorreram contra as leis do mundo espiritual, entre as principais delas está a lei de causa e efeito. O Pai dos Céus mitigaria um centavo da punição merecida por infringir uma só das leis naturais? Se Ele assim o fizesse, onde estaria a justiça irrestrita?

A idéia de que o homem está constantemente ofendendo Deus é cruel. Aliado a isto, está a noção igualmente cruel de que Deus impinge punições não somente aos indivíduos, mas sobre toda uma nação ou continente. As guerras que os homens provocam sobre a terra seriam, e é assim que vocês aprendem com os teólogos, atos diretos infligidos por Deus para a punição pelo maldoso modo de viver que a nação beligerante, ou nações, adotou.

Ambos contendores estão incluídos nesta condenação, por isso temos o espetáculo de duas ou mais nações atacando uma à outra, privando uma à outra de todo o modo normal de vida na terra, de acordo com o método, considerado como sendo de um Ser supremo e onisciente, de punir os erros da humanidade. Que paródia grosseira! E quando grandes tempestades, ou furacões, ou pestilências varrem a terra toda, deixando para trás o desastre, a desolação e a dor, estes também são o produto da mesma Mente infinita. Outra caricatura grotesca!

Deixem-me dizer uma vez mais: do Pai do universo não pode vir nada que não seja o bem, o mais elevado e grandioso. Guerras, tempestades e furacões não são a obra de Deus. A guerra é o trabalho do homem, e só do homem; revoluções meteorológicas são apenas obras de forças naturais.

O Pai do universo não é um Juiz terrível 'que virá para julgar os vivos e os mortos'. Ele não julga ninguém. Aonde vêm, então, a misericórdia e de que forma? Onde poderemos, nós do mundo espiritual, mostrar misericórdia? Não podemos julgar; não podemos condenar; não podemos sentenciar. Perdão por alguma ofensa – sim, podemos dar, e o fazemos com sinceridade, do fundo do coração. Mas com todo o nosso perdão dado livremente, plenamente,

finalmente, não podemos remover um só pequenino elemento dos efeitos que certas causas acarretaram, daquela forma, a ele que nos ofendeu.

Podemos – e o fazemos – ajudar tal indivíduo com a expressão do fato de que perdoamos e esquecemos a falta de nosso irmão em toda a sua extensão. Podemos ajudá-lo a recuperar o nível espiritual que ele perdeu. O perdão não conseguiria nada por ele mesmo, além de estabelecer o tipo certo de relacionamento entre duas pessoas. Podemos desejar com todo o nosso coração que consiga melhorar sua posição infeliz; poderíamos estar cheios de misericórdia em direção aos que nos injuriaram. Este sentimento de misericórdia traduzir-se-ia numa simpatia profunda e em compreensão, mas só vai até aí. As penalidades auto-infligidas continuam as mesmas, não podemos diminuí-las, nem em uma pequena fração.

A misericórdia é uma qualidade que só pode ser praticada na terra, pela qual merecemos um rico galardão ao demonstrarmos esta esplêndida qualidade durante nossas vidas terrenas. Mas assim que passamos para o mundo espiritual, a misericórdia cessa. A justiça toma o seu lugar, e a justiça é a ação da lei de causa e efeito. É a justiça que é incorruptível, infalível, imparcial, certa. Não há como fugir dela; ela é exercida sobre todas as pessoas de forma igual, de qualquer nação, credo, cor, idade ou sexo.

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos. Muitos buscam por justiça na terra, e não conseguem obtê-la. Aqui no mundo espiritual eles a recebem fartamente. A medida é completa, até a borda, asseguro-lhes. Os que negaram fazer justiça na terra, *eles, também*, encontrarão justiça. Vão experimentar o que a justiça real pode ser. Jesus sabia disto quando pronunciou estas palavras. Ele via a injustiça em torno dele na parte do mundo onde ele viveu, e sabia onde a justiça estrita seria eventualmente encontrada – no mundo espiritual.

Mas ele também sabia que a misericórdia não vem de Deus, mas dos homens, para seus irmãos. São os teólogos que forjaram esta concepção singular do Pai. Foram eles que metamorfosearam o Grande Pai num juiz temível e duro.

Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos. (NT: Mt, 25, 41) Aqui no evangelho se supõe que temos as verdadeiras palavras com as quais Deus condenará o transgressor. No mundo espiritual, enche-nos de inexplicável horror contemplar a enormidade de pessoas ensinando autoritariamente a outros que o Pai de todos nós pode proferir palavras de condenação tão temerárias. E estas palavras são postas na boca de Jesus, embora deva se dizer que, finalmente, dúvidas honestas estão surgindo nas mentes de clérigos da terra, sobre se aquilo que Jesus tenha dito foi, verdadeiramente, pronunciado por ele.

Certamente, esta sentença maldosa sobre o transgressor deve ser colocada na listas das proclamações de Jesus jamais fez. De fato, ele não pronunciaria esta completa mentira sem-vergonha. Não há nem um átomo de verdade nela. Nem há qualquer verdade em qualquer sentença do Novo Testamento onde esteja especificamente colocado que o homem deve ser *condenado* por toda a eternidade, não importa quão grande seja a enormidade de seus 'pecados'.

Não há um terrível Dia do Julgamento, mesmo que digam que aconteça imediatamente após a passagem do homem ao mundo espiritual, ou até num momento posterior, não especificado. Eu já lhes disse isto antes. Correndo o risco de parecer cansativo, não posso deixar de repetir.

O temor do Dia do Julgamento – ou de ser convocado diante da Alta Corte do Céu para ser julgado e sentenciado – qualquer uma destas, ou ambas, convicções ultrajantes foram uma praga sobre toda a terra por centenas de anos terrenos. Deixaram muitas e muitas almas apreciáveis no mais completo desespero. Muitos outros, com mentes sensíveis, passaram suas vidas terrenas num estado de terror espiritual, por causa do terrível dia que supostamente os espera ao fecharem os olhos para as vidas terrenas.

É parte de meu trabalho no mundo espiritual estar por perto quando as pessoas estão fazendo sua entrada nestes planos como residentes, por isso falo de primeira mão quando lhes conto do terror abjeto que consome tantos pobres espíritos em seu momento de transição. Em vez do inverno de suas vidas terrenas passar a ser, gentilmente, a gloriosa, fresca e fragrante primavera de sua vida nova nestes planos, eles chegam aqui cheios de terror. Tais crenças são

reliquias de puro paganismo, mas esta ficção maldosa que foi mantida e disseminada pela Igreja, como forma de inspirar o medo nos corações de seus 'fiéis'. Como um anterior padre da Igreja, eu lamento, profunda e seriamente, ter sempre pronunciado estes ensinamentos errôneos. E há hostes iguais a mim.

O homem foi brandido pelos teólogos como sendo algo muito malévolos; tanto reforço tem sido dado em cima de 'pecador', e o Pai do universo é alegado como sendo duro e terrível (sempre o terrível Grande Juiz), que não espanta que o homem na terra volte-se esperançoso, por mais aflito que esteja, para a misericórdia que pode ser que lhe seja dada.

O mais que o homem médio na terra pode fazer, é esperar pelo melhor, esperar que talvez as coisas possam não ser tão terríveis para ele no após-vida, quanto lhe disseram que seria. Ele não tem certeza disto, e a Igreja diria que ele não tem o direito de assumir nada, mas pode pensar em silêncio algumas vezes. E derivadas daqueles pensamentos silenciosos, ele poderá ter algumas percepções espirituais, poderá receber alguma pequena inspiração vinda de algum amigo invisível do mundo espiritual – e deixar os teólogos e os professores religiosos oficiais, com seus incompreensíveis credos e dogmas, e sua presunção espiritual.

Porque ninguém é mais presunçoso que o teólogo, o qual, sabendo pouco ou quase nada da verdade em assuntos espirituais, professa saber muito.

O medo é a arma mais forte, a arma mais mortífera, no arsenal teológico. Por centenas de anos, a Ortodoxia brandiu esta arma para inspirar temor nos corações humanos – por causa das supostas penalidades que serão os seus infortúnios, a serem sofridos quando passarem para o 'próximo mundo' se tiverem se comportado mal na terra. A pior sentença de todas é dizer que alguém foi condenado ao inferno por toda a eternidade, onde o 'pecador' ficará para sempre em um fogo estranho que queima sempre, mas não o consumirá.

Mas não se pense que não há um dia de avaliação para toda a humanidade. Seguramente que há. E este momento se apresenta imediatamente, quando somos retirados do corpo físico pela 'morte'. Dali em diante, cada dia – para se usar termos terrenos – cada momento do dia torna-se nosso tempo de avaliação. Nós nos julgamos conforme adentramos no mundo espiritual. Não passamos por uma corte formal de inquirição sobre as nossas ações de nossa vida, mas a inevitável lei de causa e efeito, sendo sempre ativa, nos provê com a verdadeira essência da progressão. Nós nos provemos da causa; desta forma, colocamos em ação a lei. E a lei produz seus efeitos. É assim que progredimos no mundo espiritual. Não há ninguém que nos julgue, a não ser nós mesmos, e podemos ser duros e inflexíveis a nós mesmos!

Eu quero me fazer perfeitamente claro quando digo que o homem julga a si mesmo. Não estou falando figurativamente, nem estou sugerindo que quando cada alma chega no mundo espiritual, torna-se tão iluminada que imediatamente percebe, com total compreensão, todos os erros de sua vida. Se fosse assim, não demoraria e os reinos inferiores de treva e os planos de sombra ficariam logo sem os seus habitantes. Eu quero dizer simplesmente isso: a lei de causa e efeito está em operação contínua em cada pessoa que nasceu na terra, desde o momento de seu primeiro suspiro esboçado naquele plano de existência, por toda a sua vida terrena e continua assim depois que passa para cá, ao mundo espiritual. A ação daquela lei é, com efeito, precisamente como se um processo completo de julgamento fosse colocado em movimento sob a presidência de um indivíduo. Isto é exatamente o que *acontece*, sendo que o indivíduo que preside somos nós mesmos.

Vamos considerar uma simples analogia. Se escolhêssemos voluntariamente enfiar nossas mãos numa chama ardente, sofreríamos a agonia mais cruciante por causa de nossos dedos queimados. Poderíamos culpar uma só alma por nossa ação imprudente? Certamente que não, pois o que fizemos, fizemos por nosso livre arbítrio. Estávamos cômicos de que era um ato louco, mas persistimos em fazê-lo. Poderíamos culpar o fogo por nos queimar? Novamente, certamente que não, já que é da natureza do fogo que ele queime, e é simplesmente a lei de causa e efeito em ação.

Minha analogia é bastante elementar, mas tem sua aplicação direta, porque uma vida esbanjada, uma vida vivida na terra em uma série de transgressões, terá o mesmo efeito sobre nós – um efeito que será plenamente revelado quando chegarmos no plano espiritual – como se

tivéssemos posto nossas mãos nas chamas da fogueira. Vemos o que fizemos, vemos os resultados do que fizemos.

Vemos onde está a culpa; vemos aquilo que fizemos a nós mesmos. Percebemos infalivelmente que a culpa é nossa, culpa de mais ninguém, e, portanto, não podemos culpar ninguém mais. O que fizemos, fizemos deliberadamente e por nosso próprio livre arbítrio. Nossa razão era má, ou, alternativamente, nossa razão não era boa. Aplicando esta regra às nossas vidas terrenas, pois é das nossas vidas na terra de que tratamos no momento, você observará exatamente onde Deus entra em nossa verdadeira avaliação espiritual. Ele entra em lugar algum. Ele não está nos julgando; Ele não nos julgará, nem no momento de nossa transição, ou em algum momento posterior. Não há, de fato, necessidade para que Ele – ou qualquer outra pessoa – faça o julgamento. Nós seremos compelidos a fazê-lo mais eficientemente.

Voltando à minha analogia. Temos apenas que olhar para as nossas mãos queimadas para toda a história se revelar por si mesma em nossas mentes, com toda a verdade. Outros, também, podem ver as queimaduras terríveis, mas não precisam saber como aconteceram. Nós não temos obrigação de contar a eles, mas chegará a hora em que ficaremos felizes em aliviar nossas mentes incomodadas pela carga de sofrimento e tristeza.

Para que meus bons amigos na terra não me levem ao pé da letra, ou erradamente se desviem de minha pequena analogia, deixem-me que me apresse em assegurar-lhes de que não há chamas aqui no mundo espiritual. Aquelas chamas terríveis do inferno não têm lugar na economia do mundo espiritual!

Estou falando bastante sobre este tema em particular, do Julgamento e o Dia do Julgamento, porque tenho em mente minhas próprias experiências terrenas, das quais eu sei, como vocês também, a extensão universal da convicção – e o medo que inspira. Quero remover o medo, se possível, e, ao fazê-lo, trazer algum brilho e alegria às vidas e aos pensamentos de meus bons amigos da terra. Mas, acima de tudo, é meu maior desejo que meus amigos tenham uma melhor e mais profunda compreensão do Grande Pai do universo, já que Ele é quem as religiões ortodoxas traduzem tão abominavelmente e ultrajantemente, ao transformá-Lo num Juiz terrível e severo, de Quem a nossa principal esperança é a misericórdia.

De nossa discussão sobre a misericórdia e justiça, uma ou duas questões subsidiárias podem vir às suas mentes, e é oportuno respondê-las agora. Por exemplo, podem perguntar: como a justiça atua exatamente, no mundo espiritual? Justiça, como a que conhecemos na terra, deve ser dispensada por alguém. Não pode voltar-se para si mesma, se estamos considerando algum caso em particular.

Agora, meu bom amigo, esta pergunta é difícil de responder, a menos que sejamos peritos ou especialistas espirituais. Suponha que eu perguntasse a você como o fogo queimou aquela mão. De que era composta aquela chama e como ela queimou? Aí então penso que nos vemos na mesma posição relativa. Podemos, quando muito, dizer o que acontece em algum caso em particular, e podemos estar bem familiarizados com certos efeitos, mas não somos conhecedores das forças reais que são colocadas em ação, nem como elas operam. Podemos, entretanto, lançar uma pequena luz neste tema.

Justiça, como agora a estamos considerando, é um termo bastante abrangente. No mundo espiritual significa que não é apenas o transgressor que receberá por seus méritos justos, significa também que todos os que sofreram durante suas vidas terrenas, por fatos maus, ou outros, ou por tensão de circunstâncias adversas, ou por doenças e defeitos do corpo físico, para todas estas pessoas serão conferidas as medidas de compensação através de meios naturais que são abundantes e pródigos no mundo espiritual. Justiça, você verá, será dada aos que sofreram pela falta de alguém.

Uma longa corrente de circunstâncias e eventos pode levar para as eventuais aflições de um indivíduo, mas a justiça será feita para a pessoa, livre e completamente. Talvez você já tenha conhecimento de algumas das múltiplas delícias que podem ser encontradas nestes reinos de luz, e a suprema alegria que elas trazem a nós aqui, e trarão, aos milhares que, no futuro, vierem a estes reinos. Ali está a compensação por tudo o que possam ter passado, e ainda não achei ninguém que não concorde sinceramente comigo, quando digo que a alegria que deriva daqui excede, em muito, toda e qualquer infelicidade que nos aconteceu durante nossa vida terrena. O

encarnado precisa não ter medo desta comparação. A compensação é prodigamente distribuída. Mas há também a justiça que acontece ao que praticou o mal.

Os atos e pensamentos de nossas vidas terrenas são registrados em nós e, desta forma, a história de nossa vida está indelevelmente registrada em nossas memórias infalíveis. Para entender isto, vocês devem, antes de tudo, saber de um fato simples do conhecimento espiritual: espiritualidade significa luz; a ausência de espiritualidade significa escuridão. Não estou falando figurativamente, mas literalmente. A luz é luz *real*, exatamente como vocês a têm na terra, num dia de luz de verão, e não é 'experiência espiritual'. A escuridão é infernal, a completa ausência de luz, e pode ser mais negra que a escuridão da mais escura noite de um inverno deserto e amargo na terra, ou de algum calabouço profundo e tenebroso sob a terra.

Os indivíduos que vivem nestes dois estados contrastantes de luz e escuridão marcam exatamente seus entornos de brilho e de escuridão em si mesmos. Seus corpos e suas vestimentas corresponderão minuciosamente com suas habitações. Nos reinos brilhantes, onde tenho a fortuna de viver, nossas roupagens e nossas formas físicas têm tanto brilho quanto nossa vizinhança. O mesmo estado de coisas acontece nos reinos maiores e mais elevados sobre nós, a um grau que é indescritível através das palavras terrenas. Ainda mais, os rostos dos seres elevados que habitam tais reinos alinham-se com a alta espiritualidade de seus reinos.

Nos reinos trevosos, acontece o reverso. Os cidadãos são terríveis em suas formas e feições, deformados algumas vezes até ficarem longe da aparência humana que um dia tiveram. De fato, quando estiveram na terra, podem ter sido elegantes nas formas e bonitos nas características, mas agora estão reduzidos a seu verdadeiro status. Suas roupas podem ser trapos sujos, uma mera imitação de roupa. Podem apresentar um espetáculo tão revoltante que qualquer um recuaria diante de um contato com eles. Os fatos principais de suas vidas reagiram neles, tanto no corpo quanto na mente. Eles não têm nenhum lampejo de *luz* perceptível, e suas habitações também, da mesma forma, têm falta de luz. Vocês verão o que quero dizer quando repito que a espiritualidade significa luz, a ausência de espiritualidade significa escuridão.

Vocês também observarão a monumental estupidez da Ortodoxia quando, em sua cegueira, pronuncia pontificalmente que nós, que voltamos do mundo espiritual para falarmos com nossos amigos da terra, somos nada mais que *demônios do inferno mascarados de anjos!* Não há máscaras aqui, asseguro a vocês, meus bons amigos.

Em nenhum lugar do mundo espiritual é possível para ninguém, de qualquer tipo, assumir uma cintilação de luz que não seja completa e absolutamente sua mesmo. Nenhuma pessoa pode dotar outra com luz, temporaria ou permanentemente. A luz que emana de nós é o resultado do trabalho a lei de causa e efeito – que é justiça.

Outra questão que pode vir às suas mentes é esta: como pode uma pessoa ir, automaticamente, como parece, para o lugar exato que mereceu? Quem decide esta questão?

Para responder a última pergunta em primeiro lugar: ninguém decide os assuntos de outra pessoa; a pessoa decide por si mesma. Ele vai automaticamente para sua habitação certa, porque esta é a habitação para a qual ele se ajustou. Ele está sintonizado para aquela habitação de uma maneira que vou explicar a vocês. Pela mesma razão, não há temor de que um indivíduo suba ou escape dos reinos escuros, se ele foi condenado para tais regiões. A razão é esta: a espécie de vida que cada um leva na terra reage diretamente sobre a sua contrapartida espiritual; em outras palavras, o corpo espiritual de alguém terá exatamente o grau de luz que é resultante de sua vida na terra.

Se a sua vida foi má em todos os sentidos, então o corpo espiritual terá pouca ou nenhuma luz. A esfera para qual ele irá no mundo espiritual terá exatamente o mesmo grau de luz que o corpo espiritual tem, nem mais, nem menos. Os dois coincidem perfeitamente, estão sintonizados.

Podemos fazer uma analogia simples com os oceanos da terra. O mar, como vocês sabem, é composto de águas de várias densidades, nas quais miríades de criaturas estão vivendo, segregadas de acordo com as várias densidades. Estão ajustados à particular pressão de água pela construção de seus corpos físicos. Se, falando amplamente, criaturas que ocupam águas de alguma densidade tentassem entrar em outra, de densidade diferente, trariam a

destruição a eles mesmos. se fossem longe demais. Eles seriam advertidos de qualquer invasão ou desvio de sua esfera correta através de um desconforto agudo ou de um sofrimento.

As barreiras entre estas duas densidades diferentes são invisíveis, mas estão ali, apesar de tudo. Agora, se deixarmos o oceano e formos para terras secas, veremos que os seres humanos sofrerão de aflições agudas e podem terminar suas vidas terrenas se penetrarem em regiões de pressão atmosférica à qual não estejam acostumados, ou para a qual não estejam prevenidos com aparatos especiais, com os quais possam contrabalançar esta densidade atmosférica a que não estão acostumados.

Talvez vocês encontrem uma grande dificuldade de respirar nas alturas de uma montanha elevada. Quando se aventuram a altas altitudes no ar, vocês devem estar bem protegidos, ou sua vida terrena rapidamente se extinguirá rapidamente. Novamente, as barreiras são invisíveis, mas não menos reais. É assim no mundo espiritual. Nas regiões trevosas do mundo espiritual, a densidade – se é que podemos chamar assim – é enorme, da forma que podem computar estas coisas. Os habitantes dos reinos mais elevados podem entrar ali apenas bastante protegidos pelos ‘aparatos’ espirituais. Eu uso o termo ‘aparato’ no sentido figurativo apenas. Nós, realmente, não usamos nenhuma roupa espiritual especial, ou outros impedimentos para este propósito. A proteção particular que é necessária é fornecida pelas nossas habilidades mentais. Devemos aprender como dominar este processo mental antes de nos aventurarmos nos reinos trevosos e, mesmo assim, um cicerone experimentado é indispensável.

Quando somos convidados para fazermos uma visita aos reinos mais elevados que aqueles nos quais habitamos normalmente, algum habitante do reino mais elevado estará presente para nos equipar para a jornada. Este é um processo que não podemos tentar fazer por nós mesmos, pois necessita de força extra que não possuímos em nós.

Quando andamos por nosso reino em particular, eventualmente chegaremos a um lugar ou localidade em que não nos sentiremos tão confortáveis como estávamos. Veremos e sentiremos que a luz está ficando mais intensa, e não conseguiremos suportá-la. Esta é uma das barreiras invisíveis do reino (a intensidade de luz aumentada, per si, pode não constituir uma barreira). Ali é onde a densidade relativa está começando a mudar.

Assim é através de todo o domínio do mundo espiritual. Cada um de nós habitará naquela região onde se sentirá confortável. Mesmo nos reinos trevosos esta regra se aplica, apesar de que pode soar estranho para os seus ouvidos terrenos falar em conforto nestas regiões indignas. Mas qualquer que seja a aflição que aconteça a uma alma nas trevas, não é tanto do reino onde ele vive, mas do estado mental em que ele se lançou. O reino em si não inflige torturas sobre ele. Seus companheiros fazem isto. Ele está inevitavelmente condenado a viver ali; seu próprio estado espiritual vai mantê-lo ali, até que chegue o tempo em que ele sinta vontade de progredir.

Assim, vocês verão plenamente que a justiça no mundo espiritual é a ação da lei da causa e efeito, e que não requer nenhum administrador, a não ser nós mesmos. Infligimos a nós mesmos a condição em que nos encontramos. A quem podemos gritar por misericórdia? O perdão que podemos receber de outro não vai nos levar mais longe no caminho. Nós pagamos o preço até o último centavo. Nossas feridas são auto-infligidas, não podemos culpar a não ser a nós mesmos. Ele não nos condenou; nós não O ofendemos; Ele não tem nada a nos perdoar. Nós é que transgredimos *leis* espirituais. Isto, e somente isto. Por que choraríamos por misericórdia? Que direito temos de chorar por misericórdia? Sabíamos que o fogo queima e chamosca – para retornarmos à analogia anterior – mas mesmo assim, deliberadamente pusemos nossas mãos nas chamas.

Bem-aventurados são os misericordiosos *na terra*. Bem-aventurados são os que buscam a justiça, porque serão fartos *no mundo espiritual*.

ORAÇÃO

Tenho enfatizado constantemente, espero que não ao ponto de ser tedioso, que no mundo espiritual não vivemos num estado perene de êxtase espiritual, nem estamos mergulhados numa atmosfera de emoção religiosa fervorosa com uma vida de um ciclo sem fim de 'oração e exaltação' e cantorias de 'salmos, e hinos, e cânticos espirituais' ofertados numa torrente incessante ao 'grande trono'.

Não somos o que o plano terreno chamaria de religiosos, pela simples razão de que não temos religião da forma como ela é conhecida – mas muito pouco entendida – na terra.

Fui sutilmente sensibilizado para a necessidade urgente de acentuar estes pontos, porque afetam toda a visão de muitas pessoas da terra em suas considerações sobre o mundo do espírito.

A religião ortodoxa é culpada por este conceito errôneo, porque a religião ortodoxa, em suas reivindicações doutrinárias diversificadas e assertivas dogmáticas, assumiu para si mesma muitos direitos exclusivos sobre o mundo espiritual. Ela se encarregou da alma ainda na terra, e se esforçou para mostrar ao homem como viver a sua vida terrena – enquanto freqüentemente mostrava exemplos pobres em seu próprio comportamento. Ela fez muitas reivindicações monstruosas a respeito de seu conhecimento e poder, ambos virtualmente somando quase nada e, pela especulação teológica pura baseada na 'interpretação' do Novo Testamento, juntamente com as opiniões falhas dos clérigos terrenos, professa prever a condição espiritual quase exata de uma alma, depois que ela passou para o mundo espiritual. Um caso claro de cegos guiando cegos.

A igreja ortodoxa tentou fazer do mundo espiritual um lugar ou estado 'religioso', sendo o principal elemento religioso o Cristão, senão o único. Muitas pessoas acreditam seriamente que os não-Cristãos vão ser *tornar* Cristãos quando deixarem a terra indo para o plano espiritual, portanto, no fim, o mundo espiritual será uma vasta assembléia de Cristãos irreprocháveis e indisputados! Algum ajuste necessário terá que ser feito, claro, para harmonizar todos os variados e antagônicos credos, mas isto, sem dúvida, será facilmente realizado pela organização providencial do mundo espiritual mais elevado. A mais dogmática das religiões da terra encara o mundo espiritual somente nos termos de seu próprio dogmatismo, e tudo deve, portanto, se render para as verdades das quais ela se acredita ser a única depositária na terra.

Esta concepção estranha do mundo espiritual como sendo um templo enorme de orações, como se fosse o lugar onde os ocupantes do 'céu' habitam num estado de santidade e devoção, é uma concepção que está muito distante da verdade, tanto quanto a luz do dia está da escuridão da noite, como tentei mostrar-lhes. A imaginação recua diante da contemplação deste tipo de existência para toda a eternidade.

Nenhuma mente poderia sobreviver a uma provação de uma eternidade apenas em oração, mesmo que a monotonia seja aliviada por um pouco de cantoria de hinos e canções espirituais. Por oração, claro, eu quero dizer aquele tipo de oração em uso nas igrejas do plano terrestre, e que podem ser encontradas nos livros comuns de orações impressos. As orações, como o resto que concerne ao bem estar espiritual do homem, foram moldadas e modeladas por mentes sem imaginação do plano terrestre, sob uma concepção completamente irracional do Pai do universo.

Nunca esta concepção grotesca foi mais claramente exemplificada do que nos livros de orações que são compostos para os membros de todas as religiões da terra. Conforme enxergamos tudo isto do mundo espiritual, o motivo da maioria das orações em tais livros é puro paganismo. A adulação repugnante que é endereçada ao Pai do universo, e o grau extremo de auto-humilhação que é expresso por quem está orando, são originados de um medo nervoso e terror pelo 'desconhecido além'. Palavras eloqüentes, longas frases pomposas e o recital de uma ampla variedade de crenças doutrinárias confusas são postas nas bocas dos que oram e que não

têm noção do que estão dizendo, e que, de qualquer jeito, têm pouca aplicação em suas vidas simples.

Muitas pessoas da terra foram torturadas por tais orações por gerações, porque a substância destas orações criou temor em suas mentes. Uma mente sensível tornar-se-á intimamente aterrorizada por sua aparente indignidade de chegar – como é detalhado e enfatizado pelos livros de orações – até mesmo a milhares de milhas do ‘céu’. Ele é constantemente forçado a dizer, se ele usa o livro de orações, que ele é o mais miserável dos pecadores. Uma alma sensível acreditará que é uma descrição dele mesmo. Uma pessoa de outro tipo de mentalidade não acreditará em uma só palavra daquilo, mas repetirá as frases da mesma forma. No primeiro caso, terá o pior efeito possível sobre a mente; no segundo caso é insensatez, se não for completa hipocrisia.

No mundo espiritual estamos em posição de ver o valor e a eficácia de certas formas de oração usadas, sendo tanto as devoções privadas de indivíduos comuns, como as orações que são incorporadas nos serviços de igrejas.

Devo dizer logo que os livros de orações usados como veículos de devoção privada são, em regra, de nenhum valor. Em numerosos casos, os que oram estão baseados nas crenças que não têm fundamento na verdade. Sempre pareceu haver uma idéia fixa nas mentes dos que compõem as orações: que um recitar constante daquilo que acreditam ser carinhosamente atributos do Pai do Céu seja para Ele a forma mais aceitável de orar. Muitas orações começam com tal adulação e terminam com frases completamente sem sentido de alguma crença doutrinária.

Basicamente, a oração é uma concentração de pensamento dirigido ao Pai do universo. Deixaremos de lado, por instantes, a intenção particular da oração em algum caso específico, e discutiremos a oração em geral.

No mundo espiritual, o pensamento tem um efeito tangível. É visível a nós, onde é invisível a vocês. Vocês nunca podem ver o efeito imediato de seus pensamentos. Aqui no mundo espiritual, nós sempre podemos. Embora possamos falar uns aos outros por meio do som da mesma forma que vocês na terra, nosso método mais desejado e mais adotado de comunicação pessoal é através do processo do pensamento.

Uma das minhas primeiras experiências em companhia de meus amigos, Edwin e Ruth, (o primeiro deles encontrou-me em minha transição), foi quando Edwin falou a Ruth e a mim a alguma distância. Até então, tínhamos usado o método de fala terreno. Mas agora uma luz cintilou diante de nós, e ouvimos o som da voz de Edwin falando claramente a nós. Seu pensamento viajou instantaneamente até nós, e o entendemos perfeitamente, exatamente como vocês entendem as vozes uns dos outros na terra.

Os pensamentos de Edwin passaram para nós sem falhas e sem erros, e assim os recebemos. Agora, esta função de transferência do pensamento não está confinada exclusivamente aos habitantes do mundo espiritual, nem somos nós as únicas pessoas que podemos praticá-la. Cada ser humano pode fazê-lo. É possível – e perfeitamente natural – que as pessoas ainda vivendo na terra dirijam seus pensamentos a algum amigo no mundo espiritual, e eles estão sempre fazendo isto. Se estes pensamentos fossem dirigidos com intenção plena de que serão recebidos pela pessoa desejada, então serão recebidos, sem dúvida nenhuma.

Na direção reversa, podemos mandar nossos pensamentos a vocês. Eles serão destinados a alcançarem vocês, mas, a menos que vocês sejam suficientemente sensitivos psiquicamente, vocês não perceberão seu recebimento ou, recebendo-os, não saberão de onde vêm. Muitas pessoas considerarão que algum pensamento, relevante ou irrelevante, ‘veio à sua mente’.

No mundo espiritual, o pensamento não é necessariamente visto como se estivesse em trânsito. Se fosse assim, todo o reino do espírito seria entrecruzado com um labirinto de focos de luz coloridos, de variados graus de intensidade e cor. Embora tais efeitos possam ser curiosos e, de fato, lindos de se ver à primeira vista, depois de um tempo iria se tornar motivo de distração e confusão às mentes. Pensamentos, portanto, são, na maioria, invisíveis quando em trânsito.

Mas os resultados de certas concentrações de pensamento podem ser sentidos por nós, num sentido coletivo. Durante o tempo das festividades no plano terreno, como, por exemplo,

festas de Natal, quando em tempos normais a terra emana uma quantidade maior de benevolência, e quando as mentes das pessoas voltam-se para seus amigos nos planos espirituais, durante tais períodos festivos nós ficamos sutilmente atentos a uma grande ascensão de pensamentos bondosos. Tais pensamentos se espalham sobre estes reinos como um grande manto de afeição e alegria.

Este é o resultado dos esforços combinados do pensamento. A oração trabalha precisamente da mesma forma que as duas formas de pensamento concentrado que acabei de delinear a vocês – pensamentos pessoais dirigidos a um amigo, e pensamentos genéricos enviados ao mundo espiritual para um número de amigos, em alguma ocasião em especial.

Nestes dois exemplos temos um paralelo exato da oração em particular e a oração pública, ou 'culto'. E ambas são dependentes de uma, e a mesma, condição indispensável. Os pensamentos, em particular ou coletivos, devem, sem falha, ser positivamente dirigidos à pessoa ou pessoas a quem pretendiam. Se nós não recebermos seus pensamentos, é porque vocês não o dirigiram com intenção firme e precisa.

Nós, como os perceptivos, não temos culpa de nada. Poderemos receber metade de seus pensamentos, ficando o resto sem poder motivador por trás dele, porque a mente se desviou ao longo dos caminhos e, desta forma, o pensamento completo não conseguiu chegar a nós. Os de nós que estão em comunicação ativa com nossos amigos da terra, desfrutamos da risada que damos quando um bom amigo começa a falar conosco claramente e coerentemente e, então, o pensamento começa a ficar cada vez mais fraco, mais fraco, e finalmente perambula até silenciar. Se vocês pudessem ver isto acontecendo, sei que vocês ririam também!

Entretanto, de passagem, vou dizer que podemos freqüentemente adivinhar o restante, preenchendo as omissões nós mesmos. Ou talvez devêssemos mandar de volta um pensamento de resposta a vocês, para 'limpar a linha' e permitir que seus pensamentos tenham um caminho desobstruído.

Tais distrações são perfeitamente comuns – e perfeitamente naturais – na terra, mas podem ser eliminadas de uma maneira simples, e é afastando-se delas, ao retirarem-se para algum lugar onde vocês ficarão despreocupados, onde poderão esquecer de si mesmos e de seu ambiente de certa forma, e assim deixarem suas mentes livres para cumprir seu papel de concentrar e dirigir os pensamentos. É verdade que vocês podem dirigir seus pensamentos a nós enquanto estão fora de casa e em trânsito, mas nós desaprovamos estes momentos e lugares, e os desencorajamos por causa dos perigos que existem diariamente nas ruas públicas na terra.

Seus pensamentos, então, podem ser dirigidos a nós a qualquer momento e de qualquer lugar onde aconteça de vocês estarem. Em circunstâncias de aflição, problemas ou desconcerto, o lugar e as condições não terão influência inibidora porque o estímulo à mente ocasionado pela tensão proverá força direta suficiente para o pensamento. Mas, para todos os propósitos normais pelos quais desejem mandar seus pensamentos a nós aqui, quietude e repouso são os meios mais seguros de sucesso.

O repouso seria tanto do corpo físico quanto o mental. Atinja o primeiro, e será mais fácil atingir o segundo. Lembre-se disto, e lembre-se também de que a essência do sucesso na transmissão do pensamento é manter sempre na mente a pessoa a quem está sendo endereçado, e você entenderá por que é que nós no mundo espiritual temos uma opinião tão fraca de muito daquilo que acontece nas igrejas da terra sob a denominação de oração.

Meus amigos e eu fizemos jornadas especiais à terra para observarmos o efeito, sob variadas condições, dos diferentes serviços que acontecem nas igrejas. Pudemos ver exatamente o que cada indivíduo – incluindo o ministro oficiante – emanava no esforço de rezar. Na grande maioria dos casos, os resultados, ai!, foram bem desprezíveis.

Em muitas ocasiões, os pensamentos da congregação estavam obviamente vagando para longe do propósito para o qual as pessoas se reuniram. O ministro estava cumprindo sua parte do serviço de uma forma bastante mecânica, originada da longa prática e da completa familiaridade. Ele ficou, desta forma, capacitado a conduzir a sua parte do serviço sem ao menos ter que pensar sobre o que estava dizendo. Ele lia em seu livro de serviço as palavras que ali estavam impressas, e executava certas ações que eram requeridas pelo ritual ou ordem de serviço.

Raramente percebíamos algum pensamento espiritualizado emitido pelo ministrante, como deveria ter feito. Deveríamos ter observado um raio de luz conforme seus pensamentos saíssem dele para ascender a Ele, a Quem eram dirigidos. Mas, acima de tudo, deveríamos ter visto a chuva de raios celestiais que indicariam, além de qualquer dúvida, que as orações foram apropriadamente dirigidas, foram recebidas e estavam sendo conferidas as confirmações. Se os pensamentos de toda a congregação ali reunida tivessem sido adequadamente concentrados e emitidos, todo o prédio ficaria banhado na mais vibrante galáxia de cores celestiais e matizes de cores.

Supondo-se que o fervor da congregação tenha crescido gradualmente – apesar de que isso é dificilmente esperado na maioria das igrejas – veríamos uma imensa forma-pensamento, do mais lindo desenho e da mais linda cor, a envolver a igreja inteira, voitar mais e mais alto, ao mais alto céu, uma manifestação magnificente de poder do pensamento espiritual dirigido à Grande Fonte de tudo. Mas não, não vimos nada disso. O que realmente vimos foi uma fraca luz vacilante, como se alguém estivesse tentando dirigir seus pensamentos, uma luz vacilante que rapidamente apagou e desapareceu, deixando o ambiente no mesmo estado de escuridão espiritual que estava antes.

E a causa? Há várias. A principal entre elas é a forma dos serviços em si. Longos, inapropriadas recitações de salmos entorpecentes e tristes, sem valor espiritual. A recontagem oral dos incidentes e atos que aconteceram há dois mil anos atrás não tem valia espiritual. Mas o recitar das orações, tão familiares que podem ser ditas sem qualquer esforço da vontade, deixando a mente livre para pensar no que gosta – e é qualquer coisa menos o objetivo ao redor, o recitar das orações, cujo conteúdo tem pouco ou nenhum interesse, nenhuma aplicação para o que está orando; a repetição de credos incompreensíveis e o sussurrar dos versículos e as respostas das pessoas que estão desatentas ao que estão dizendo – apenas pondere nestas questões.

Então considere a atitude mental de bajulação que é instilada ao devoto quando lhe é dito que, no melhor caso, ele é um ‘pecador miserável’; e considere, também, o ar geral de apaziguamento da ira de Deus que, supostamente, trará punição condigna sobre a humanidade se ela não se comportar, juntamente com a abjeta auto-humilhação que este mesmo Deus estranho exige como direito Seu – apenas contemple tudo isto, e então pergunte a si mesmo, meu querido amigo: é de se surpreender que nestas poucas igrejas que visitamos fossem lugares de atmosfera acinzentada, onde poucas orações, orações reais, subiam aos altos reinos dos céus?

E nossas devoções pessoais, diriam vocês, as orações que dizemos em casa, na privacidade de nossos quartos? Se a fórmula dos livros de orações pode ser descartada, então as preces reais terão alguma chance ao serem pronunciadas, para o perpétuo benefício da pessoa que as pronuncia. Mas devem ser esforços reais e sensíveis de pensamento.

Primeiro de tudo, esqueçamos a forma estereotipada de oração que é familiar à maioria das pessoas, algumas das características delas eu já lhes transmiti. Começemos como se fosse de novo, como se estivéssemos nos aproximando do assunto pela primeira vez, e portanto com as mentes perfeitamente livres de qualquer noção convencional.

Oração é uma coisa robusta, viril, grandiosa, não um assunto de adulação, de rastejo, de santarrão. Em nossas preces temos algo a dizer. Vamos dizer isto de forma saudável, direta. Claro, vamos mostrar nosso respeito pela forma cortês na qual moldaremos nossos pensamentos. Não necessitamos usar frases longas, pesadas, nem precisamos usar um preciosismo extremo ao escolhermos nossas palavras. Não precisamos, se o quisermos, usar a forma arcaica, bem pitoresca, de nos endereçarmos empregando o ‘Vós’. Não é nem um pouco necessário e, sua ausência, de nenhuma forma, conota uma falta de respeito ou reverência.

Suas orações deveriam ser a roupagem de seus pensamentos em palavras, já que é natural a vocês na terra transformar seus pensamentos mentalmente em palavras. A oração mais curta, consistindo apenas de poucas palavras sinceramente empregadas, com o pensamento completamente concentrado e poderosamente dirigido, está longe, bem longe da maior e a mais retórica das que algum dia foi proferida, se esta última fosse meramente um punhado de palavras com quase nenhum significado, sem intenções, e sem força diretiva por trás dela.

‘Oração’ como esta, de fato, é simples perda de tempo. Algumas das mais finas orações também são as mais simples e as mais curtas. Não são muitas as pessoas na terra que podem sustentar um esforço prolongado de pensamento dirigido numa oração. Com qualquer coisa acontecendo, suas mentes começam a vagar, mais cedo ou mais tarde, e a oração logo se torna não-existente. Com o poder motivador retirado, nunca atingirá sua elevada destinação, nem, de fato, destinação alguma!

A oração mais eficaz é a que dela é eliminado qualquer recital de lisonjas aos atributos do Grande Pai. É a pura sobrevivência do paganismo e da superstição, e é completamente sem valor. Isto fede a bajulação. Sugere que primeiramente devemos adular o Pai do universo, como uma forma de nos aproximarmos, antes de fazermos um pedido a Ele, e julgando o tamanho habitual dos preâmbulos que compõem a abertura para tantas orações formais da terra, quanto mais lisonjas, maiores as chances de ter a prece atendida!

Muitas pessoas da terra param de ser verdadeiros quando tentam orar. Parecem pensar que um livro de orações é essencial porque, presumidamente aos olhos dos compiladores destes livros de orações, eles são completamente incapazes de se expressarem sobre qualquer assunto. Acreditam que um pedido sincero de ajuda ou de orientação deve ser colocado em palavras, em longos períodos, mais formais, grandiosos e pesados que o documento mais pertinente dos tempos antigos! Resumindo, suas orações deveriam ser tão caseiras, simples e informais em suas construções quanto as suas conversas entre amigos, sinceras e cordiais, e podadas das afetações que não são naturais a vocês. E eu acrescentaria, permitam que elas sejam breves!

Vocês estarão mais propensos a terem sucesso com a brevidade. Claro, vocês vão lembrar que nós não estamos aqui considerando quando as circunstâncias os colocam em problemas terríveis e, então, o único alívio e esperança de suas mentes residem na exposição demorada de seus problemas ao Grande Pai. Em tais casos, as circunstâncias são totalmente diferentes.

Numa oração de sucesso, seja feita por vocês na terra ou por nós, aqui no mundo espiritual, o resultado é uma ligação perfeita com o Pai do universo e conosco. A resposta será a mesma, estejamos na igreja ou fora dela. Mas a oração tem campo mais amplo do que aquele contido nos limites com os quais as pessoas da terra usualmente a circunscrevem.

A oração, em seu sentido mais amplo, pode emanar de nossas mentes espontaneamente, causada pelas condições ou circunstâncias do momento. As glórias do universo estão sempre sobre nós aqui no mundo espiritual. Eu já lhes contei sobre algumas delas. A alegria, por exemplo, que o observar as lindas flores nos traz, transforma-se em nossas mentes num *Te Deum* de agradecimento que enviamos ao Criador de todas estas maravilhas.

Não emitimos estes pensamentos em qualquer tipo formal, não nos expressamos em tantas palavras pensadas. Mas sabemos bem que somos gratos para sempre por aquilo que nos está dando esta grande alegria, e isto também é oração. Você logo pode imaginar como a estes reinos é acrescentada ainda mais beleza por causa da cachoeira de luz que desce sobre nós incessantemente, em resposta a nossos pensamentos de alegria e gratidão.

Não precisamos elaborar nenhum ritual ou cerimoniais para comunicar nossa gratidão ao pai do universo pelos prêmios que Ele tão prodigamente despeja sobre nós. Não temos as línguas atadas e não somos obrigados a recorrer às palavras impressas dos livros de oração. Não precisamos assumir a mais inibidora das posições – ajoelhar - quando desejamos enviar ao alto os nossos desejos.

Nós apenas transmitimos nossos pensamentos do momento, onde quer que estejamos, e não importa o que estejamos fazendo. Nosso prazer pelas muitas belezas destes reinos e a felicidade que cada simples elemento nos traz são, por eles mesmos, uma oração a Ele que nos oferta tudo isto. Não importa o motivo pelo qual nos alegremos, de acordo com nossos gostos particulares e predileções, esta alegria é uma prece não pronunciada, mas uma prece real, nada menos.

O estado de alegria, no qual estes reinos vivem, é contínuo. Nunca perde seu sabor pela presença constante. Nossa felicidade nunca se torna envelhecida, se é que posso me expressar assim. É uma emoção à qual estamos sempre atentos, e muito conscientes de que nossa alegria

é transformada em uma oração não pronunciada. Apesar de não ser expressa em muitas palavras, é poderosa, e o Grande Despenseiro destas delícias recebe e responde as nossas preces não ditas.

Por uma ultrajante perversão da verdade, a Igreja da terra ensina que Deus exige, como direito Seu, que todas as boas pessoas adorem-No, e exaltem-No, e agradeçam-Lhe por aquilo que Ele tenha feito por elas. Se esta ficção chocante fosse remotamente verdadeira, quantas pessoas da terra possivelmente fariam qualquer coisa destas, se o quadro do Pai do Céu, da forma que foi pintado para vocês pela Igreja, é uma caricatura tão grosseira? O Pai do Céu não *exige* nada de Seus filhos, estejam eles na terra ou no mundo espiritual. Ele não exige 'adoração', ou oração, ou agradecimentos. Ele nem mesmo pede estas coisas.

As belezas destes reinos do mundo espiritual são coisas vivas. Elas respondem ao nosso amor por elas, e assim tornam-se ainda mais belas. Mas o poder por trás de toda esta beleza vem apenas do Ser Único, e estamos sempre cômnicos disto. Estando desta forma conscientes, nossos sentimentos de gratidão estão sempre conosco. Estes sentimentos de gratidão são traduzidos pelos pensamentos de agradecimento, e em nossas mentes glorificamos o Despenseiro, livremente, sem nos dizerem que *devemos* fazer isto.

Nós magnificamos o Nome do Despenseiro livremente, sem nos dizerem que Ele ficará colérico se não observarmos o que Ele exige de nós. A 'adoração' que prestamos a Ele, é uma 'adoração' de afeição verdadeira, e não uma inclinação diante do Deus Desconhecido, a quem a terra foi ensinada a temer, e Que exige 'adoração' de Seus filhos como direito Seu.

Se a terra não tivesse vivido em cegueira espiritual por tantas centenas de anos, os habitantes dela saberiam agora alguma coisa dos rudimentos de rezar. Eles saberiam de seu uso sem se chocar com as falsas doutrinas, com sentimentos religiosos doentios, com carolice. Eles saberiam que a verdadeira oração não é coisa para clérigo entoar com voz empostada, nem é tagarelar sobre longos extratos dos antigos escritores.

Conhecendo o método apropriado de pronunciar as orações, toda a terra seria beneficiada. O fato de a oração ser encarada por tantos na terra como uma prática piedosa dos que são inclinados a uma 'religião' foi ocasionado pelas paródias, pelas quais muitas passam por verdadeiras. A oração pode ser – e é – completamente separada de qualquer coisa, mesmo remota, que se aproxime de religião organizada. É assim que usamos as orações no mundo espiritual. A terra poderia fazer precisamente o mesmo se optar desta forma.

A ORAÇÃO DO SENHOR

Momentos atrás eu me referi às orações que são tão familiares, que podem ser recitadas de memória e sem qualquer esforço de vontade, deixando a mente para pensar naquilo que gosta. De todas estas orações, estou inclinado a acreditar que a Oração do Senhor é a mais pronunciada sob estas condições.

Foi muito reivindicado que seja uma das mais perfeitas das orações, não somente porque foi dada pelo próprio Jesus, mas porque tem muito conteúdo no âmbito de tão poucas palavras. Mas qualquer força que a oração tenha, ela é completamente anulada pelo seu recitar impensado costumeiro.

Parece haver alguma coisa agregada à Oração do Senhor, nas mentes de milhares de pessoas, alguma espécie de poder talismânico. Ela usualmente tem lugar na maioria dos recitais organizados de oração, aparentemente em virtude de algum direito consagrado pelo uso, como se a eficácia de qualquer serviço de igreja ou devoções particulares ficasse muito prejudicada se ela fosse omitida.

Agora, o fato de ser tão conhecida na terra que pode ser recitada de cor é também a medida – ou pelo menos uma medida – de sua *ineficácia*, por razões que já vimos, isto é, a falta de concentração mental sobre o que está sendo dito. Isto é fatal a toda e qualquer oração, desde a mais sublime invocação, à mais simples. A mente deve estar focada naquilo que está sendo dito; a pessoa que está orando deve saber e entender exatamente o que está dizendo, para que o *entendimento* e o *conhecimento* dêem suficiente força diretiva às suas palavras e pensamentos.

É realmente surpreendente, como vemos as coisas daqui do mundo espiritual, como as pessoas imaginam ternamente que a pura repetição das palavras como as que estão contidas, por exemplo, na Oração do Senhor, basta para atingir os propósitos. É esta gente que acredita que esta oração em particular (e outras parecidas) tem em si algum poder mágico. Elas podem pensar que, por ser extraída das Escrituras, terá alguma propriedade adicional que nenhuma oração redigida por uma pessoa comum poderia ter. Assim é que esta oração foi elevada à primeira posição de todas as invocações expostas.

Vamos, então, observar a Oração do Senhor do ponto de vista do mundo espiritual.

Primeiramente, eu diria que até onde vai a minha experiência sobre estes reinos, ela é uma oração que nunca fazemos. A razão principal para isto é que o sentimento contido nela não se aplica a nós aqui. Outra razão é que nós *raramente*, ou *nunca*, fazemos uso de orações pré-escritas ou estereotipadas.

Antes que sigamos adiante, devo deixar claro que qualquer um pode ter sido o autor desta oração; Jesus, com o seu grande conhecimento espiritual, *não* foi.

Presume-se que Jesus sugeriu aos seus ouvintes que eles deveriam orar ‘desta maneira’ (NT: Mt, 6, 9), não necessariamente usando as palavras que ele usou, mas o modo que ele usou para exemplificar.

A primeira característica que notamos é a concisão. A seguinte é que a abertura é destituída da adulação excessiva e, talvez, insincera ao Pai do Céu, endereçada especificamente a Ele. Eu já lhes falei a respeito disto, e aqui nesta oração temos uma abertura ideal.

Pode-se pensar e crer seriamente que Deus realmente teria prazer em ouvir a recitação de uma longa lista de Suas supostas qualidades superlativas? Digo *supostas* qualidades porque muito do que é atribuído ao Grande Pai é originado numa concepção totalmente errônea sobre Ele. Os preâmbulos adjetivados da maioria das orações da terra são apenas a sobrevivência do paganismo, quando então as pessoas idolatravam deuses de variadas descrições e temperamentos oscilantes.

O ‘fiel’ daqueles dias remotos atribuía muitas coisas às suas deidades; infortúnios pessoais e nacionais, tormentas e outros distúrbios meteorológicos de quaisquer naturezas, tudo era atribuído à ira dos deuses. Tornava-se vitalmente necessário, portanto, dirigir-se às deidades em

termos que eles consideravam que seriam melhores para agradá-las, desta forma levando-os ao bom humor e aplacando-os de forma geral.

Eles tinham a ilusão de que o que um deus mais gosta de ouvir é a récita de suas próprias qualidades. Uma vez que um relacionamento agradável fique assim estabelecido, o objetivo real da oração poderia vir em seguida. Esta relíquia do paganismo ainda reside nas mentes de grande parte dos povos na terra, e mais ainda entre os Ortodoxos e seus expoentes. Os redatores das orações seguiram estas tradições.

A Oração do Senhor, então, começa com o breve *santificado seja o Vosso nome*. Mesmo isto não é essencial. Poderia facilmente ser omitido de qualquer oração, sem que se perca o valor dela de qualquer forma.

Venha a nós o Vosso reino é uma frase que não significa nada nas mentes da maioria das pessoas. Dizem isto porque está incluído na oração, e por esta razão seu valor está no mesmo grau de tudo o mais, que é mera teologia. Os clérigos ensinam que todas estas palavras são a expressão da esperança de que todos os homens venham a conhecer Deus, e que o reino espiritual de Deus possa ser espalhado por toda a terra. O vazio de toda esta 'interpretação' revela-se nestes termos.

Os teólogos contestarão dizendo que a universalidade do reino de Deus só pode ser atingida através da expansão da religião Cristã. Esta então se torna o molde do conhecimento espiritual e ensinamentos espirituais pelos quais toda a terra deverá ser regida, e pelos quais os problemas religiosos e seculares de sua população serão conduzidos. A vida que se segue depois da 'morte' será uma vida Cristã, para ser vivida em toda a perfeição do pensamento e conhecimento religioso verdadeiros e obtidos através da religião Cristã.

Cogita-se, claro sobre as dúvidas concernentes ao destino dos 'pagãos', os 'não-batizados', e, sem dúvida, os que praticam a comunicação com o mundo espiritual. Estes últimos são freqüentemente encarados como fora de qualquer esperança!

Como os clérigos iriam saber – a menos que se dessem ao trabalho de averiguar – que o mundo espiritual não é exclusivamente Cristão; que seus habitantes estão ali, neste ou naquele reino, indiferentemente de terem sido Cristãos ou não; que o fato de serem Cristãos ou não é coisa que nunca lhes foi perguntado, nem mesmo pesquisado; que se eram Cristãos, ou não, não fez a menor diferença para o seu status espiritual e para as boas vindas que receberam aqui nestes reinos, nem fez a menor diferença no prospecto ou nos seus meios de atingir a evolução e a progressão espiritual?

Como as pessoas iriam saber, especialmente os professores ortodoxos da terra, se nunca se preocuparam em descobrir o que o mundo espiritual contém, nestes reinos de luz, tanto nos mais elevados quanto nos mais baixos planos, indivíduos que, coletivamente, sustentaram todas nuances de pensamento não-Cristão quando estavam encarnadas? Orar, então, para que a religião Cristã possa ser expandida por toda a face da terra não é necessariamente boa coisa, porque a Cristandade ortodoxa incorpora nela muito de falso. Isto agregará e sustentará modos de vida que são inquestionavelmente errados, conforme observamos as coisas destes reinos.

O registro histórico da Cristandade organizada não é bom. A lista de pessoas que tiveram suas vidas terrenas violentamente cortadas em nome da Cristandade é horrível. Há raras denominações religiosas na terra que na clamam sua lista de 'mártires da fé', cujas mortes foram cercadas por seitas oponentes. O 'reino de Deus' não inclui ensinamentos religiosos acompanhados pela força; ele não inclui perseguição religiosa; ele não encara o uso da palavra *herético*; não inclui, de fato, muito do que está nas mentes dos clérigos quando esperam pela chegada deste reino.

Os doutores da Igreja sempre acreditaram que o reino de Deus, quando estiver plenamente estabelecido, testemunhará a completa subversão de Satã, e assim o pecado será banido da terra. Crenças como estas são infantilmente cruas. Confesso francamente que um dia acreditei nestas coisas, quando estive encarnado, e as ensinei. Mas estes dias passaram, e estou feliz por residir no mundo espiritual de onde posso ver o valor preciso de muita coisa que abracei como crença religiosa, antes de vir morar nestes planos.

'Muito bem, então,' ouço objetarem. 'Conte-nos como é precisamente o reino de Deus'.

Agora vocês me pedem para explicar algo que foi inventado pela terra. Seriam vocês que deveriam me explicar o que isto significa. Além disto, eu lhes transmiti conforme a interpretação dos clérigos, não há nada que possa ser acrescentado que possa fazer diferença em exposições futuras. Mais tarde, vou sugerir-lhes algo que, talvez, lance alguma luz sobre o relacionamento de nossos dois mundos, o seu e o meu, e que deve ser considerado, se assim o quiserem encarar, como substancial para as palavras *Venha a nós o Vosso reino*.

Seja feita a Vossa vontade. Nesta breve frase está expressa a verdadeira essência de toda a oração, porque é ensinado e crido na terra que as orações de alguém serão respondidas ou ficarão sem resposta, de acordo com a vontade de Deus. Verdadeiramente, a vontade de Deus é apresentada a cada ocasião em que algum 'mistério' religioso se apresente. Uma oração não foi respondida, então é porque a vontade de Deus ordenou para que ela não fosse respondida. Não somos merecedores de que ela tenha resposta – isso é o que oficialmente lhes será dito por um ministro da igreja quando lhe pedirem para que explique por que uma oração feita para um caso meritório não obteve resposta.

Assim na terra, como no céu. Presente nas mentes de muita gente está o pensamento de que a vontade de Deus é nada mais que caprichoso. Não podemos querer conhecer ou entender a Sua vontade, dirão as pessoas. Claro que não podem, porque fizeram dela uma coisa impossível de ser entendida. Fizeram dela um bode expiatório, uma explanação sobre algo que aparentemente não pode ser explanado em outros níveis.

Se eles perdem a presença física de um amigo ou parente querido que fez sua passagem na juventude de sua vida terrena, então foi a vontade de Deus que fez com que ele deixasse a terra, era a vontade de Deus que ele sofresse aquela doença terrível que causou sua passagem. Se as pessoas, ou toda a nação, sofreram uma calamidade medonha, então a vontade de Deus quis assim.

Desta forma, um longo capítulo de defeitos, calamidades e infortúnios poderia ser enumerado, todos os quais seriam, confidencialmente, atribuídos à vontade de Deus. Será que as mesmas pessoas também atribuem à vontade de Deus todas as coisas boas com as quais elas têm prazer? Elas diriam que é a vontade de Deus que elas tenham uma casa confortável numa redondeza agradável, enriquecida por uma prosperidade material pessoal? Será que eles atribuiriam o clima agradável do verão à Sua vontade, da mesma forma que alegam que foi por Sua vontade que aconteceram os furacões ou terremotos devastadores? A maioria das pessoas está inclinada a pensar que a vontade de Deus é distintamente unilateral, favorecendo calamidades em lugar de benefícios.

Quem sobre a terra sabe qual é a vontade de Deus? Mesmo assim as pessoas rezam para que ela seja feita, assim na terra *como no céu*. – de onde se assume que elas sabem qual é a vontade de Deus, pelo menos no céu.

É tão fácil, quando acontece algum evento ou acontecimento inexplicável, determinar que a sua causa foi a vontade de Deus. Anexa culpa no caso de um sofrimento pessoal estar acontecendo, mas a palavra culpa é suavizada se for disfarçada sob as palavras *vontade de Deus*. Quantas vezes se ouve falar, no meio de uma tragédia: 'Suponho que seja a vontade de Deus, e que deve haver alguma razão para isso, mas não posso entender. Por que tinha que acontecer isso comigo?'

Não é que estas pessoas quisessem algum direito à imunidade a problemas de qualquer espécie, mas porque, até então, não os haviam encontrado; suas vidas os levaram silenciosamente num curso perene, sem maiores problemas com alguma dificuldade maior, mas numa proporção comum de dificuldades menores que puderam resolver facilmente, com seus próprios esforços. Então uma tragédia maior lhes acontece, aparentemente sob a vontade de Deus, e eles ficam pasmos. A vontade de Deus se intrometeu na vida pacífica e feliz, mas por uma razão que lhes é impossível entender.

Mas estas almas infelizes rezaram seriamente, por anos, que *Seja feita Sua vontade*, assim na terra como no céu. Eles assumiriam, presumivelmente, que esta extravagância da parte da vontade de Deus seria o estado diário e natural das coisas no 'céu', caso contrário não teriam rezado para este exercício da vontade divina como fizeram. Não seria mais sábio, então, tentar descobrir qual é a vontade de Deus no céu, antes de rezar para que se estenda, e aja, na terra?

Isto, objetariam, é impossível. Como alguém poderia saber da vontade de Deus? Só isto. E no caso, não seria melhor não se pedir em oração por algo sobre o que não podemos saber nada concernente à sua força, ou seu poder, ou seu modo de agir, ou, realmente, que conseqüências poderiam se seguir à resposta plena a esta petição?

Mais uma vez vemos os resquícios do paganismo em toda esta confusão de idéias sobre a vontade de Deus. Nos tempos remotos, as mesmas crenças eram mantidas pelos ancestrais do homem na terra, a respeito de seus deuses particulares. Estes deuses antigos eram deidades de temperamento e humor incertos. Eles podiam sorrir ou franzir o cenho com facilidade igual, e por razões iguais – ou pela falta delas – diante de todos, independentemente de suas posições na vida. A todo custo, os deuses deviam ser presenteados, porque eram eles também que distribuíam os benefícios e os infortúnios para as pessoas.

Era da vontade de seus deuses que violentas tempestades varressem a região, que as pestilências, as pragas e a fome devastassem a terra. Eles não podiam entender o que impelia seus deuses a ordenarem tais coisas, a não ser pela possibilidade, talvez, de que um número insuficiente de sacrifícios tenha sido ofertado, ou que tenha surgido um desejo de respeito e reverência geral. Então, onde estas razões não pudessem ser imputadas, tinha sido meramente a vontade de seus deuses para que tudo fosse assim.

Quando os múltiplos deuses foram deixados de lado em favor de um só grande Deus, estas mesmas idéias absurdas foram transferidas ao Pai do universo. A ortodoxia as reteve firmemente no corpo de seus ensinamentos, e as próprias pessoas se distraíram com as mesmas crenças que foram transmitidas pelos seus antepassados pagãos.

Outra vez pode ele objetar: “Supõe-se que você esteja morando num céu de alguma espécie; você contaria, talvez, em termos gerais, qual é a vontade de Deus? O céu que você habita não pode ser o céu da teologia, pode não ser o céu que a grande maioria imaginou como ‘o paraíso’ – pode ser até melhor que lá; pode ser um céu que, ao ser contemplado, muitas pessoas se desgostem ou se perturbem, ou até mesmo se revoltem. Qualquer que seja ele, sua felicidade parece ser grande, e é uma felicidade que é compartilhada por milhões de outras pessoas, assim você diz. Você não poderia nos contar alguma coisa sobre a vontade de Deus?”

Posso, mas posso contar-lhes muito pouco, pela simples razão de que há realmente muito pouca coisa a ser dita! Foram as pessoas da terra, lideradas e inspiradas pelos ensinamentos ortodoxos que elaboraram este enorme fator, a vontade de Deus.

Já lhes disse antes, mas devo dizer de novo porque, sendo extremamente simples, a mera frase quase passa despercebida, ou com a significância plenamente incompreendida.

A vontade do Pai do universo é que todo o universo das coisas viventes seja feliz. O destino de toda a humanidade é a felicidade suprema e pura que, no mundo espiritual, um dia será gozada por todas as almas nascidas na terra. Diante de cada alma está toda a eternidade de tempo para alcançar esta sublime condição.

Neste meio tempo, cada alma gozará no mundo espiritual a medida exata de felicidade alcançada em seu progresso espiritual. Quando o sentimento de que a felicidade particular está enfraquecendo, como se fosse perder seu auge, chega o momento de considerar um meio de dar mais um passo na estrada do progresso, trazendo assim a esta alma um franco acesso à gratificação.

Felicidade. Esta é a suprema vontade do Pai do céu e da terra. Felicidade, e tudo o que possa conotar felicidade. Daquela vontade de felicidade vem o desejo de bem-estar para toda a humanidade, encarnada ou desencarnada. O Pai jamais infligiria um só momento de dor sobre qualquer alma vivente. Mas, objeta-se, e a ‘morte’? Isto já não traz dor e tristeza a milhões de pessoas na terra?

Mas claro que sim, mas não devia; nunca se quis que fosse assim. Não é a vontade de Deus. Já não discutimos as palavras bem-aventurados os que choram, porque serão consolados? Não haveria choro na terra, se todo homem soubesse das verdades do mundo espiritual e da vida espiritual. Se todos os homens conhecessem e praticassem a comunicação entre os dois mundos e, desta maneira, pudessem falar com seus amigos e parentes que já partiram e continuassem com um colóquio natural com eles, como se ainda estivessem

encarnados, se todos os homens soubessem desta verdade, as lágrimas tristes que são tão freqüentemente vertidas seriam logo secas, para não caírem mais.

Não se conceberia mais que é a vontade de Deus que uma flor tenra da infância seja tirada de seu lar feliz e de sua família da terra pela morte de seu corpo físico, para ir para lá, sem bem que para uma felicidade maior no mundo espiritual, mas deixando para trás a dor e a tristeza profundas. Embora muitos possam regozijar-se por aquele ente querido ter seguido para uma vida superior, ainda fica a tristeza da separação. Mas se, mesmo com a partida para uma vida mais elevada, não houver separação em virtude da prática da comunicação, então não haverá tristeza se os canais para tal comunicação forem providenciados.

O grande erro em atribuir tanto à vontade de Deus, quando nenhuma outra explicação pode ser encontrada, também vem de um equívoco sobre as causas de inúmeras coisas que acontecem na terra. Muito do que é atribuído à vontade de Deus é causado por nada mais que a vontade do homem. Muito do que é atribuído à vontade de Deus nada mais é que as forças naturais operando.

Quantas pessoas por tanto tempo acreditaram que as doenças do corpo físico foram infligidas por Deus como punição? Inúmeros são os que ainda acreditam que é assim. Eles apontarão para o Novo Testamento, e citarão Jesus dizendo a quem curara: Seus pecados lhe foram perdoados (NT: Mt, 9, 5). Deus se abrandou, perdoou os pecados deste aflito, e sua doença saiu dele.

As tormentas e tempestades que acontecem na terra *não* são 'atos de Deus'. São o trabalho de leis naturais. Quando certas condições de atmosfera e temperatura prevalecem, então surgem os distúrbios. Eles *não* são uma intervenção da vontade de Deus.

Quando as grandes guerras se espalham sobre a terra, *não* é pela vontade de Deus que elas acontecem, mas pela vontade do homem – e apenas do homem. As guerras não são 'enviadas' para os homens da terra por eles terem se comportado mal de alguma forma. Do nosso grande Pai não pode vir nada que não seja do mais elevado, e do melhor, e do mais puro, e a guerra é o mais baixo, e o pior, e o mais asqueroso. O Pai, portanto, não pôs a mão ali.

Se alguém tivesse que fazer a lista de todos os eventos, circunstâncias e assim por diante, que são imputados apenas à vontade de Deus, seria uma lista horrível. Ela revelaria, em sua fria narração, não um Pai de amor, mas um Deus Cujas mente seria qualquer coisa, menos a mente perfeita que é. Revelaria um Personagem que poderia dispensar a justiça em favor da misericórdia, por causa dos méritos obtidos do sacrifício de outro, ou através de rogatória especial.

Desta forma não teríamos justiça verdadeira. Revelaria um Ser de mente tão caprichosa e incerta, que nenhum ser humano saberia quando ou onde Ele golpearia em seguida. Ele poderia esmagar a vida de qualquer indivíduo ao infligir sobre ele alguma doença tenebrosa, ou Ele poderia enviar um grande tufão e destruição, ou uma pestilência repugnante sobre toda a nação; Ele poderia envolver muitas nações numa guerra cruel e bárbara, onde a matança é contada por centenas de milhares de vítimas. Os pecados do indivíduo e de populações inteiras seriam punidos pela intervenção direta de Deus.

Desta forma, vocês seriam conduzidos a crer – e muita coisa, além de tudo, é completamente errônea – por aqueles que são 'autoridades apropriadamente constituídas' para difundir ensinamentos 'religiosos' sobre a terra.

Tudo isto está muito longe, tão terrível e deploravelmente longe da verdade concernente à personalidade do Supremo Ser. Nenhum sofrimento, de qualquer tipo ou causa, nenhuma tristeza ou mágoa, nenhuma infelicidade, nenhuma aflição de corpo ou mente, nenhuma pestilência ou doença, nenhuma tormenta ou grande tempestade sobre a terra ou o mar, nenhuma fome, nenhuma guerra, pequena ou grande, nenhum destes eventos, como são chamados, são causados, direta ou indiretamente, pelo Grande Pai do universo.

Todos estes desastres terrestres são atribuídos aos terrenos, e somente a eles, e têm suas causas tanto pelo funcionamento de forças naturais, quanto pelos caminhos malévolos do homem na terra. Não são a vontade de Deus. Nada que não seja pelo bem da humanidade e por sua felicidade e bem estar está de acordo com a vontade do Pai. Isto, meus amigo, é a única regra verdadeira e segura que você pode aplicar a todos os eventos e circunstâncias que

encontrará durante uma vida inteira, e esta condição sempre existiu desde que a terra se tornou habitável. Busque sempre uma causa terrena para tudo o que não for manifestadamente pela verdadeira felicidade do homem, e então começará a perceber alguma coisa da vontade de Deus.

A busca pelo perdão de Deus é talvez uma das exortações mais comuns, incorporada em orações e incluída nos termos das frases formais das crenças. 'O perdão dos pecados' cometidos contra Deus – quais são estes pecados? Não preciso enumerar a vocês a longa lista de transgressões. Imagino que são suficientemente bem conhecidas! Mas ensinam a vocês sobre a terra que, quando cometem um pecado, ofenderam a Deus. Eu disse a vocês, apenas um momento atrás, como vocês não podem, *simplesmente não podem*, ofender a Deus.

Pense por um momento que se os ensinamentos da Igreja fossem verdadeiros, Deus estaria existindo num estado contínuo e sem-fim de estar ofendido, porque o homem está permanentemente em estado de pecado. Vocês devem se reportar somente às palavras impressas dos vários livros de oração para averiguar aquilo que é apenas da condição espiritual do homem – Deus é tão incomensuravelmente elevado, e a pobre humanidade é tão incomensuravelmente baixa, 'pecadora miserável', de fato.

Perdoai nossas ofensas assim como perdoamos a quem nos tenha ofendido. Quantas pessoas podem seriamente, e sinceramente, e verdadeiramente, dizer, enquanto recitam esta parte da Oração do Senhor, que perdoaram aqueles que os ofenderam? Seguramente, seria melhor que esta frase não fosse pronunciada. A última metade pouco significa na mente de muitas pessoas, e a primeira parte pode ter nenhum efeito sobre qualquer indivíduo, mesmo que seja pronunciada com piedade, ou com quaisquer desejos elevados de receber perdão que o suplicante possa ter.

O Pai não pode ser ofendido. Ele não tem perdão a dar. Ele não condena; Ele não pune; *nem delega a outros* o poder ou o direito de punir. As ofensas que a grande maioria da humanidade comete são ofensas contra as leis naturais, as leis que governam a natureza espiritual do homem, e estas ofensas reagem sobre quem as cometeu. Podemos ofender nossos companheiros, e podemos – e deveríamos – obter perdão deles. Assim nos colocamos numa ordem espiritual apropriada.

Ao agirmos desta forma, teremos ajuda do mundo espiritual, sob a orientação do próprio Pai do universo, através de Seus ministros do mundo espiritual. Não ofendemos a Deus, infringimos certas leis espirituais. Se você se jogar de cima de um muro alto, num total desrespeito à lei da gravidade, não teria ninguém para culpar, a não ser você mesmo, porque seu corpo físico bateu violentamente contra o chão ao custo de membros quebrados ou outros ferimentos. Neste caso, você 'infringiu' a lei da gravidade, mas não ofendeu a ninguém; não machucou ninguém, neste caso, a não ser você mesmo. As leis espirituais devem ser respeitadas da mesma forma que vocês na terra respeitam a lei da gravidade, uma lei sempre presente e muito potente.

O terrível encargo de muitas das orações 'autorizadas' é o constante pedido a Deus por misericórdia e o perdão pelos pecados dos homens. Este costume inveterado de martelar nas mentes dos que usam os livros de orações o seu pecado inato é mau, porque estabelece todos os tipos de condições mórbidas nas consciências das pessoas com mentes sensíveis. As rezas feitas publicamente não são melhores a este respeito. Elas sempre proclamam o pecado e a indignidade do homem, até que o homem, por ele mesmo, se ponderar sobre o caso, possa enxergar uma pequena esperança em seus prospectos futuros, quando passar para o mundo espiritual. Misericórdia e perdão, por estes ele vai clamar, porque lhe ensinaram que Deus é todo-misericordioso e perdoará os pecados de todos que estejam verdadeiramente contritos.

Eu tentei explicar a vocês que a misericórdia e o perdão não são distribuídos pelo Pai do Céu. A Igreja insiste em que isto é certo, e continuará a enfatizar estes dois pontos até que ela atinja algum grau de iluminação. Enquanto a Igreja está desperdiçando tanto tempo com estas duas crenças errôneas, ela poderia gastar o tempo precioso para pregar e ensinar a verdade. A Ortodoxia é cega, mas a sua cegueira não afeta meramente os clérigos que a sustentam, afeta materialmente a milhares de almas que acreditam naquilo que estes mesmos clérigos lhes ensinam.

Eles chegam desta forma no mundo espiritual, com suas mentes toldadas pela ignorância e embromadas pelas crenças errôneas. Nós, no mundo espiritual, temos que endireitar isto. Temos que trazer o conhecimento da verdade a almas estonteadas com os ensinamentos religiosos terrenos que os deixaram aflitivamente desencaminhados, não do caminho da retidão moral, mas ao longo do caminho da ignorância completa das condições da vida do mundo espiritual.

Converse com qualquer um deles, e a Ortodoxia coraria de vergonha se pudesse ouvir as acusações que são feitas por estas almas sobre a forma pela qual foram desencaminhados. Vocês podem entender, então, porque não temos grandes ligações com as instituições que são responsáveis por este estado de coisas. Em sendo assim, os erros da Igreja têm que ser corrigidos no mundo espiritual, depois de incontáveis almas passarem para cá.

Eu contei a vocês do terror abjeto com o qual inúmeras pessoas chegam nestes planos, só pelo temor do terrível Julgamento que supostamente aguarda cada alma depois de sua transição. Eu também lhes contei alguns detalhes do alívio esmagador que podemos trazer a estas almas torturadas. É por eu mesmo ter um dia ensinado tais coisas que agora gasto grande parte da minha vida no mundo espiritual vindo em pronto socorro, para alívio desta gente desiludida espiritualmente. Quem me dera jamais tivesse dado minha voz a tais erros quando estava vivendo na terra!

É um sentimento incômodo, asseguro-lhes, descobrir que aquilo que se ensinou com aparente autoridade não tem nenhum vestígio de verdade. É mais do que incômodo; é humilhante. Mas com o entendimento completo podemos ir em socorro das pessoas que ficaram aflitas por tais ensinamentos e, desta forma, podemos ajudar a endireitar as coisas, não somente com os amigos recém-chegados em aflição, mas conosco também.

Há 'mistérios' demais ligados às religiões da terra, 'mistérios' estes que ninguém na terra ou no mundo espiritual pode resolver ou jamais será capaz de resolver. A religião está envolvida em problemas estranhos, muitas crenças afetadas são sustentadas, muito tempo é desperdiçado na récita de credos incompreensíveis, de forma que todo o fato de viajar a salvo para o mundo espiritual tornou-se um processo arriscado, algo que deve ser temeroso e terrível, tão problemático em sua realização, tão circunscrito com tolices piedosas que não têm relação com a verdade, tolices tão insultantes ao Pai do universo que o homem, constantemente avisado que é um 'pecador miserável', só pode se lançar à misericórdia de Deus e implorar perdão pelos seus 'pecados'. Nada podia ser mais sem dignidade que o homem ter que rastejar, como lhe ensinaram, em auto-humilhação, sob o peso insuportável de seus supostos 'pecados'.

Não se deve crer que eu estou sugerindo que a maioria dos habitantes da terra seja santa. Bem longe disto. Mas o degrau baixo no qual a maioria das pessoas é colocada pela alegada autoridade dos professores espirituais da terra é exagerado demais. A humanidade não é, nem de perto, individualmente tão ruim como as Igrejas expõem. A Igreja não é juiz para julgar tais coisas. Nós no mundo espiritual apenas somos competentes para avaliar o *verdadeiro* status de um homem. É patente para todos verem.

Vamos perdoar a quem nos tenha ofendido. Isto é vital, mas não vamos buscar o perdão de Deus. Ele não o dá, porque não há nada para ser perdoado. *Ele não pode ser ofendido*, mas nós *podemos* infringir as leis do espírito, e, ao fazê-lo, não podemos pedir à lei que nos perdoe. Mas *podemos* arrumar tudo endireitando, de forma a voltarmos à harmonia com aquela lei novamente e não desafiá-la.

A Igreja ensina que não importa o 'pecado' que a pessoa tenha cometido, não importa o quão malévolamente tenha sido a vida de um homem, Deus tem misericórdia infinita e perdoará os verdadeiramente contritos, através dos méritos da grande alma a quem, na terra, conhecem por Jesus.

De fato, tão grandes são os poderes creditados a Jesus, não somente para conseguir a 'salvação' do homem na terra, mas também por sua advocacia na Alta Corte do Céu, que estas suposições formam a terminação de toda oração 'oficial' que é expressa publicamente, ou impressa em livros para a devoção pessoal. Estas terminações peculiares parecem trazer um valor de talismã, um poder mágico que, muito seguramente, não têm, e não podem ter.

Como um instrumento para reza, elas são completamente inúteis. De fato, de qualquer forma e em qualquer circunstância, elas são inúteis. São parte do alto edifício teológico de erro

espiritual que a Igreja erigiu e apresentou, para a confusão de incontáveis milhões de almas que, finalmente, chegam ao mundo espiritual. Eles descobrem por si mesmos que não adianta chorar pedindo misericórdia contra a ação de uma lei natural que eles tenham infringido ou desconsiderado. Eles podem gritar pelo Pai do Céu, mas não pedindo misericórdia. Isto também seria inútil.

Mas eles podem enviar suas orações pedindo ajuda aos reinos mais elevados que o dele, e a ajuda chegará instantaneamente, não em forma de misericórdia nem em forma de perdão pelos 'pecados', mas alguma alma que devota suas energias aos aflitos logo se apresentará a este aflito. Imediatamente, este último poderá aliviar sua mente atormentada com seu socorrista, o qual poderá mostrar-lhe os meios de redimir o tempo perdido, não pelos méritos ou sacrifícios de outrem, mas por seus próprios esforços apenas.

Ele deve trabalhar sozinho por sua 'salvação', mas ele vai precisar dessa assistência real quanto às formas e meios para realizá-la, por causa de sua falta de conhecimento. O recitar de mil credos não vão valer de nada. A fé assim descrita não tem valor para a alma fazer avanços nem uma só fração de polegada em sua estrada de evolução. Nosso melhor amigo, em tais casos, só pode oferecer e dar assistência amistosa; o trabalho real da 'redenção' pessoal é desenvolvido pelo indivíduo *sozinho*. É ele que tem que se decidir por harmonizar-se com as leis que infringiu, não importa quais, nem em que extensão. Se suas ofensas foram contra outros, sua primeira atitude será buscar o perdão dos que prejudicou.

Este último rapidamente vai perdoá-lo, porque vocês devem saber que as inimizades podem acabar rapidamente no mundo espiritual, em certas regiões. Então, logo lhe será mostrado como se redimir para se ajustar ao recebimento de sua indubitável herança de felicidade nestes planos. Seus erros passados serão acertados através de seus próprios esforços, e não por processos mágicos de reparação vicária; será pela aplicação pessoal, possivelmente através de trabalho bastante duro.

A Igreja que faz estas reivindicações orgulhosas na terra não contribui em nada com a verdade, ou o conhecimento, ou a assistência para o socorro da alma em sua vida no mundo espiritual. As preces que são pronunciadas para os 'mortos' são baseadas em um conhecimento tão deficiente, que são de pouca ou nenhuma ajuda para a alma que 'partiu'. A Igreja, na verdade, falhou desastrosamente. E a falha da Igreja pode ser vista por todos aqui no mundo espiritual, onde temos que endireitar os efeitos dos muitos erros sobre os 'fiéis'.

Talvez um dos mais graves conceitos errôneos sobre o Pai do universo está expresso nas últimas palavras desta oração que estamos discutindo: *Não nos deixeis cair em tentação* (NT: *Esta frase em inglês teria a tradução direta de forma diferente: Não nos conduza à tentação*). Aqui, novamente, não estamos interessados nos documentos originais do Novo Testamento, mas só nas palavras que transmiti, da forma que estão transcritas também em miríades de cópias dos evangelhos. Os teólogos objetarão que não há pessoa sã que acreditaria que o próprio Deus deliberadamente levaria um só ser humano à tentação, mas há muitas, muitas pessoas sãs que realmente acreditam, que, mais ainda, acreditam em cada palavra do Novo Testamento *exatamente como estão registradas em sua própria língua*, pessoas que discordariam enfaticamente com os teólogos.

Deus, afirmam, certamente nos levaria a tentações, e se falharmos na força espiritual e cairmos em 'pecado', e 'morrermos impenitentes', então nos danaremos por toda a eternidade. Nesta hora viriam em seguida as usuais crenças cruas e sem sentido sustentadas por tais pessoas.

Os teólogos neste caso estariam certos – Deus não conduziria, não o faz, *não pode* conduzir nem um simples indivíduo à tentação. Mas por que pronunciar a malévola sugestão de que Ele o faz? Por que, acima de tudo, dizer uma coisa e significar exatamente o oposto? Desta forma as palavras perdem totalmente seu significado. Estes métodos verbais nunca seriam tolerados nem por um instante no relacionamento comum na vida diária da terra – ou sobre qualquer outro plano de existência.

Resultaria o caos inevitavelmente, se persistíssemos em dizer uma coisa enquanto, ao mesmo tempo, teria significado totalmente oposto. A precisão e a exatidão, tanto nas importantes quanto nas mais simples ocasiões da vida comum, ficariam para sempre em falta, ou, pelo menos, nunca se saberia se as palavras deveriam ser tomadas como foram pronunciadas, ou se

o significado oposto seria o pretendido. Os assuntos ordinários não poderiam ser resolvidos se condições verbais deste tipo prevalecessem. Esta perda retórica das palavras e da fala é francamente tolerada num assunto tão importante como as orações.

Se há uma coisa onde a precisão e a exatidão é essencial, é na formação de uma oração. Nós já discutimos este aspecto do assunto, e eu lhes dei algumas sugestões sobre o tema. Aqui vou ampliar o que já transmiti, ao enfatizar o fato de que as teorias teológicas que estão incorporadas em muitas orações são perfeitamente inúteis e completamente ineficazes. São tantas palavras vazias que melhor seria omitirmos todas. Elas servem meramente para confundir o propósito principal da oração.

A recitação das crenças religiosas durante o curso da oração é igualmente inútil, sejam estas crenças verdadeiras ou apenas o recitar de doutrinas falaciosas, e novamente servem apenas para confundir o real propósito da oração. Não há valor espiritual em afirmar, pública ou privadamente, as crenças religiosas de alguém na forma de um credo disposto e reconhecido, nem num credo de sua própria composição.

Nas épocas passadas, tornou-se costume das congregações fazer destas declarações públicas um meio de demonstrar claramente que eles tinham a verdadeira fé e não contaminada pelas crenças heréticas dos outros. Tal exibição de ostentação não tinha mais valor espiritual que agora.

Para voltarmos à Oração ao Senhor. Ainda que um clérigo negasse ativamente que Deus jamais levaria o homem à tentação, apesar da declaração contrária que está na Oração ao Senhor, o mesmo clérigo declararia que Deus ‘tentará’ uma pessoa; isto é, atribuições ser-lhe-ão ‘enviadas’ para testar a qualidade de seu poder espiritual de resistência e, portanto, falando apropriadamente, as tentações vêm do ‘demônio’, mas Deus *permite* ‘o diabo’ fazer seu trabalho desumano – e etc., nas mesmas linhas.

De fato, quando alguém chega a pesar estas coisas, o Deus da teologia arma muitas armadilhas para os desatentos, fez da vida sobre a terra, em sua relação com a vida no mundo espiritual, uma massa das complexidades de dogmas, e fez o ‘céu’ um lugar tão pio que se tornou um lugar quase impossível, e a muitos indivíduos justifica-se tremerem diante da perspectiva de irem para lá. Eles vão associar o ‘além’ com a marca particular da religião que ele favoreceu, ou com a qual ele era mais familiarizado, e se ele se permitir pensar em tudo sobre o tema, ele vai comparar a vida que agora está vivendo, que pode ser bastante confortável para atender aos seus desejos, com o tipo ‘religioso’ de vida que está associado em sua mente com o ‘céu’ da Igreja.

Ele sentirá que, pelo menos no que lhe concerne, parecerá um peixe fora d’água, vivendo num estado de constante vergonha entre pessoas num grau tal de devoção que ele nunca almejou atingir. Essa confusão nas mentes dos homens não surge apenas através dos ensinamentos errôneos da Igreja, mas surge também pelo conteúdo das orações oficiais.

Se uma pessoa é devota, vai ouvir regularmente as palavras *não nos deixeis cair em tentação* endereçadas ao Pai. Qual é o resultado? Se ele acredita que Deus pode, a qualquer momento, deixá-lo cair em tentação agindo como um funcionário extremamente desagradável, *um agente provocador*, ele não está fazendo a si nenhum bem espiritual ao acreditar em uma coisa tão danosa. Se ele não acredita que o Pai o tentaria a transgredir, por falar diretamente o contrário nesta oração, ele está falhando no primeiro princípio de uma oração de sucesso, ou seja, que a oração deve ser clara e exata em seus termos e ensinamentos.

Tanta gente pronuncia suas orações com fé e seriedade, mas ai!, dirão a vocês que elas jamais pareceram ter resposta. Pode haver muitas razões para isso. Espero adentrar em algumas delas com vocês agora. Por agora, entretanto, podem se levantar objeções quanto ao que eu disse concernente à Oração do Senhor, a mais apreciada e a favorita entre as orações.

‘Quem é seu irmão’, pode ser objetado, ‘que tenta demolir a prece real que foi dada ao mundo pelo próprio Jesus como modelo para todas as orações?’

Eu responderia que esta oração nunca foi usada como modelo para todas as orações, como é claro de se ver pelas composições repugnantes que são diariamente recitadas e que aparecem nos livros de orações. O precedente – se fortuitamente incluído ou não - o precedente

sobre precisão e brevidade foi totalmente ignorado, em favor de exibições oratórias moldadas em longos períodos e fraseologias pomposas.

Quanto à oração ter sido dada ao mundo por Jesus, como observei no princípio, quem quer que seja o autor dela, *não* foi Jesus. Seu conhecimento espiritual naquele tempo era grande demais para ele cometesse tal erro.

ORAÇÃO RESPONDIDA

Há outro aspecto da oração ao qual devotaríamos alguma atenção e que poderia ser expressa desta forma: a oração é respondida? Esta é uma pergunta que mexe com a mente de muitos na terra.

Alguns responderão enfaticamente que a oração é respondida, e apresentarão uma experiência pessoal para demonstrar sua afirmação. Outros, não tão afortunados, negarão que as preces são respondidas porque não tiveram nenhuma experiência pessoal sobre isto. Destas duas evidências opostas, os encarnados podem responder nossa pergunta inicial desta maneira: as orações são respondidas *algumas vezes*, mas depende inteiramente da vontade de Deus.

Se nossa súplica estiver de acordo com a vontade de Deus, teremos nosso pedido atendido; se for contra a vontade de Deus, então não. Se pudéssemos, (os encarnados vão acrescentar), obter um lampejo da vontade de Deus, então teríamos a solução para todo o problema sobre a eficácia da oração.

Mais uma vez temos a introdução da vontade de Deus para providenciar uma explicação sobre o estado espiritual dos assuntos sobre os quais, aparentemente, não se acha outra explicação – desta vez para explicar a falha, ou algo assim, da oração. Insatisfatória é a razão pela qual a vontade de Deus se traduz como um capricho de Deus, porque em nenhum outro campo se pode basear a aparente parcialidade e o caráter caprichoso no exercício da vontade de Deus, e a incerteza geral de que as orações serão respondidas.

A experiência da maioria das pessoas é que elas rezam ao Pai por algum propósito em especial, enquanto que, ao mesmo tempo, estão completamente mentalmente incertas mentes do que vai acontecer – se é que vai. Pode significar sucesso, pode significar falha. Mesmo que se alegue que qualquer causa da falha pode ser atribuída à falta de fé, o suplicante pode rebater que ele tinha fé absoluta de que sua oração seria respondida. Nada, de fato, poderia ser mais arriscado do que a realização de uma oração onde algum pedido tenha sido feito.

Muitos devotos esconderão seu desapontamento e tristeza, resultantes da falha de suas orações, nas palavras *Seja feita a Sua vontade*. E com este lamento desesperado todas as esperanças se esvaíam, porque a quem mais ele agora poderia apelar? Por alguma razão inescrutável, Deus não foi sintonizado, diria, para responder à sua oração, e assim não há nada mais para ser feito.

No mundo espiritual, nunca usamos as palavras *Seja feita Sua vontade*. Preferimos dizer, efetivamente, *Prevaleça a Sua sabedoria*. E a sabedoria de Deus prevalece. Ela prevalece em cada instante – sem falhas. Esta sabedoria se manifesta através dos personagens ilustres que habitam nos mais elevados reinos, e a quem nos voltamos nas maiores dificuldades que possamos ter. Quando temos algum pedido para fazer, vemos que a resposta nos chega instantaneamente, seja um sim ou um não. Mas isto não acontece em nossa consideração presente, já que vocês não são ainda habitantes destes planos.

Vamos eliminar, para sempre, qualquer noção de que a vontade de Deus é concernente à resposta de suas orações, e se discutimos *como* elas são respondidas, deveremos ver logo por que acontece de elas *não* serem respondidas.

Estamos, claro, considerando orações que contenham algum pedido específico, seja por orientação espiritual de alguma forma ou outra, ou seja por assistência material durante os tempos de dificuldades ou aflições. Não vamos lidar aqui com as orações de agradecimentos, ou muitas emanações de devoção que aparecem nos livros de oração.

É amplamente suposto que Deus, sendo onipotente e onisciente, responde Ele mesmo às orações dos encarnados. Se uma oração completamente atendida está ligada com qualquer assunto concernente à Igreja, tudo o que ocorre é encarado como um ‘milagre’, ou algo próximo disto. Neste caso, entretanto, pode não ser devida à intervenção direta de Deus. Pode se alegar que a resposta da oração tenha vindo através dos serviços bondosos de algum ‘santo’ da Igreja. É por causa da crença de que as orações são respondidas através da intervenção direta de Deus que tanta má compreensão exista.

Milagres não acontecem. Nada acontece sobre a terra – ou nos reinos espirituais – que passe por cima ou além das leis naturais. Não há coisas ou estados chamados ‘supranaturais’!

Como certas mentes da terra gostam de se referir à qualquer coisa impressionante sobre o mundo espiritual como ‘supranatural’; os fantasmas, os duendes e as aparições, com uma variedade de outras designações a escolher, tudo é usado para indicar um habitante dos planos espirituais.

A estes que usam estas palavras numa ridícula ofensa ou por pura negligência eu diria: tenham cuidado! Lembrem-se de que cada alma que viveu na terra vive agora no mundo espiritual, entre os quais estão seus bons amigos e parentes que já se foram. A menos que vocês os considerem da altura espiritual de um ‘santo’, se não, eles ainda estão vivendo em planos um pouco mais baixos e podem ser contados entre os milhões de nós aqui. Sejam cautelosos ao usarem tais termos para despreverem uma pessoa espiritual, pois podem, na hora certa, ser usados contra você num escárnio ofensivo similar.

Esta visão bastante mundana do mundo espiritual é mantida pelos encarnados porque eles se consideram, em todos os aspectos, superiores aos habitantes do mundo espiritual, em virtude do fato de que os encarnados ainda estão na terra, a boa e firme terra onde a realidade os circunda. Estão vivendo uma vida normal. No mundo espiritual é vastamente diferente. Lá é que é vago e sombrio, invisível e distante; os moradores destas regiões são fantasmas, espectros ou assombrações; sombras, de fato. O mundo onde vivem deve ser não-substancial porque, como seus habitantes, não pode ser visto com os olhos da terra, na forma terrena pelas quais as coisas podem ser percebidas na terra substancial.

O mundo espiritual, para estas mentes, é um lugar insalubre também, o mínimo que se pode dizer – ou mesmo pensar – sobre isso. Há muitas pessoas que pensam desta forma, e que ainda estão vivendo na terra. Há milhões de pessoas no mundo espiritual que pensavam assim, uma vez, quando eram encarnados. Todos experimentaram um choque para a sua auto-satisfação quando descobriram a verdade por eles mesmos, depois de sua chegada a estes planos. Entretanto, temo que isto seja uma digressão. Vamos retomar.

Se examinarmos os procedimentos das respostas de uma oração, poderemos ver por que a oração algumas vezes não é respondida.

Primeiro de tudo, é feita uma súplica ao Pai. É impossível que eu entre nos detalhes de cada tipo de petição, por razões que vocês rapidamente vão entender. Há milhões de milhões de requisições vindas ao mundo espiritual, e cada uma com intenções, condições e circunstâncias bem diferentes. Cada oração é levada em conta, individualmente. Se os pensamentos foram completamente concentrados nas palavras, ou na intenção que as palavras carregam, e se teve poder diretivo adequado nela, então a oração infalivelmente alcança seu destino elevado.

Para nossos propósitos atuais, consideraremos que a oração alcançou estes reinos de luz. Nosso primeiro ponto de contato com ela será, daí por diante, com o guia espiritual da pessoa que enviou a oração.

Aqui eu devo explicar que cada ser humano na terra está a cargo espiritual de uma alma experimentada e sábia, que é conhecida tecnicamente na terra como o espírito guia. Os guias espirituais pertencem a uma ordem nobre de seres do mundo espiritual. Todos são residentes nestes planos por muitas centenas de anos, e são especialmente escolhidos para seu trabalho por causa de seu alto grau de sabedoria que possuem, entre muitos outros atributos importantes. Os guias têm os seus custodiados a seu encargo desde a sua tenra infância. Eles estão, portanto, bastante familiarizados com todas as circunstâncias e assuntos das vidas deles. Mais felizes são os que, entre os encarnados, encontraram seus espíritos guias e falaram com eles ainda na terra.

Seu espírito guia está completamente familiarizado com qualquer oração que você possa fazer e que contenha um pedido. O guia, sendo bastante conhecedor do conteúdo de certas orações suas, é natural que ele empreenda a tarefa – freqüentemente bastante difícil – de conseguir uma resposta a ela.

Mas o guia não levará esta tarefa sozinho; ele terá um número de ajudantes dispostos. Em muitos casos, eles também serão amigos e parentes do suplicante, ou ambos. Estes amigos ou parentes podem ser também residentes no mundo espiritual, ou alguns poderão estar no plano

terrestre. O processo real, então, de responder uma oração consiste em influenciar, impressionando ou inspirando, estas pessoas na terra, pois estão na posição de cumprir a realização dos desejos do suplicante, direta ou indiretamente.

O espírito guia, em todos os casos, sempre usará seu julgamento e discernimento quanto a oração ser respondida totalmente e o mais breve possível, ou se vai ser respondida apenas parcialmente ou condicionalmente, onde isto for praticável; ou se será remetida ao futuro, quando as condições e as circunstâncias forem mais propícias. Finalmente, o guia exercitará seu discernimento quanto aos desejos do suplicante serem mesmo realizados.

A sabedoria do guia lhe dirá se beneficiar seu encarregado em algum desejo seria prejudicial a ele, espiritualmente, ou fisicamente, ou materialmente. Em tais casos nenhuma ação será promulgada, nem seria permitido, e a oração continuará sem resposta.

Naturalmente, não são todos os pedidos que, em seu cumprimento, são prejudiciais à pessoa que faz a súplica, mas a realização poderia ser prejudicial a outros e, por isso, não lhe será concedido.

Deixe-me dizer aqui que as orações, incontáveis milhares delas, que são respondidas completamente e plenamente são mais numerosas que as que são deixadas sem resposta. Se ela for sábia, possível e praticável, o pedido através da oração será concedido sem dúvida. A vontade de Deus não entra no assunto, mas, decididamente, a sabedoria de Deus sim. Esta sabedoria é manifestada através dos espíritos guias dos encarnados, e é derivada, onde necessário, dos seres mais elevados. Mas deve ser lembrado que os espíritos guias não possuem forças todo-poderosas, apesar de obterem seu poder do próprio Pai.

Quando um espírito guia começa a acionar as várias forças para influenciar, através da impressão, certas pessoas na terra, ele sempre estará ciente do livre arbítrio da pessoa perceptiva. Ele deve respeitá-lo, e não fazer nada que infringirá de forma alguma o direito de exercê-lo.

Até aqui eu apenas tratei do assunto de forma abstrata. Vou dar um exemplo que, espero, servirá para esclarecer o assunto; um exemplo que escolheríamos entre tantos e tantos. A variedade de pedidos que estão contidos em orações é infindável, como podem imaginar quando considerarem por um momento a vasta diversificação dos assuntos humanos e as circunstâncias que constituem as vidas das pessoas ainda viventes na terra.

Cada um tem seus desejos e ambições particulares, e apesar de que incontável número de pessoas jamais pense em orar nesta conexão, mesmo assim há outros incontáveis que o fazem. Aqui, então, está um exemplo simples e comum.

Um filho ou filha – podemos dizer? – ora fervorosamente pela mãe, que está perigosamente doente, para que ela não seja 'levada pela morte'. As orações, entretanto, não foram frutuosas, e a mãe 'morre'. Por que esta requisição em particular foi aparentemente recusada, quando tanta alegria poderia ter, se lhe fosse concedida a recuperação da mãe?

Os inclinados religiosamente, como a própria Ortodoxia, responderiam esta questão dizendo que não foi a vontade de Deus que a senhora permanecesse na terra, que Deus chamou-a para a outra vida, e assim por diante, tudo o que está bem longe do ponto. Vamos ver o que aconteceu, ou aconteceria, quando a oração foi emitida.

Antes, talvez bem antes, que qualquer oração pela cura da senhora fosse emitida, o espírito guia da mãe já estava em atendimento, o mais próximo possível, com os doutores espirituais. A oração neste evento não seria perdida nem redundante, mas serviria para fazê-los, a paciente, o guia e os doutores, mais unidos e, desta forma, se fosse possível, efetuarem a cura, esta cura mais que certamente seria alcançada.

Por outro lado, a paciente poderia estar tão longe da sintonia com seu espírito guia que ele seria incapaz de chegar suficientemente perto, por causa da barreira material separando-os, uma barreira que foi erigida pelos pensamentos materiais da paciente, ou seu modo de vida, ou sua negligência sobre o além do plano terreno da existência, ou por uma variedade de outras causas.

A oração poderia ajudar a dispersar isto eventualmente, mas aí então poderia ser tarde e a doença já teria se alastrado demais para responder a um tratamento feito pelos mundos, o seu e o meu. O resultado, portanto, é inevitável, e a transição acontece. Mas a transição acontecerá

mesmo sem a ajuda que realmente foi dada do mundo espiritual, e não porque a ajuda foi recusada.

Assim podem ver, aqui temos o que parece ser, do ponto de vista terreno, um caso claro de falha da oração. Mas a oração em si não falhou, já que foi plenamente atendida com a melhor habilidade de todos os que participaram de sua resposta. A falha verdadeira não veio da parte dos que estavam lidando com a sua resposta. Neste exemplo em particular – como milhares de outros – a falha está com o encarnado.

Os poderes dos curadores espirituais ou doutores não são infalíveis ou onipotentes. Em todos os casos, eles trabalharão até o limite de suas capacidades para prolongar a vida de qualquer pessoa encarnada a seus cuidados, mas não podem prolongar a vida de nenhuma pessoa na terra indefinidamente. Os tecidos se rompem pelo curso natural das coisas, e a transição acontece.

Há muitas pessoas ainda vivendo na terra que devem a continuação de suas vidas naquele plano aos doutores espirituais e seus instrumentos terrenos altruístas. Tais pessoas podem estar completamente cientes do fato, e apreciam muito o que lhes foi feito. Há muitas mais que poderiam ter vantagens enormes com este serviço, mas não acreditam que seja possível, ou acham que tudo isto é desagradável. Novamente, há outros que oram por sua recuperação, e esperam que, pela intervenção *direta* de Deus, tudo estará bem novamente. Mas não fazem qualquer esforço efetivo para ajudar os espíritos invisíveis que estão fazendo o que podem para levar o paciente ao estado de boa saúde.

Assim se poderia continuar multiplicando, não só os diferentes casos, mas a imensidão de circunstâncias diferentes. O que tantas pessoas não percebem é que o pedido mais simples contido numa oração pode significar uma quantidade enorme de trabalho da parte do pessoal espiritual concernente ao trabalho de realizar os pedidos dos que oram. Novamente, o que muitos não alcançam é que, quando a oração contém um pedido específico de natureza material, a realização da prece deve, no final, se refletir em alguma *pessoa ou pessoas que ainda estão encarnadas*. E não pára por aí. Quanto mais suscetível é um encarnado às impressões que vêm do mundo espiritual, maiores são as chances de um cumprimento satisfatório da prece.

É muito simples fazer uma pequena prece contendo algum pedido, mas obter uma resposta pode envolver a influência de numerosas pessoas na terra, incluindo a pessoa que pronunciou a prece. Pode ser necessário conduzir este último cuidadosamente na direção correta, para impressioná-lo a fim de entrar em contato com certas pessoas que, por sua vez, entrarão em contato com outros, formando assim uma corrente completa de indivíduos, como é possível imaginar, onde, no final, a pessoa certa pode ser alcançada e a oração ser completamente respondida.

Pode depender, e muito freqüentemente acontece, de nossa habilidade de impingir nossos pensamentos sobre a última pessoa com vigor suficiente para atingir nosso propósito e o propósito da oração. Toda a estrutura dos contatos humanos podem ser demolida pela inabilidade do último indivíduo que recebe nossas impressões diretas. Podemos, então, repassar nossos passos, e nos esforçarmos para encontrar outro que seja de mente e perspectivas menos materialistas, ou cujas faculdades psíquicas sejam mais aguçadas, e assim construirmos outra cadeia de pessoas, outro grupo de ligações.

Não, meu bom amigo, a resposta de uma oração não é brinquedo de criança. Não é raro que envolva uma enorme quantidade de trabalho duro de nossa parte.

Algumas vezes podemos entrevistar pessoas quando elas vêm visitar estes planos durante seu sono, e expor o caso a elas. Raramente temos uma recusa aos nossos desejos em nome de nosso amigo necessitado na terra. Estas pessoas, na maioria das vezes, ficam desejosas e ansiosas por nos ajudar, participando de nossas vontades – enquanto estão em sua visita noturna ou em outro estado sonambúlico. Suas intenções são puras, genuínas e honestas, mas, ai!, quando voltam para seus corpos terrestres e recuperam suas consciências físicas, freqüentemente acontece que não relembram as suas boas intenções e resoluções para fazerem o que desejamos que façam. Mas perseveramos, e continuamos perseverando, até que atinjamos o sucesso, ou até que sejamos obrigados a, relutantemente, abandonar nossos esforços de vez, ou pelo menos até uma ocasião ou um tempo mais auspiciosos.

O principal problema, pelo qual uma oração dá tanto trabalho, vem das visões errôneas que as pessoas da terra têm a respeito delas. Por muitos, muitos anos, os encarnados esperaram demais da oração. Por muito tempo a Ortodoxia estrondeou nos ouvidos de seus 'devotos' que a oração é praticamente todo-poderosa. Não é assim. Deus responderá suas preces, afirmam, se for de Sua vontade fazer isso, ou se você tiver fé suficiente – ou ambos. Desta forma, a oração é sustentada e mantida viva, enquanto que quaisquer falhas são imputadas à vontade de Deus ou à falta de fé.

Fé em quê, ou quem? Você poderá perceber por si mesmo o quanto a fé tem a ver com a resposta da oração. As pessoas podem ter fé absoluta, como alegam, mas mesmo assim a oração não obtém sucesso. Uma intenção forte, firme e boa é, de longe, melhor. Fé é não-substancial, vago demais. Mas uma resolução firme de ajudar a oração ao máximo das habilidades na terra, ser tão alegre quanto as circunstâncias permitam, ser esperançoso, e estar confiante e certo de que, contanto que o pedido da oração não prejudique ninguém, incluindo o suplicante, então um grande fila de socorristas e amigos trabalharão incessantemente para atingir os desejos expressos na prece. Não requer fé.

Pode-se ver que a super-expectativa dos resultados da oração, junto à concepção falha dos meios usados para respondê-la são responsáveis por um grande número de orações públicas que são completamente inúteis. Como, por exemplo, rezas para chuvas, ou por outras quaisquer mudanças nas condições meteorológicas. Como nós, do mundo espiritual, poderíamos mudar o tempo? Não podemos fazer isso, tanto quanto vocês na terra.

O mundo espiritual não tem influência em quaisquer estados de clima na terra. As mudanças de tempo acontecem por leis naturais que governam a atmosfera do mundo material. A alteração da atmosfera e da temperatura produz seus resultados variados, mas elas não podem ser influenciadas por ninguém do mundo espiritual, como algumas vezes se supõe. Foi sugerido que os elementos terrenos estão sob a supervisão particular de alguma grande alma nos planos espirituais. Isto é impossível.

Se a Ortodoxia apenas soubesse a verdade sobre as orações, sua eficácia, suas *limitações* e o *modus operandi* para respondê-las, nunca, em seu passado, teria feito as orações ridículas e suas exibições, como as 'preces pela chuva'. A Ortodoxia não está mais iluminada agora sobre o assunto, e ainda se atém à vontade de Deus para providenciar uma explanação sobre algo – talvez sobre muitas coisas – que está completamente fora de seu entendimento, mas que poderia ser alcançado pela simples exposição da verdade espiritual ou da atuação da lei espiritual. A Ortodoxia não aprendeu ainda como rezar. Como pode instruir outros, quando sua própria ignorância e falta de conhecimento são tão profundas?

BATISMO

As leis do mundo espiritual são a contradição visível de uma vasta quantidade de teologia, de tantas doutrinas fabricadas por homens, credos e dogmas, e de grande parte dos *impedimenta* que concorrem para construir a religião Ortodoxa.

Uma das minhas primeiras descobertas aqui foi que uma das leis do mundo espiritual, apenas uma lei, pode tornar falsas talvez três ou quatro crenças doutrinárias da terra. Pode-se perceber, como residente no mundo espiritual, que a Igreja terrena, por sua própria estimativa, praticamente pegou o comando do mundo espiritual. A Igreja, com efeito, construiu um código de leis complicadas pelas quais a alma de um mortal deveria ser governada. Ela elevou a terra a uma importância bem mais elevada do que na verdade pode garantir.

O mundo terreno tem alguma importância na evolução da alma do homem, e naturalmente tem seu lugar no esquema total da existência. Mas a terra é meramente um trampolim para uma vida superior, a vida superior do mundo espiritual. A vida 'religiosa' do homem no plano terrestre deveria ser tão livre quanto o ar que ele respira. A Igreja não tem direito nem mandato para limitar nenhuma alma com suas crenças pegajosas feitas pelos homens que nem se aproximam da verdade, e que são um estorvo e não uma ajuda para o progresso espiritual do homem.

A Igreja formulou doutrinas pelas quais a alma tem o seu exato estado e o lugar de habitação no mundo espiritual pré-atribuídos a ela. A Igreja fez leis; pela infração delas o homem infalivelmente se entrega ao inferno para toda a eternidade. Executa ritos que, a respeito do fato absoluto, são totalmente inúteis para qualquer alma, e que não ajudarão para que alma dê um só passo no caminho de sua jornada ao mundo espiritual, ou depois.

Tem sido dado muito peso às opiniões e declarações dos clérigos mais antigos, cujos ensinamentos os elevaram ao título de Pais da Igreja. Jamais pais guiaram seus filhos tão terrivelmente desencaminhados. Eles estavam na maior parte tão no escuro quanto aqueles a quem estavam professando, a fim de instruir. Estes mesmos Pais da Igreja estão todos eles no mundo espiritual.

Uma hoste deles são grandes almas, mas suas visões agora são bem diferentes daquelas que tinham quando estavam na terra. Foi alegação de um destes Pais, enquanto estava encarnado, que no estado em que alma estivesse quando sua 'morte' acontecesse, naquele estado ele ficaria para sempre. Como a árvore cair, assim ficará. No momento em que a 'morte' aconteceu, então, seu futuro ficou selado. Se ele não se comportou bem na terra, então o inferno será a sua parte, ou talvez, com melhor sorte, uma estadia de duração não-especificada no purgatório. Durante este tipo de vida na terra, portanto, um homem determinaria sua morada no mundo espiritual para toda a eternidade. É sob um ditame como este que muito da doutrina da Igreja foi baseada.

No mundo espiritual, nós encaramos a realidade, encaramos a verdade sem qualquer equívoco. Como padre da Igreja, executei numerosas cerimônias. Desde a minha chegada no mundo espiritual vi a verdade e o valor de tais rituais. Minha mente se elucidou – assim como as mentes de milhões de outros que aqui também se iluminaram – sobre toda a falsidade de muitos dos ensinamentos religiosos da terra. Ao falar assim com vocês, portanto, transmito a verdade como ela é conhecida por nós nestes reinos.

Vocês não estão vivendo num mundo onde a verdade é sempre sustentada. Nós estamos. Se eu tivesse que temperar minhas declarações com falsificações da verdade, que uso teria falar, afinal de contas? Tais comunicações do mundo espiritual seriam inteiramente sem valor. Em assuntos relativos à alma e o futuro status espiritual do homem, uma atitude faria a terra sempre certa e o mundo espiritual sempre errado. Esta é uma posição que no mundo espiritual não podemos aceitar. O mundo espiritual não pode receber e não recebe ordens da terra.

Os líderes da Igreja não sabem praticamente nada sobre o seu 'futuro estado'. Deveriam. Ao invés disso, sustentam e espalham doutrinas irracionais que alegam ser de origem e fonte Divinas. Na maioria dos casos, estas doutrinas são puras trivialidades que uns poucos momentos de vida aqui no mundo espiritual revelam que vieram de mentes banais. Com minha experiência

mais completa no mundo espiritual, algumas vezes tremi em lembrar como algumas doutrinas mesquinhas estão inseparavelmente associadas com a Maior Mente do universo.

Quando eu estava na terra, acreditei piamente que 'morrer' sem ser batizado significava estar impedido de entrar nos reinos do céu. O maior extremo de tudo foi acreditar que as pessoas não-batizadas que passaram para o mundo espiritual naquela condição eram condenadas ao inferno para sempre. Eu, portanto, encarei toda a cerimônia do batismo como da maior importância para a 'salvação' da alma. Julguei-a, de fato, indispensável. Acreditei que ela lavava qualquer traço de 'pecado' se o batismo fosse em alguém que já tivesse atingido a 'idade da razão'.

Eu acreditei que a pessoa se omitisse de ser batizada até que estivesse em seu leito de morte, sendo batizada então, isto o levaria diretamente ao céu. E mais, quaisquer más ações que tivesse cometido, estas más ações seriam retiradas dele num piscar de olhos, que sua alma ficaria imaculada e ajustada para o céu mais elevado. Eu não sabia ali, como agora sei, que não há fórmula mística ou mágica que faça erradicar de alguém maldoso os resultados de seus males praticados. Era parte de minha fé achar que conforme, e na hora que, eu batizava uma criança, eu salvava aquela criança para os reinos dos céus; que se aquela criança tivesse 'morrido' sem participar desta cerimônia, ou pelo menos de uma récita mais simples feita por um leigo, de curta duração, mas com as palavras essenciais do batismo real, aquela criança estaria para sempre impedida de ficar à vista de Deus. Ela nunca poderia ver Deus 'cara a cara'.

Nunca me ocorreu, como agora sei ser o caso, que a beleza espiritual da alma de uma criança era, por ela mesma, uma parte do Pai do Céu, e que nenhuma palavra pronunciada por alguém sobre a terra poderia acrescentar um traço de mais beleza para aquela alma. A alma que é implantada numa criança é perfeita.

Há uma lei, pelo menos, no mundo espiritual, que se opõe inteiramente ao rito do batismo, que é a lei de causa e efeito.

É uma doutrina errônea esta 'lavagem dos pecados' batismal. Muitas são as almas que encontramos aqui que ficaram chocadas ao aprenderem que incontáveis crianças felizes que moram no reino das crianças passaram para o mundo espiritual sem o batizado. Quando entenderam sua nova situação e as leis que governam este mundo, logo perceberam que a lei espiritual que traz todas as crianças da terra para seu mundo próprio no mundo espiritual é muito, muito maior que qualquer ritual de batismo. De fato, ele torna-se insignificante diante da verdade e a beleza da esfera da criança.

Para continuar com o ritual como se fosse um símbolo puramente tradicional, dedicar uma criança a Deus seria inofensivo, já que não envolveria ninguém em crença nenhuma de nenhuma doutrina obscura. Realizar uma cerimônia simples para nomear uma criança e, ao mesmo tempo, oferecer agradecimentos por ter nascido perfeito, isto, também, é inofensivo. Mas ir adiante disto, isto é inquestionavelmente errado.

Vão observar, talvez, que as Escrituras, sobre as quais muito da religião Cristã está fundamentada, falam muito claramente que devemos ser batizados, e que, mesmo as palavras da fórmula sendo dadas, sem o recital exato toda a cerimônia é nula. É assim. Mas por isto aparecer nas Escrituras, não posso alterar as leis do mundo espiritual mesmo que quisesse ou pudesse – e, enfaticamente, não quero! O mundo espiritual e as leis do mundo espiritual são muito mais importantes que algumas palavras que alegam terem sido pronunciadas há quase dois mil anos atrás.

A importância espúria que foi agregada ao rito do batismo é apenas mais um exemplo da posição falsa na qual o Cristianismo foi colocado, dando-se a ele uma exclusividade à qual não tem direito. Esta exclusividade foi estendida até que não somente atue bem distante no mundo espiritual, mas até que quase invada o Pai do universo. Se a Ortodoxia Cristã não clamou o direito da posse plena do direito de se aproximar do Pai do universo, certamente clama os privilégios mais extensivos para todos os que se consideram Cristãos, tanto bons, quanto maus.

Está no espírito de justiça verdadeira que alguns sejam mais privilegiados que outros em termos de suas 'salvações'? Muitos responderiam sim, porque consideram que a religião Cristã está acima e além de todas as outras, simplesmente porque é 'Cristã'. Não é uma razão satisfatória, mas é uma razão que, todavia, é mais comumente dada. Quando chegamos a

discutir as coisas com as pessoas daqui, descobrimos que elas sustentaram firmemente sua Cristandade enquanto ainda na terra, mas não podem dar uma razão adequada para explicarem o porquê disto. Alguns dirão que foram batizados na religião Cristã ao nascer, e por isso consideraram-se Cristãos desde então.

Eles, naturalmente, acham – primeiramente – que estão num céu Cristão, um céu que é prêmio por terem sido bons Cristãos – ou, pelo menos, por ter sido Cristão, no final das contas – e ter levado uma boa vida. Com o decorrer do tempo, seus olhos se abrem. Quando saem, como eu fiz, numa viagem de descobertas através destes reinos, começam a encontrar pessoas que, para dizer o mínimo, não podem realmente *pertencer* a estes reinos *Cristãos* nos qual eles imaginam estarem vivendo. Eles verão visitantes dos mais altos reinos cujas feições sugerem que não são Cristãos; a cor de suas peles e sua aparência geral, também, somar-se-ão a esta descoberta tão surpreendente.

Nenhuma destas almas foi jamais batizada, e assim, de acordo com algumas crenças, deveriam ter sido 'jogadas nas trevas exteriores'. Certamente, eles pareceriam não ter como morarem nestes reinos. Mas o fato inflexível continua, eles estão morando nestes reinos, e estão aqui independentemente de raça, cor, ou credo.

As três distinções não têm validade e nenhuma significação no mundo espiritual. Raça e cor não são obstáculos para a grande marcha de progresso da alma, e aqueles de nós que mantivemos visões totalmente estreitas e insulares sobre o tema, somos compelidos, pela força da verdade, a reajustar nossas visões. Aqueles de nós que, quando encarnados, preferíamos observar as pessoas de outras raças e nacionalidades como seres humanos como nós mesmos, descobrimos que, quando encontramos tais pessoas no mundo espiritual, elas são nossas amigas, felizes por nos conhecerem, assim como nós a elas. A cor da pele e o contorno do nariz são assuntos sobre os quais nem pensamos.

Nestes reinos somos um grande grupo de amigos verdadeiros, tão orgulhosos por conhecer alguém cujo semblante seja triste, como por conhecer alguém cujas características sejam fracas, por comparação. Estão afastados para sempre os preconceitos raciais e os sentimentos de estranhamento entre homens de cores raciais diferentes. No meio desta imensa população de variadas nacionalidades, há milhões que não foram batizados quando estiveram na terra, milhões que preferiram não serem submissos a religião alguma, mas que viveram suas vidas de acordo com suas consciências, e que se comportaram perante seu próximo como gostariam que seu próximo se comportasse perante eles. Não se enroscaram em nenhuma forma de credo religioso quando finalmente chegaram ao mundo espiritual.

Eu disse que as pessoas daqui não se importam com credos. Com isto, quero dizer que não importa o credo que tais pessoas professaram quando estavam encarnadas, isto não faz diferença em sua habitação no mundo espiritual. Eles alcançaram suas habitações pela espécie de vida que levaram na terra, e apenas por este meio. Mas suas crenças religiosas usualmente experimentam uma vasta reconstrução depois que suas transições acontecem, quando finalmente vêem que aquela Ortodoxia que foi peremptoriamente brecada nos verdadeiros portais do mundo espiritual. As igrejas que existem aqui, na forma antiga da terra, são imitações religiosas de nenhuma significação real.

À luz de nossas novas experiências no mundo espiritual, podemos ver apenas o grau de confiança que se pode dar na tradição ao escolhermos o lado religioso da vida na terra. Podemos ver como nações e mais nações, por gerações e mais gerações, sustentaram a crença da necessidade vital do rito do batismo como a chave espiritual que destrancará as portas do mundo espiritual para a alma que ali chega.

Podemos ver que a Ortodoxia encara a pessoa não-batizada como alguém que está em perigo mortal de perder a 'salvação' de sua alma. Muitas pessoas encarnadas tratam estes como desgarrados espirituais, condenados à perdição eterna, ajustados apenas ao inferno mais baixo. A Ortodoxia é cegamente ignorante e pouco disposta a aprender. Através dos séculos que se passaram, ela construiu um sistema elaborado de observações e ensinamentos religiosos que são, principalmente, inúteis. As Igrejas arrogaram-se poderes sobre todas as almas, os quais não têm base na verdade ou em fatos. Sem dúvida, estes poderes não são nada além de fraude; não

podem jamais ser comprovados. A Igreja pode contar bazófias, pode tentar circunscrever uma alma com ameaças de desastre espiritual se ela desobedecer seus 'mandamentos' falsificados.

Ela pode tentar impor todas as formas de condições restritivas sobre seus membros; pode tudo menos extinguir a vida espiritual de um homem; ela pode viver sua vida auto-satisfatória e elegante sobre a terra, proclamando orgulhosamente, de sua forma presunçosa, o que ela crê profundamente que seja a 'vontade de Deus'.

Ela pode continuar com seu modo superior de condenar os homens, por um lado, ao fogo eterno e, de outro, convertê-los em 'santos' da Igreja. A Igreja pode continuar a cometer estes absurdos, enquanto nós, no mundo espiritual, avaliamo-los por uma verdadeira avaliação. E cabe a nós do mundo espiritual tentar frustrar todos os ensinamentos falaciosos que foram absorvidos pelos partidários iludidos da Igreja, quando eles, por fim, chegam no mundo espiritual.

Não lhe contei como, em companhia de outros, me engajei no trabalho de ajudar as pessoas imediatamente após elas deixarem a terra? Nós tentamos mostrar-lhes que tudo está bem, e que uma felicidade esplêndida os espera, aqui e agora, se eles esquecerem os ensinamentos estúpidos de suas Igrejas terrenas, arrancarem de suas mentes o medo e olharem em torno deles as glórias e maravilhas de seu novo plano.

Nós e muitos outros estamos continuamente engajados neste trabalho, e se faz extremamente necessário, por causa dos ensinamentos religiosos cegos da terra. Nunca, por nenhum momento, estamos de má vontade neste tempo que devotamos a este trabalho, mas o que faço agora, em nome de todos nós e com o maior vigor, é protestar contra o quadro de afazeres que fazer cumprir este trabalho, a saber, endireitar no mundo espiritual os resultados das asneiras religiosas abismais da terra.

É uma descoberta humilhante ver, depois que chegamos no mundo espiritual, que não só a maioria de nossas idéias religiosas está errada, como também que gastamos nosso tempo, como parte do trabalho de nossas vidas na terra, passando estas idéias errôneas para outras pessoas. Eu disse humilhante? É muito mais – é absolutamente esmagador! É de se imaginar, portanto, que a gente se apresse para endireitar, na primeira oportunidade, os ensinamentos falsos que disseminamos enquanto estávamos na terra, ao ajudarmos aqueles que, como resultado destes ensinamentos, chegam aqui espiritualmente confusos.

A terra está existindo em um estado de nevoeiro espiritual. As brumas dos ensinamentos ortodoxos se estabeleceram sobre os cristãos e obscureceram de suas vistas cada vislumbre do mundo espiritual, um mundo que na realidade está tão próximo deles, mas que a ortodoxia o colocou tão longínquo. Os pregadores das Igrejas estão cambaleando no pântano da ignorância espiritual. Quando eles chegam aqui, o peso daquela ignorância os pressiona com força total. Seus olhos logo se abrem, entretanto, - são abertos pela primeira vez.

Descobrem que o jargão que os manteve em tal bom lugar e encobria uma opulência de ignorância espiritual não vale de mais nada. As palavras agora soam vazias. Em um só segundo, quase, eles enxergam praticamente a totalidade de suas crenças tombando em ruínas em torno deles. Todas as suas doutrinas mais caras são varridas pelo puro fato de estarem no mundo espiritual, encarando a verdade. Eles vêem as suas teologias reduzidas às suas próprias dimensões. Talvez enxerguem que, de um grão de verdade, ali cresceu um grande credo falso, ou que de um ato simples e natural foi construído um alto edifício de performances ritualísticas, de cuja assistência a laicidade se desviará com perigo mortal às suas 'almas imortais'.

Estes ministros da Igreja verão que uma doutrina ou outra à qual se agarraram tão firmemente tornou-se agora um desatino, a ser rapidamente deixado de lado como inútil. Descobrirão que seus dogmas e credos desbotaram até chegarem à completa insignificância à luz das grandes verdades que eles estão confrontando por todos os lados do mundo espiritual. Vão lamentar o tempo que gastaram na terra ao darem suporte para tais inverdades.

Algumas destas pessoas ficam com raiva por terem vivido em tal ignorância, com raiva porque outros os levaram ao descaminho. Outros ficam bravos com eles mesmos, por não terem enxergado o que agora é tão perfeitamente óbvio. Sentem-se humilhados por chegarem, depois de terem estudado tanto, a uma 'sabedoria' que nem é sabedoria afinal.

Sentem-se humilhados por terem tomado a si tanta autoridade sobre as vidas espirituais de outras pessoas. Sentem-se humilhados pela lembrança do que ensinaram e pregaram, e dos

sentimentos de superioridade e segurança espiritual que as suas posições lhes davam. Sentem-se diminuídos quando se lembram do número de vezes que falaram livremente da 'vontade de Deus' para encobrir as deficiências de seus ensinamentos, ou para acalmar alguma alma em tensão. Vão se recordar das longas e repugnantes orações que achavam que eram aceitáveis pelo Ser Supremo.

Vão ter calafrios ao menor pensamento de como encaravam a si mesmos como sendo merecedores de favores especiais da Deidade, porque foram chamados para elevado e sagrado trabalho de ministro da sua Igreja. São as falsas passamanarias e os bordados que são tecidos no tecido original que causam o dano.

O ensinamento errôneo de que o batismo é essencial para a 'salvação da alma' é completamente contra as verdades do mundo espiritual. Tais interpolações abundam no Novo Testamento. É o método flagrantemente desonesto empregado pela Igreja para manter seus membros sob sua rédea eclesiástica. É apenas outro instrumento de atemorização com o qual aterrorizam seu rebanho. É apenas outro exemplo das reivindicações feitas pela Ortodoxia para a sua exclusividade.

O Cristão, alega-se, tem uma posição espiritual muito superior por ter sido batizado, ou ele tem prospectos espirituais enormemente maiores do que os de alguém que não é batizado. De fato, os prospectos para os que não são batizados são bem pobres para quando chegarem ao mundo espiritual. Certamente, não haverá 'céu' para eles. Ou deverá haver alguma outra espécie de céu para eles, não haverá erro sobre isso.

Eles irão para este outro céu porque não são batizados e, portanto, serão meramente tolerados, já que conseguiram conduzir suas vidas bastante bem enquanto estavam na terra. Seu estado de não-batizados, entretanto, estará sempre com eles, e é tarde demais para consertar. Jamais serão capazes de ver Deus cara a cara. Esta é a grande penalidade por sua omissão. Supostamente, há outras, mas esta é a maior. Umas poucas palavras, mesmo que pronunciadas indiferentemente, um pouco de água espargida sobre uma pessoa, dão o direito e o privilégio de ver Deus! Era presunção levada aos extremos!

Antigamente, quando havia um conhecimento mais amplo da tradição psíquica, o uso da água era melhor entendido. Mas não havia rituais místicos envolvidos em seu emprego. Era meramente usada para ajudar na ação de forças psíquicas, porque a água é poderosa condutora de tais forças, e a água provê um canal natural. A água é também uma poderosa limpadora do corpo etérico, e pode efetivamente dispersar quaisquer influências desagradáveis que se agregaram em torno do corpo espiritual do homem encarnado.

A água é, portanto, um agente duplo de limpeza. Lavará o corpo físico ao mesmo tempo em que ajuda a remover qualquer coisa que pode ser indesejável no corpo espiritual. Mas não há rituais sagrados ou místicos ligados a esta função perfeitamente ordinária de limpeza. Sem nenhuma consideração, o banho na água removerá as grandes manchas e as marcas que podem ser vistas no corpo espiritual como uma conseqüência do tipo de vida que seu portador vive.

O primeiro e mais antigo uso da água desta forma não foi, mais tarde, bem entendido e, por causa disto, tornou-se uma cerimônia de iniciação sobre cuja validade muita coisa dependia.

A água é um canal esplêndido para a ação das forças psíquicas. É por causa desta razão que Jesus escolheu a proximidade dela quando sentiu que a ocasião pedia uma carga extra de poder. E onde se poderia achar uma massa melhor de água que um lago ou mar, e onde se poderia estar melhor situado do que sobre as águas?

Está nas crônicas dos evangelhos que Jesus foi batizado. Ele pode ter se submetido a tal cerimônia sem causar nenhum mal. Ele não estava imbuído de falsos ensinamentos. Mas, com seu conhecimento superior, ele sabia exatamente qual efeito psíquico a água faria nele – e ele constantemente a usava para tal propósito. Tais incidentes e ocasiões permanecem sem registro no Novo Testamento, ou, para ser mais acurado, foram expurgados dele.

A 'cerimônia' do batismo de Jesus que é descrita nas Escrituras é somente uma entre muitas ocasiões em que os 'rituais' similares aconteciam. Em outras palavras, Jesus foi 'batizado' quase todos os dias de sua curta vida na terra, pelas simples razões que lhes apresentei. Mas a

Igreja transformou esta ação natural numa cerimônia a ser aplicada somente uma vez a cada indivíduo, no decurso normal das coisas.

Prevejo que aconteça alguma possível exceção naquilo que eu disse. Não posso fazer nada. Falo a verdade. Mas, pode-se considerar, é apenas uma mera declaração. Apenas isso, é uma mera declaração – da verdade, nada menos. Como posso lhes provar? Corroboração, talvez, mas como lhes trazer a prova? Pedir a outros que venham fazer as mesmas afirmações que fiz, apenas trocará a responsabilidade para os ombros *deles*, e assim continuaria indefinidamente, agregando mais pessoas no processo, é verdade, provendo maior corroboração, a qual entre encarnados e seus assuntos concernentes da terra teria crença rápida, mas quanto ao mundo espiritual, *não!*

Portanto devo simplesmente repetir que estou falando a verdade, como milhões de milhões de nós aqui no mundo espiritual a conhecemos. A veracidade de minhas declarações será completamente demonstrada a cada alma cuja atenção consegui captar, por isso se você me desafia aqui e agora, por assim dizer, vou responder, por mais que você possa discordar com o que estou lhe falando, por mais que você queira reter suas opiniões e idéias ou as da Igreja à qual você pertence, este ponto de vista não pode alterar nem uma só letra das verdades do mundo espiritual. Não posso alterá-las para ajustar aos ensinamentos de centenas de anos da Ortodoxia.

Portanto, eu digo que o que estou falando agora é o que você pode esperar descobrir, sem falhas, quando na hora certa chegar ao mundo espiritual.

COMPENSAÇÃO VICÁRIA

Todo um capítulo – de fato um volume inteiro – deve ser escrito sobre as rudezas da religião. Para nós, no mundo espiritual, parece que as religiões da terra são realmente bastante rudes, em grande parte devido à sobrevivência daquilo que a terra chama de paganismo.

Novamente, do ponto de vista do mundo espiritual, há muito pouco a distinguir entre os rituais peculiares praticados por alguma tribo nativa e os rituais igualmente peculiares praticados por algumas religiões Ortodoxas das partes mais ‘civilizadas’ da terra. Os ídolos rudemente entalhados dos nativos têm tanta significação real nele quanto na sustentação de alguma crença cristã fantástica.

É costume do homem branco da terra zombar com ar superior de seus irmãos negros porque religiosamente estariam muito mais avançados que estes últimos; e este último é apenas um pagão, afinal de contas, que deve ser convertido para a verdadeira religião – assim expõe o representante da ‘verdadeira’ fé enviado para realizar a tarefa. O Cristão não percebe que muito de sua religião foi extraído totalmente da dos ‘pagãos’. Os Cristãos dão um exemplo extraordinariamente mau ao seu irmão negro de outras formas, além das disputas enormes que existem entre uma seita religiosa e outra.

A Igreja à qual pertenci quando estava na terra também tem algo dos mais elaborados rituais. É, de fato, uma organização religiosa bem organizada, não tendo dúvidas sobre qualquer pergunta ou problema concernente à ‘salvação’ do homem. Cada contingência que acontece nas vidas, hábitos e pensamentos de seus seguidores sempre foi completamente coberta pelas leis e ‘mandamentos’ da Igreja. Seus membros são atados, assim como eu também fui, por estas leis e ‘mandamentos’, e condenados por qualquer interpretação religiosa individual.

Em contraste com tudo isto, há numerosas religiões terrenas que praticam uma austeridade severa em seus serviços, não admitindo neles nada que não seja da descrição mais clara e completamente livre de todas as ‘máculas’ do ritualismo. O número de tais religiões na terra é grande, cada uma em desacordo com as outras quanto às suas crenças, e cada uma clamando ser, mais ou menos, a ‘única e verdadeira Igreja’.

De vez em quando, a terra testemunha tentativas daquilo que alguns setores da Igreja chamam ‘Unidade Cristã’, onde os membros de um número de denominações religiosas encontram-se para discutir suas variadas crenças na esperança de encontrar algum ‘mínimo denominador comum’ sobre o qual todas possam estar em concordância e, assim, efetuarem alguma espécie de unificação. Estes ensaios para uma unidade espiritual estão condenados a falharem, somente porque as Igrejas estão fundadas sobre doutrinas falaciosas.

Entre os dois grandes extremos de rituais elaborados, os quais acabo de mencionar, de um lado rituais elaborados, e de outro uma simplicidade severa, todas as espécies imagináveis de religiões e práticas religiosas, credos e dogmas podem ser encontrados. As seitas imensamente variadas e diferentes que estão espalhadas pelo mundo, cada uma com seus numerosos seguidores, somam algumas *centenas* de seitas religiosas separadas, e todas elas clamando terem sido fundadas sobre uma ou outra injunção que foi reputada ter sido dada pelo próprio Jesus, ou sobre algum texto ou outro a ser encontrado em algum lugar do Novo Testamento.

Cada um destes corpos religiosos clamará, positivamente, ser uma Igreja verdadeira – senão a Igreja verdadeira – por força de sua base bíblica. E em cada forma de religião, o Novo Testamento é saudado como a verdade, Palavra inspirada de Deus. Fora da Palavra inspirada de Deus, então, vieram todas estas agitações, controvérsias e disputas religiosas!

Um dos primeiros pontos de crença entre as primeiras gerações do homem sobre a terra era a crença na necessidade absoluta de oferecer sacrifícios aos deuses. Eram, na maioria, sacrifícios sangrentos, tanto de homens quanto de animais. A oferta de sangue, naqueles dias se acreditava piamente, era a única oblação aceitável pelos deuses, e o único meio de apaziguar sua ira.

Como isto poderia agradar, ou apaziguar ou ajudar aquele deus em particular, isto era um dos 'mistérios' da religião. Esta crença primitiva e bárbara da necessidade essencial do sacrifício sangrento passou para a religião Cristã, onde as pessoas ainda estão sendo ensinadas na terra que Deus sacrificou Seu único filho numa cruz para a salvação da Humanidade.

Poderia alguma crença ser mais terrivelmente cruel? Poderia alguma crença ser uma caricatura maior da verdadeira natureza e essência do Grande Pai do céu e da terra? Poderia alguma crença ser mais bárbara e terrível?

Deve-se ponderar quando as pessoas dizem que não sabem como amar a Deus, como lhes é ensinado a fazer por seus instrutores, quando lhes dizem que Deus, o Pai, demanda não somente um sacrifício de sangue, mas que a vítima sacrificada seja Seu filho único. Poderia ser este um Deus de amor? – é uma pergunta que partiria da mente de qualquer pessoa normalmente constituída.

Tentar uma resposta para uma pergunta com esta é seguir para a selva de complexidades teológicas que têm pouca relação com a verdade. A manutenção de tal doutrina, que Deus tenha demandado um sacrifício sanguíneo de Seu filho, é imputar as qualidades mais terríveis e diabólicas ao Pai do universo. Este sacrifício, dirão os eclesiásticos a vocês, era necessário para a remissão dos pecados dos povos da terra. Deus demandou, afirmarão. Isto é puro paganismo – e sem um vestígio de verdade por trás de tudo.

Cada um de nós é responsável por nossos pecados. Devemos pagar nossas penalidades por todas as transgressões das leis espirituais; ninguém poderá fazê-lo por nós. Assim é administrada a verdadeira justiça por todo o mundo espiritual a todos de forma igual, imparcialmente, infalivelmente, e exatamente.

A 'redenção' não pode ser comprada por nós. Mas mesmo se a 'redenção' pudesse ser comprada – por alguma estranha mutação das leis espirituais – seria um artigo inútil, porque não há ninguém no mundo espiritual, ou sobre a terra, que poderia substanciar por um só instante o direito de ser um 'redentor'.

Mesmo as almas mais ilustres, que moram bem longe acima de nós daqui nos reinos de luz, mesmo eles não têm o poder para remover a carga que o homem mortal põe sobre si por causa da vida que levou na terra. O homem é seu próprio 'redentor'. Sempre foi, sempre será.

Não podemos transferir para outros ombros o peso que devemos carregar por nós mesmos. Mas teremos toda a assistência para torná-la mais leve, e os meios de fazê-lo serão mostrados rapidamente, ao nosso mais leve desejo. Isto é aonde cada um pode ir.

O Pai do Céu não pede apaziguamentos; Ele não pede nada. Nem Ele precisa ser aplacado através de ofertas de sacrifícios, nem que sejam não-sanguinários.

No mundo espiritual, nem ao menos pensamos em termos de 'corpo e sangue'. A Ortodoxia exulta nestes termos, e apontará a famosa reunião de Jesus e seus amigos, tão perto da hora de passar para o mundo espiritual. Neste último encontro, supõe-se que ele tenha dito, quando pegava o pão e o vinho em suas mãos, *este é o meu corpo.... este é o meu sangue*. E pediu a seus amigos para repetirem a mesma cena em comemoração. Por este simples pedido espalhou muitos dogmas, doutrinas e práticas religiosas. Nestas últimas se supõe re-ordenar o sacrifício, de uma forma sem sangue, aquilo que Jesus fez antes de sua morte. Vamos examinar o assunto do ponto de vista do mundo espiritual.

A Ortodoxia imprime muita pressão sobre 'o corpo e o sangue' de Jesus. Que significado carregam? A resposta é *nenhum*. O corpo físico é o veículo que o corpo espiritual usa durante sua jornada na terra. O sangue que corre naquele corpo tem sua força vital, mas o corpo espiritual, que reside nele, anima o corpo físico.

Se o sangue que corre nas veias do corpo físico sair em certa quantidade, o corpo espiritual não mais animará o corpo físico. Quando você passa para o mundo espiritual, não tem mais uso para seu corpo físico. Consta como nada, em sua mente.

Em comparação com a excelência superlativa de seu corpo espiritual, o corpo terreno foi apenas uma estrutura vacilante, desajeitada e vulnerável. Mas serviu a seu propósito. Com o nosso novo corpo, não podemos pensar em termos de 'corpo' e 'sangue'. Temos os dois, mas são indestrutíveis e não podem ser feridos. Um 'sacrifício' de 'corpo e sangue', por assim dizer,

um serviço religioso onde um pedaço de pão é tido como corpo de Jesus, e um copo de vinho tido como seu sangue, aos nossos olhos, aqui no mundo espiritual, é uma concepção revoltante.

Sentiram que uma reunião comemorativa seria útil, então não há razão por que não manter um serviço assim. Mas qualquer sugestão, mesmo qualquer pensamento, sobre 'o corpo e o sangue' deveria ser expurgado drasticamente. A propósito, tal serviço teria muito pouco valor espiritual – ou *nenhum*.

O mundo espiritual não está ligado a observâncias ritualísticas, imbuídas de estranhas doutrinas ou não. Os teólogos afirmarão que tais serviços são necessários para o homem na terra, para que ele tenha a 'graça de Deus' sobre ele. Puro lixo!

Deus não depende de algumas bugigangas religiosas para dar ao homem de Suas forças e poderes. A força e os poderes do Pai do Universo serão obtidos em qualquer hora, em qualquer lugar. Esta emanção não requer aparatos religiosos quaisquer, nenhum edifício especial, nem formulários, nenhuma condição ou qualificação feita pelo homem.

Podem objetar que estou condenando as 'reverências' comunais como sem valor para o esquema espiritual das coisas; que os serviços da Igreja, de fato, são inúteis. Não condeno os serviços corporativos na Igreja, mas realmente afirmo que a maioria deles é, espiritualmente, inútil.

Um serviço de Igreja, do qual a parte central ou vital está baseada em uma falsa doutrina, é completamente sem valor no mundo espiritual. Novamente, o objeto de tal serviço deve ser levado em consideração. Se pretenderam um ato de sacrifício expiatório ao Pai, é sem valor algum. O Pai não precisa disto.

Se o serviço foi feito porque alegam que Deus precisa de reverências, então, de novo, não tem nenhuma significação. Deus não precisa de reverências de nenhuma espécie ou descrição. Se o serviço for feito para a 'remissão dos pecados' da congregação, então, uma vez mais, os serviços não valem de nada.

O serviço mais magnificente, realizado na maior e mais ornamentada catedral, com o máximo de solenidade, pompa e aparência ritualística, e na presença de toda a hierarquia, não removerá nem o menor pedacinho da carga de um só 'pecador', carga que a vida mal vivida jogou nos ombros dele, infrator das leis espirituais. Nenhum apelo, mesmo pronunciado eloqüentemente, ou prolongadamente, atingirá este objetivo.

Estas peculiares invenções religiosas, conhecidas no mundo ortodoxo como sacramentos, através dos quais, dizem, a graça de Deus descerá sobre o homem, são apenas instituições erigidas pelo homem, por onde as pessoas podem ser mantidas numa subjugação apropriada. Os mistérios são necessários para manter o poder da Igreja e sua autoridade. Nunca fariam as pessoas saberem tanto quanto os ministros da Igreja.

Ao manterem-no o quanto possível, o medo de Deus aumenta e, com isto bem inculcado, as pessoas farão exatamente o que lhes dizem. A autoridade da Igreja será mantida e tudo ficará bem – pensam eles, da própria autoridade.

Nem tudo está bem. Tudo está mal, na realidade, com os incontáveis milhares que foram enganados, extraviados e confundidos por seus supostos mentores religiosos. A Igreja construiu um sistema elaborado de observâncias e doutrinas, a maior parte das quais, dirão, tem sua base no Novo Testamento porque foram realmente instituídas pelo próprio Jesus.

Escritores desonestos, ou ignorantes, colocaram na boca de Jesus frases que nós, no mundo espiritual, sabemos positivamente que ele jamais as teria pronunciado. Supostamente, Jesus falou sobre sua 'Igreja'. Isto é uma falsidade da pior espécie. Em nenhuma ocasião interessou a Jesus estabelecer qualquer Igreja. Ele lidou apenas com as verdades espirituais; em nenhum momento esteve ligado á criação ou o estabelecimento de invenções sacramentais peculiares, das quais dependeria a salvação do homem.

Ele sabia que ninguém, tanto na terra quanto no mundo espiritual, pode tomar a si o caráter ou as funções de um 'redentor' ou de um 'salvador', no sentido em que estas duas palavras são conhecidas, que elas significam e da forma que são entendidas pela Igreja e a maioria se seus seguidores. Jesus apenas lidava com as verdades espirituais, não com as fantasias religiosas e seus enfeites ritualísticos. Ele afirmou a verdade, nua e sem adornos; não

falou de si nada além do fato de que conhecia e falava a verdade sobre todos os pontos pertinentes ao destino e ao propósito espiritual do homem.

Sobre todo o âmbito da verdade que Jesus explicou durante sua breve e ativa vida na terra, quase que a menor fração foi registrada; isto é, registrada para que a posteridade lesse. Muito mais foi escrito originalmente, mas foi eliminado. Era simples demais em seu conteúdo para agradar a algumas mentes, especialmente aqueles que não podiam ver sentido em se permitir que as pessoas soubessem bastante sobre si mesmas e sua evolução espiritual e destinação.

Havia pouco a ser feito fora das verdades como Jesus as proclamou. Não havia mistérios com os quais manter as pessoas em sujeição espiritual, para trazê-las sob os calcanhares com medo das terríveis punições a virem se eles desobedecessem a autoridade. Primeiramente, Deus deveria ser um Deus de Temor. Se o amor aparecer no quadro, foi meramente para temperar o medo de alguma forma. A grande coisa a ser feita era evitar a ira de Deus porque quando Ele não estava irado, então aí poderiam buscar a presença daquele amor.

De uma simples refeição de despedida, em companhia de doze amigos, surgiu uma forma de serviço da igreja que não traz a menor semelhança com aquilo que queriam comemorar. Àqueles poucos amigos foi pedido para não se esquecerem de Jesus depois que ele se fosse de sua presença física. Foi pedido a eles que se encontrassem de alguma forma e, pelo exercício das faculdades psíquicas que possuíam, eles poderiam vê-lo de novo e manter conversações com ele, coletivamente, como se tornara costume entre eles.

Enquanto cada um deles pudesse, através de seus dons, perceber Jesus, esta seria a forma mais agradável de comunhão enquanto estivessem reunidos. Jesus poderia, então, dizer-lhes alguma coisa mais sobre o grande mundo invisível, o mundo espiritual do qual ele se tornaria morador permanente. Estes seguidores ficaram felizes por seu amigo poder estar entre eles, mesmo que o mundo exterior não ficasse sabendo. A tragédia terrível de seu final na terra rapidamente se extinguiu por causa de sua presença real entre eles.

De fato, é uma coisa natural, aqui no mundo espiritual, ver que as glórias da nova vida, suas belezas, suas ilimitadas possibilidades e suas alegrias, ajudam coletivamente a banir das mentes quaisquer desagradados, desastres, tragédias ou horrores que possam ter acontecido na transição real.

O processo de eliminação, como podemos chamá-lo, pode levar um período curto ou longo, de acordo com vários fatores ou circunstâncias, entre as quais deve ser considerada a mentalidade da pessoa. É o choque da transição que a faz sentida mais proeminentemente, e não necessariamente o modo da transição.

Aqui está um importante ponto que é bom enfatizar. *O processo real de passar permanentemente para o mundo espiritual através da morte do corpo físico é precisamente o mesmo com cada ser humano nascido sobre a terra.* Apesar de que as causas físicas da transição podem variar multiplamente, o processo espiritual é exatamente o mesmo em todos os casos. Jesus não foi a exceção a esta lei espiritual natural.

Não houve, portanto, 'ressurreição' ao terceiro dia, como usualmente é colocado nos diferentes credos. A ressurreição apenas não aconteceu. Onde poderia alguém aparecer – e de onde? Se um indivíduo, em seguida a sua transição, achar oportuno cair em um sono revitalizante e reanimador, que é uma ocorrência bastante comum nestes planos, então ele o fará. Eventualmente, ele acordará; pode ser depois de muitos meses depois que partiu, ou meramente depois de passar uma hora ou duas do tempo terreno. Mas este acordar é apenas uma função ordinária, não é mais 'ressurreição' que o seu acordar todas as manhãs em suas camas da terra – pela mesma razão. Nos dois casos, vocês saem de sonos naturais. Não temos 'ressurreições' aqui no mundo espiritual, em nenhum momento de nossas vidas.

A transição de Jesus, como processo espiritual que é, aconteceu exatamente de acordo com a lei que governa as transições. O processo não admite nenhuma alteração ou variação, nenhuma modificação ou exceção. A 'morte' de Jesus e sua rápida volta em seu corpo espiritual aos seus amigos demonstrou, a eles, da forma mais convincente e simples, o que ele falara a eles durante sua vida terrena. Ele lhes provou que, sem sombra de dúvida, o homem sobrevive

após o túmulo, que a 'morte' significa a morte do corpo físico apenas; que o corpo espiritual e a personalidade que ele abriga são imperecíveis e indestrutíveis.

Ele lhes provou que a morte não termina nada; que o homem continua vivendo. Ele mostrou-lhes que o homem pode destruir completamente a vida que há no corpo físico, até cometer chacinas naquele corpo, mas a alma não pode ser tocada da mesma forma. O homem não pode perder sua alma.

Jesus demonstrou claramente aos seus velhos amigos a quem deixara, que não só a vida é contínua e ininterrupta pela morte, como também que é possível para os habitantes dos planos espirituais voltar para a terra para visitar seus amigos ali, para conversar com eles, para ajudá-los e adverti-los quando necessário, para continuarem o relacionamento agradável que a transição, aparentemente, interrompeu.

Jesus lhes mostrou que era certo e apropriado um dos mundos manter conversação com o outro. E ele veio exatamente no meio de seus amigos na terra e ofereceu-lhes o conforto de sua presença real. Ele praticou exatamente o que anteriormente pregara – *bem-aventurados os que choram, porque serão consolados*.

Estes antigos companheiros, em sua tristeza, não tiveram que buscar em textos obscuros; não tiveram que buscar alguma misteriosa e inexplicável 'fé'. Não foram derrubados na 'esperança'. Não lhes foi dito que foi a 'vontade de Deus'. Ao invés disso, Jesus veio e postou-se diante deles, como um deles, da forma que fizera milhares de vezes antes, quando estava encarnado. Sua presença visível e tangível fez o que nenhuma citação das antigas crônicas poderia fazer; ele fez o que nenhum recôndito tratado teológico poderia fazer. Ele trouxe conforto e alegria supremos a uma dúzia ou mais de corações entristecidos.

Jesus foi o maior exemplo de comunicação entre os dois mundos, o seu e o meu. Ele mostrou que, com o desenvolvimento apropriado e sob auspícios apropriados, é indisputavelmente certo para os dois mundos manter uma conversa normal através do exercício das faculdades psíquicas, de uma forma racional e normal.

Jesus, entre outros, apontou o caminho para toda a humanidade seguir, mas a Ortodoxia não terá nada dele. A comunicabilidade com o mundo espiritual é diabólica e condenável, e nenhum bem pode advir dela. Tudo fede a inferno, e se não leva uma pessoa à loucura, ele escapa disto para tostar no inferno por toda a eternidade. Nenhum espírito volta para a terra, a não ser os do mal, e o fazem pelo propósito de arrastarem para seus próprios níveis imundos aqueles que são tolos ou desencaminhados o suficiente para 'mergulharem' em tais práticas perniciosas. É tudo necromancia; uma chamada da morte. Um espírito bom jamais vem. Se algum disser que é um espírito bom, é um diabo mascarado de anjo de luz. Que tolice pueril indescritível! E que ignorância colossal!

Haverá alguns – talvez muitos – que afirmarão que eu mesmo não sou só um demônio, mas o verdadeiro Príncipe das Trevas. Deixe que pensem assim, se isso os satisfaz. Há outros, bem, bem maiores que eu, que foram encarados como demônios dos reinos de trevas, por isso vejo que estou em boa companhia!

VENHA O VOSSO REINO

Um pouco antes, quando estávamos discutindo a Oração do Senhor, sugeri que poderia lançar alguma luz sobre a relação em comum entre os dois mundos, e que poderia ser, se você escolher analisá-la, considerada como algo que dá substância às palavras *Venha o Vosso reino*.

A idéia teológica que o pedido supostamente traz em si, isto é, que o reino de Deus possa vir para ser espalhado por todo o mundo, é tão vaga quanto a maioria das idéias teológicas freqüentemente são. De fato, a Ortodoxia não tem uma noção clara em sua mente quanto ao qual seria o significado desta cláusula da Oração do Senhor. Tem um som piedoso e um halo verdadeiramente espiritual em torno de si, e isto não pode prejudicar, obviamente, se estas palavras forem decoradas e repetidas.

As palavras voltaram à minha mente numerosas vezes desde que cheguei para morar nestes planos, há muitos anos atrás. No mundo espiritual, o Pai do universo é encarado como o Rei dos Reis. Mas as coisas são bastante diferentes aqui no mundo espiritual, quando comparadas com as da terra. Estamos sempre vendo as evidências do Grande Espírito de tudo. De fato, nestes reinos, e em muitos, muitos outros, é impossível não vermos esta evidência. Ela vive conosco e nós com ela. Mas tais fatos não são tão evidentes nas mentes terrenas. Como, então, de acordo com os termos da Oração do Senhor, poderia este reino ser estendido pela terra toda?

Vamos voltar um pouco na história. O que é mais importante é que as pessoas da terra são totalmente desavisadas sobre o mundo espiritual que existe em torno deles. É a minoria, comparativamente, cujas faculdades psíquicas tenham sido desenvolvidas, que tem qualquer percepção do grande mundo que é invisível para os outros.

Desde o início dos tempos na terra, nunca se pretendeu que nossos dois mundos ficassem assim separados por qualquer barreira. O homem primitivo, como os antigos habitantes da terra são chamados, não estava apartado de seu irmão no mundo espiritual do jeito que é hoje.

Por mais primitivo que possa ter sido, primitivo que foi aos olhos do mundo atual, mesmo assim seus talentos psíquicos eram mais altamente desenvolvidos de forma geral, e não estavam confinados a relativamente poucos, aqui e ali. O exercício de tais poderes era bastante difundido. Também o homem daqueles tempos é considerado bárbaro e incivilizado, e, do ponto de vista religioso, nada mais que pagãos!

O processo civilizatório da terra teve o efeito de reduzir em enormes proporções a posse de todas as faculdades psíquicas. Desta forma, nossos dois mundos tornaram-se mais amplamente separados, até aqueles que possuem qualquer dom psíquico serem minoria. Eles são a exceção e não a regra. O homem pagou a penalidade por ter deixado de lado aquilo que devia ter e usar como seu direito natural na terra, isto é, o poder e a habilidade de exercitar aqueles sentidos extra com os quais o mundo espiritual poderia se comunicar com ele.

É a autoridade, de variadas formas, que novamente deve ser culpada, porque foi a autoridade que gradualmente suprimiu estes poderes nas pessoas e os reteve exclusivamente para si. Mas a exclusividade trouxe com ela seu próprio castigo. Os próprios espíritos negaram à autoridade a comunhão com o mundo espiritual, porque ela não tinha o direito de reter estes poderes em suas próprias mãos para seu uso próprio e benefício, com a exclusão de todos os outros. Foram sendo usados pela autoridade para o favorecimento de seus próprios fins, e estes fins não coincidiam com os propósitos do mundo espiritual. A mediunidade, como é chamada a posse dos dons psíquicos, não foi totalmente destruída, mas foi limitada para poucos, e o mundo vem sofrendo por causa disto desde então.

A terra tornou-se mais civilizada, geralmente assim dizem, mas será que é assim? A ciência avançou com passos largos, gigantescos, desde aqueles primeiros tempos, desde os dias de Jesus, de fato. Seus tempos não podem ser comparados com os de hoje. Cada esfera de vida na terra marchou adiante, tantos nas ciências, como nas artes, na medicina, para se enunciar apenas três.

A terra, como dizem, está mais suave, mais nobre que nos dias em que Jesus viveu nela. Tem-se apenas que olhar em torno para se observar os sinais patentes por todos os lados dos

imensos avanços que foram feitos em todos os setores da sociedade, e a vida na terra assumiu um grau maior de conforto e prazer em tempos normais, de forma que era não só impensável há dois mil anos atrás, como inimaginável. Mas há uma falha nesta declaração sobre o progresso do mundo, e a própria linguagem na qual estamos agora escrevendo fornece o sinal mais lamentável de quanto a terra evoluiu espiritualmente.

Há dois termos que se tornaram lugar-comum, e estes são *tempos de guerra* e *tempos de paz*. Por tanto tempo a terra tem tido a alternância de paz e guerra, que estes termos comuns são usados para descrevê-los. As palavras *tempos de guerra* e *tempos de paz* são parte da vida do habitante da terra, da mesma forma que as palavras denotam alternância em *clima do verão* e *clima do inverno*. É um terrível indicador dos povos da terra.

O que tem tudo isto, talvez diriam, com o reino de Deus? Precisamente – que *tem* isto com o reino de Deus? A resposta: não tem nada a ver com o reino de Deus, porque qualquer sugestão para que este reino seja estabelecido na terra foi frustrado, sufocado, anulado pelo andar das coisas no presente momento, e está assim há centenas de anos. Foi realizado grande progresso material, mas o progresso espiritual retardou bastante.

A humanidade é dotada de livre arbítrio, e tem exercitado este livre arbítrio pelos séculos, deixando de lado a grande ajuda que está sempre próxima a ela, no mundo espiritual. O caminho foi escolhido cuidadosamente, no qual o homem pudesse andar para seu progresso, mas ele escolheu exercitar seu livre arbítrio, e ele o fez para sua desvantagem.

A mera demanda de nossos direitos não significa, necessariamente, que a concessão de tais direitos acontecerá para nossa vantagem. O homem sábio não insistirá em tais casos, antes, preferirá ouvir a conselhos mais sábios. A terra escolheu seguir seu próprio caminho, e o fez. Ela, efetivamente, dispensou o mundo espiritual de todos os seus governos e conselhos.

A Igreja seguiu seu próprio caminho ineficaz e fútil, impotente para prevenir o acontecimento do mal, e é culpada de uma longa e terrível lista de horrores indizíveis, agora conhecidos pelo mundo como perseguição religiosa, onde os chamados de heréticos foram torturados de todas as maneiras porque tentaram pensar por si mesmos, e onde a morte era a ordem do dia para os inimigos da Igreja.

Como pode a Igreja liderar uma única alma, quando ela mesma é cega? Tem sido cega por séculos. Não tem solução para a maioria dos problemas com que a terra se confronta, e continuará se confrontando, por tanto tempo, e continua a rejeitar o mundo espiritual, e por isso as pessoas desacreditam em sua existência e, portanto, na existência de seus habitantes. Ou se, como seguidores, acreditam em alguma espécie vaga de um 'além', este 'além' nada tem a ver com o presente material, e não pode dar soluções para nenhum problema. Serão os cérebros inteligentes da terra que acharão uma saída deste pântano. Isto falta acontecer, e acontecerá.

Como pode o reino de Deus vir a milhares de milhares de léguas para se estabelecer na terra quando as pessoas que falam tanto e tão alto sobre ele – os clérigos – não têm nem a mais remota noção de como lidar com ele? Enviar discursos eloqüentes, entrelaçados com os pensamentos mais elevados, selecionados das Escrituras, não fará efeito nenhum.

Toda a verdade é que a terra não pode existir sem a intervenção do mundo espiritual, e isto significa que não pode existir sem a assistência direta e o aconselhamento dos grandes e sábios dos planos espirituais. O homem poderia ser inspirado para cumprir obras gigantescas para a melhoria de toda a terra, mas ele se fecha para quase todos os recursos da inspiração – exceto para o mais baixo.

A inspiração ainda acontece, mas seus poderes estão circunscritos, e suas vantagens estão limitadas pela ignorância do homem sobre a verdade. Quanto a uma comunicação direta com o mundo espiritual, isto está fora de questão. Os relativamente poucos que conhecem e praticam a comunicabilidade conosco – e eles são poucos em comparação com as populações da terra – não podem ser abertamente encontrados entre os que os que têm o controle dos assuntos de um país. De fato, em alguns lugares iluminados, as pessoas que mantêm conversação conosco são proscritos.

Há muitos problemas tremendos que terão sua vez para a solução, e devem ser resolvidos se a terra tiver que sobreviver. O homem, sem dúvida, deverá se esforçar para resolver tais problemas por ele mesmo, lembrando que ele é um ser superior com um cérebro superior. Ele

proverá uma exibição grandiosa e impressionante e expressará um enorme volume de palavras. As pessoas de mente religiosa, como a religião oficial, declararão seriamente que, a menos que as nações peçam ajuda e orientação de Deus, nada poderá ser alcançado, e tendo pedido a ajuda e a orientação, eles proverão qualquer meio para que Deus as dê através de seus mensageiros do mundo espiritual.

Sobre isso, não há erro, asseguro-lhes. Todos os problemas da terra poderiam ser satisfatoriamente resolvidos se as pessoas da terra apenas se voltassem às pessoas do mundo espiritual. No mundo espiritual reside a sabedoria mais pura e, nos imensos reservatórios desta sabedoria, o homem é livre para buscar qualquer coisa que possa necessitar.

Se as pessoas da terra se voltassem para o mundo espiritual e aos seres imensuravelmente sábios que vivem aqui nos reinos mais elevados, e com seriedade total colocassem os problemas sociais e internacionais diante deles, poderiam - e vão - receber os planos precisos e os detalhes para a elucidação de todos os problemas, por mais complexos que possam ser, pelos quais passam os governos e as nações da terra. Mas estes seres elevados estipulariam, para o sucesso, a obediência implícita aos seus direcionamentos que deveria ser acordada, porque somente por este meio o sucesso seria alcançado.

Que bem se alcança, ao se rezar *Venha a nós o Vosso reino*, quando os encarnados não fazem nenhuma tentativa para o cumprimento, mas ainda, de fato, não têm nem a mais remota noção de como cumprir tudo isto? Rezar meramente pelo reino de Deus não é suficiente; algo deve ser feito pelo próprio homem para que isto aconteça. E nada vai acontecer com o incremento de congregações nas igrejas, nada vai acontecer pelo estudo mais assíduo das Escrituras. Nada vai ser feito pelos milhares de 'chamadas à religião', sejam elas feitas pelos que se dizem evangélicos, ou por toda a hierarquia da Igreja.

Meus amigos podem, talvez, argüir-me se seguirmos estritamente os ensinamentos de Jesus, as dificuldades do mundo logo se arrumariam, e uma terra Utópica resultaria disto. Tal argumento pode ser o caso, se todos os ensinamentos de Jesus tivessem sido registrados em sua exatidão total. Mas não foi assim que os registraram, e os que foram colocados contêm muitos erros, resultados de falsificações posteriores.

Até que ponto os ensinamentos de Jesus restantes são realmente seguidos pela população da terra? Não muitos, dá para se ver claramente. Mas há muitas questões que gritam – e gritarão – por solução, e que não podem receber qualquer resposta nas palavras de Jesus. Os ensinamentos de Jesus são ensinamentos espirituais. As dificuldades da terra são, em muitos casos, puramente materiais e mundanos. Não podem ser encarados à luz dos textos bíblicos, e os ensinamentos espirituais não oferecerão uma solução.

O concreto é o desejado, e o concreto está à disposição das pessoas da terra, se elas se aproximarem do mundo espiritual e buscarem.

Alguns de meus bons amigos na terra talvez rirão de mim. Dirão que meu entusiasmo está me deixando; ou que sou visionário demais; e que minhas sugestões estão além de todas as esperanças de realização. Deixem-me responder-lhes que não sou um visionário, e que minhas sugestões *não* estão além de todas as esperanças de realização. Elas estão baseadas no conhecimento comum nestes reinos sobre os assuntos terrestres em geral.

Não fingimos profetizar, mas há muitas coisas nestes reinos das quais todos os habitantes sabem, mas das quais a terra deve ficar na ignorância, embora seja por falha da terra que elas permaneçam ignoradas.

A correnteza gradual que aconteceu na terra nos assuntos humanos é uma correnteza que vem *da* verdade espiritual, e não *em direção* a ela. Os problemas da terra aconteceram por causa de sua ignorância e estupidez, não pela sua suposta 'pecaminosidade', como alguns clamam. Se a correnteza persistir, ela terminará em dificuldades inextrincáveis de tal magnitude que a terra jamais conheceu.

O homem sobre a terra é a mais teimosa das criaturas. Ele se orgulha de seu sentido comum que, verdadeiramente, pode possuir em abundância. Mas tempo chegará em que um sentido um pouquinho melhor que o meramente comum será muito necessitado. Um sentido especial é requerido, e este sentido especial, sabedoria, não é encontrado na terra. Mas pode ser encontrado em abundância ilimitada no mundo espiritual.

Agora, o que acabei de esboçar a vocês pode ser visto como algo preliminar ao estabelecimento do reino de Deus na terra. É este estado, numa forma modificada. Há um sentido maior e mais completo, de fato, mais compreensivo, pelo qual este estado pode ser espalhado sobre a terra. Ele nos leva ao exercício das nossas faculdades psíquicas.

É costume na terra para muitas, muitas pessoas, não somente depreciar estas habilidades que são possuídas pelas pessoas psiquicamente treinadas, mas também é costume negar a própria existência de tais faculdades. Há somente uma descrição para tais pessoas, e não hesitamos a usá-la no mundo espiritual – são tolos. Estes reinos são cheios de pessoas que, um dia, quando estavam na terra, negaram que tais faculdades psíquicas existiam. Agora sabem melhor das coisas. Sabem que tais faculdades são parte da composição natural do homem.

Elas não são idiosincrasias estranhas expostas por pessoas peculiares; algo um tanto estranho e misterioso, um pouquinho desagradável; algo que é ligeiramente mórbido e insalubre; algo que é, acima de tudo, melhor deixar de lado.

A ciência pode, claro, colocar o tema em testes de laboratório, mas isto é diferente. Os cientistas podem se proteger facilmente. E se um cientista proclama, num exame superficial, que não há evidência de que as faculdades psíquicas existam, e menos evidências há de que o mundo espiritual e a população espiritual existam, então será exatamente o que já era o esperado.

Se, entretanto, um cientista mais iluminado que seus irmãos de ciência, proclamasse que as faculdades psíquicas expostas através da mediunidade das pessoas normais são uma realidade, que o mundo espiritual e a população espiritual *realmente* existem; e se ele também anunciar que tem evidências superabundantes e irrefutáveis através de seus parentes e amigos no mundo espiritual, estabelecendo sua identidade exata e a realidade do mundo espiritual, então, depois de tal testemunho, poderá haver apenas uma resposta: o cientista em questão está em caducando.

Ele pode ter sido muito inteligente em seu trabalho legítimo, mas finalmente chegou ao estado de caduque, e, portanto, não é responsável pelas idéias extravagantes sobre o 'além'. Ele é bastante conhecedor de todos os assuntos, menos deste e, sobre este, ele não é de confiança e não deve ser acreditado. Mas as faculdades psíquicas e os poderes *realmente* existem, e há milhares de pessoas que as possuem e as empregam pelo bem de seus irmãos.

Todas as pessoas possuem os poderes da mediunidade inerentemente. Na maioria deles, querem desenvolver e expor, e regular em linhas adequadas para que o melhor possa ser feito com elas, da mesma forma que os músicos e os artistas, diríamos, devem desenvolver suas habilidades através do trabalho em linhas certas. Não há nada insalubre ou mórbido em tais coisas, porque são naturais ao homem. Queria-se que fosse assim desde o início.

O homem na terra nunca devia ter se afastado do mundo espiritual, nem o mundo espiritual devia ter sido apartado do intercâmbio com as pessoas ainda na terra. A mediunidade é o canal natural para a comunicação e, ao colocarmos seus poderes em uso, o homem estará cumprindo seu próprio destino, não procedendo contra seu destino, como faz quando ignora seus poderes naturais.

Agora, se a terra toda se tornasse psiquicamente desenvolvida em cada ramo que surge, o plano terrestre logo se tornaria um lugar bastante diferente. Primeiramente, pense na tristeza universal que seria tirada da face da terra. Quando seus amigos passassem, pela 'morte', para o mundo espiritual, os que estiverem ao lado de seu leito poderão vê-los partir em mãos capacitadas de pessoas que vieram para levá-lo para sua casa espiritual. Vocês poderiam vê-los ir, como fazem agora quando vão embora de uma visita terrena.

Logo depois desta transição, voltariam a vocês forrados de novidades da nova vida, excitados com as glórias que agora estão gozando como direito seu, e prontos para compartilhar o conhecimento e ajudarem os que ainda estão na terra. Seus amigos seriam vistos entrando em seus quartos tão naturalmente quanto se estivessem ainda encarnados, vindo aos seus aposentos *como fazem agora*, mas, ai!, para a tristeza deles, sendo invisíveis.

Eles não podem dar uma palavrinha de cumprimento, nem de ajuda, ou um bom conselho, porque lhes faltam os meios de chegarem a vocês, direta ou indiretamente, só mesmo se, neste caso, vocês acreditassem, aí eles teriam sucesso. Seus amigos e parentes estariam sempre

desejando estar perto em muitas atividades, prontos para dar suporte em suas dificuldades com seus conhecimentos maiores e mais amplos, e com o ainda maior conhecimento sobre o que podem receber dos seres sábios e experientes dos planos mais elevados.

Eles não viveriam suas vidas por vocês. Isto não seria direito, mas, através da cooperação deles, eles poderiam – e podem – fazer da vida na terra o prelúdio mais feliz e ajustado para a alegria surpreendente que vai ser encontrada aqui nestes reinos. Muita tristeza e infelicidade, muita miséria seria erradicada, muito sofrimento, muitos horrores e injustiças, muitos erros seriam removidos da terra, se os dois mundos pudessem desta forma estar unidos numa unidade de pensamento, palavras e atos.

O último terrível dia, de fato! Que terríveis ensinamentos são estes, quando era a verdade que devia ser conhecida? Era de se imaginar que o homem tivesse medo por si mesmo e sua família e seus amigos, quando pensa sobre a ‘vida depois do túmulo’? O medo está dominando a terra, e o medo não é uma boa companhia para abrigarmos em casa.

É poder do mundo espiritual banir o medo das mentes de cada alma da terra, se a terra apenas se der ao trabalho de buscar mais ilustração. Como pode o reino de Deus ser estabelecido na terra se o próprio homem, através do poder da Ortodoxia, está tentando manter próximas e bem fechadas as barreiras existentes entre os dois mundos?

Os relativamente poucos na terra que sabem da existência do mundo espiritual e que nos chamam para uma ajuda, a ajuda que ficamos tão felizes em dar, estes comparativamente poucos que se comunicam conosco regularmente, tais pessoas sabem, por experiências felizes, da enorme diferença que a verdade das coisas espirituais pode fazer – e realmente faz – em sua vida diária na terra. Eles podem enxergar alguma coisa do propósito de suas vidas na terra; conhecem as belezas, as belezas naturais, da vida que os espera quando sua jornada terrena findar.

Eles não são dominados pelo medo do que lhes vai acontecer quando suas transições acontecerem. Não são atemorizados pelos trambolhos doutrinários e dogmáticos que não existem na realidade. Não têm medo de nós do mundo espiritual. Uma pessoa não tem medo de seu pai ou de sua mãe quando eles estão encarnados. Por que a mesma pessoa deveria se assustar com seus pais quando eles, no gozo de suas vidas e da esplêndida realidade do mundo espiritual, voltarem à terra e tentarem conversar com ele?

Isto não está certo, diria. Eles se foram para seu ‘descanso eterno’, e não seria apropriado perturbá-los. Além disso, a Igreja diz que eles não podem voltar, ou não deveriam voltar, se pudessem. Somente demônios voltam, personificando alguém de nossa família, burlando-nos, para nos arruinar espiritualmente, pondo em risco nossas ‘almas imortais’.

Que tolice refinada! Pobre homem cego sobre a terra. A Igreja o desencaminhou, bem desencaminhado. Ela reza muito para a realização do reino de Deus na terra; professa saber muito, na presunção de sua autoridade assumida, sobre os assuntos espirituais, e está feliz por continuar da mesma maneira infrutífera, imaginando profundamente que amplas congregações são um sinal esplêndido de que o homem está ‘voltando a Deus’; satisfeita por continuar pregando as mesmas doutrinas inúteis que não têm relação alguma com a verdade; não providenciando nenhuma solução para as dificuldades do homem na terra; impotente para endireitar o errado e, em muitos casos, totalmente indiferente ou admitindo muitos erros de diferentes tipos, completamente ignorante de qualquer pequeno item sobre informações claras concernentes à condição do homem depois que ele ‘morre’.

A Igreja professa cuidar espiritualmente do homem que está sob suas mãos – e sabe quase *nada* sobre ele. E a grande e ilustre alma, a quem a terra conhece como Jesus, vê, de seu elevado estado, a destruição que aconteceu nos seus ensinamentos simples, diretos e frontais, cuja proclamação, no final das contas, lhe custou a vida terrena. Ele se vê elevado à posição endeusada que nunca, nem por uma fração de segundo, ele imaginava que o pusessem as mentes das pessoas da terra.

Ele sabe que tentou bastante mostrar às pessoas como elas poderiam elevar a terra a uma posição gloriosa, mostrar às pessoas como o poder da Mente Maior poderia ser trazido à terra através de Seus representantes benignos do mundo espiritual. Ele tentou diligentemente mostrar que, se o homem apenas ouvisse as vozes do mundo espiritual, tudo seria acertado na terra, e

que então estaria assegurado um regime de felicidade e paz para todos os homens na terra. E tudo isto aconteceria através dos anjos iluminados de Deus, a quem parte ignorante da terra chama de *demônios*. Deus envia Seus ministros à terra, e a Igreja, que se proclama pertencer a Deus, chama-os de emissários de Satã!

A Igreja ficou estupidificada pelas suas crenças e doutrinas fantasiosas. Tornou-se inflada por sua auto-importância. Tornou-se hipnotizada pela sua segurança aparente. Ficou absorvida pelos detalhes dos dogmas e doutrinas, e pela exposição de vistosos rituais exteriores. Despejou dinheiro em cimento e tijolos, porque realmente acredita que a Casa de Deus autoriza despesas pródigas para a arte e a arquitetura.

Isto só pode ser justificado somente quando todo o restante estiver provido – os pobres, por exemplo; pois para o Pai os necessitados vêm sempre em primeiro lugar. Mas o próprio homem pode ser, bem ajustadamente, a própria casa do Senhor, pois pode enviar seus pensamentos, suas petições e a expressão de suas necessidades do íntimo de sua mente, em sua própria casa, com efeito igual – e provavelmente até melhor.

Como vemos as coisas à luz clara do mundo espiritual, encaramos a Igreja da terra – e por Igreja quero dizer todas as corporações religiosas que se denominam Cristãs – encaramos a Igreja não como uma ajuda ao homem para o seu progresso espiritual, mas como um obstáculo deliberado e intransponível. A Igreja está bloqueando o caminho para a difusão da verdade espiritual e seu conhecimento pelo mundo. Não ajuda o homem em sua jornada pela vida terrena, embora pareça assim fazer.

Vocês deviam ver por si mesmos o estado de ignorância lamentável no qual tantos milhares de milhares de pessoas honestas e gentis chegam aqui, nestes planos do mundo espiritual. Suas mentes estão toldadas com crenças primitivas e cruéis, pedras preciosas escolhidas do guarda-jóias de ensinamentos espirituais eclesiástico. Descubrem que as pedras são uma verdadeira massa – e inútil. Enquanto o proprietário delas achava que passaria rico de conhecimento espiritual, ele se descobre estar na bancarrota.

O homem na terra mal vive. Ele imagina estar vivendo, mas na realidade não está. Ele vê todos os sinais do mundo material em torno de si e omite, ou esquece, o imenso mundo e sua gigantesca população que são invisíveis, isto é, o mundo espiritual. A Igreja ora pela vinda do reino de Deus, e visualiza este reino como sendo, claro, essencialmente um reino cristão, com ela mesma encabeçando-o na terra. Mas o mundo espiritual tem idéias diferentes sobre este assunto.

Pode se objetar que há muitas coisas que devem ser alteradas na terra, muitas coisas erradas que devem ser banidas, antes que um estado de tranqüilidade de existência possa haver, e que é tarefa do homem endireitar estas coisas por si mesmo, e talvez as endireitaria, mas há obstáculos demais no caminho, o principal obstáculo é o próprio homem. É assim, mas os cérebros mais sábios da terra estão longe, longe de serem superiores aos mais sábios cérebros do mundo espiritual.

A terra falta a sabedoria e o conhecimento por um lado, e lhe falta o progresso espiritual e a evolução por outro. O conhecimento e a sabedoria podem ser obtidos do mundo espiritual; os meios de progresso e evolução serão revelados neste conhecimento. O coração do homem deve mudar antes que a vida na terra possa se tornar o estado de pura felicidade que deve ser. A Igreja é incapaz de trabalhar para qualquer mudança, simplesmente porque não tem o conhecimento da verdade espiritual.

Ela lida muito desenvoltamente com o céu e o inferno, nada sabendo do primeiro e ameaçando com o segundo, e o quadro geral que é exposto para a maioria das pessoas é tenebroso e depressivo.

Se as faculdades psíquicas de todos os homens da terra fossem completamente desenvolvidas, cada uma de acordo com sua estrutura particular, o homem poderia aprender a verdade imediatamente. A verdade mostraria a ele qual caminho seria melhor no procedimento, para o bem-estar de sua alma. Ele aprenderia as conseqüências das atitudes maldosas; ele aprenderia também das belezas que uma vida a serviço de seu irmão lhe traria. A vida na terra seria vivida por todos de acordo com as leis perfeitas do mundo espiritual, e não de acordo com as muitas leis discriminantes e modos de viver atuais na terra.

A justiça moral andaria de mãos dadas com a justiça legal, e a orientação suprema dos seres sábios do mundo espiritual estaria disponível para sempre para as pessoas da terra, na solução de toda e qualquer dificuldade. Aqueles encarnados que estão em comunicação direta até com o mais humilde de nós aqui, sabem exatamente o que a ajuda do mundo espiritual significa nas suas vidas diárias. Nós podemos suavizar o caminho pela vida para eles até nossa capacidade máxima, e o que pode ser feito desta forma para um indivíduo, pode também ser feito para uma nação, ou internacionalmente.

No reino de Deus na terra, nenhuma pessoa é omitida, negligenciada ou esquecida. As muitas injustiças que o homem suporta agora na terra seriam endireitadas, se aqueles que são responsáveis acreditassem um pouco menos em suas 'sabedorias' e buscassem um pouco da sabedoria *real* do mundo espiritual. O homem na terra não teve muito sucesso ao conduzir os assuntos da terra. Na verdade, ele ainda não é capaz disso, mas não percebe.

A terra encara muitas dificuldades agudas. Elas são agudas agora, mas se tornarão crônicas se não forem cuidadas adequadamente e finalmente. O homem está erigindo uma carga terrível de infelicidade para o futuro da terra se, pela atitude mental de superioridade que adota em relação ao mundo espiritual, tentar fechar a porta para todos nós. Não terá sucesso, claro. Foi tentado há quase dois mil anos atrás, num pequeno canto da terra.

A Ortodoxia – de outro tipo, mas igualmente ruim – foi responsável pela grande tragédia do Calvário, e Jesus, que lidava apenas com a verdade espiritual, foi a vítima. Não foi o Pai do universo que pediu o sacrifício de Seu único filho, para redimir o mundo. Esta é uma mentira monumental. Foi a Ortodoxia que não ouvia as verdades que causou a transição de Jesus. E a Ortodoxia cristã não fez melhor. Ela se opôs à maior verdade que Jesus veio entregar à humanidade. Opõe-se à verdade exatamente agora. Mas – *magna est veritas, et praevalabit*. (NT: grande é a verdade, e ela prevalecerá)

A Igreja assumiu a responsabilidade dos cuidados espirituais do homem na terra, e a Igreja falhou completamente. Ela é, em muitos aspectos, impostora, pois professa saber muito, sabendo muito pouco daquilo que pode ser de utilidade espiritual ao homem. Não pode prover de respostas as questões vitais, questões que estão nas mentes de tantas pessoas. A Igreja pode responder a questões como estas, por exemplo, se viessem de você: O que vai acontecer comigo quando eu morrer? O que aconteceu com todos os meus parentes e amigos? Por que parece haver um silêncio profundo entre eles e eu?

A última pergunta, eu responderia a estas pessoas dizendo que não há necessidade, nenhuma necessidade mesmo, para este silêncio profundo, pois ele pode e é quebrado, como eu fiz, e até mesmo como estou fazendo agora com você, meu caro amigo, e ainda continuarei a fazê-lo por muito tempo, para poder servir a um bom e saudável propósito.

O homem na terra não deveria ter medo de seu futuro espiritual. Ele deveria poder viver sua boa vida na terra em completa felicidade mental, e completamente livre do medo de seu futuro no mundo espiritual.

Não somos demônios, apesar do mundo espiritual estar cheio de pessoas maldosas, mas não foi o mundo espiritual quem as fez assim. Foi a terra que os mandou para cá neste estado. Os clérigos da Igreja, ou alguns deles, nos consideram demônios.

Há clérigos ainda na terra que são plenamente qualificados para esta designação, mas não pode se dizer que todos os ministradores de religiões são demônios. O mesmo grito estúpido de demônio foi lançado sobre Jesus naquele tempo, e no mesmo motivo. Que as pessoas esqueçam os demônios e pensem em outras pessoas no mundo espiritual que estão ansiosas esperando para falar-lhes.

Agora, meu caro amigo, estes escritos atuais devem cessar. Tocamos em um grande tema apenas de forma abreviada, quando o assunto é tão enorme. Senti que seria melhor tratar de alguns temas do Novo Testamento, do que inspecionar de forma geral o todo, o que deixaria tudo em forma de esboço. Há muito, muito mais mesmo, que deixei sem dizer e que nem de longe consideramos, mas espero falar com você novamente sobre os assuntos afins e adentrar em outros questionamentos que sou obrigado a omitir aqui.

Mas no pouco que falamos, é minha esperança profunda que eu tenha lançado alguma luz e talvez apontado o caminho para meus amigos estudarem um grande livro – o Novo Testamento

– com suas faculdades críticas plenamente alertadas, e não serem desencaminhados pelas interpretações tradicionais nas quais não se pode confiar daquilo que é declaração perfeitamente clara da verdade, e para não serem desviados por outros que, ao assumirem o papel de professores espirituais, não estão em posição de ensinarem a verdade, apesar de estarem na posição de *aprenderem* a verdade do mundo espiritual – se tivessem inteligência para isso.

Não proclamo ser seu professor espiritual. Seria presunção de minha parte, mas posso dar-lhe algo do conhecimento – do que aprendi desde que deixei a terra para um mundo espiritual maior e mais belo.

Aqui, tanta coisa se fez clara para mim. Estou ansioso para passar-lhe as novidades para que sua vida na terra possa ser mais feliz e seu entendimento mais lúcido. É pouco pelo muito que recebi. Minha dívida aumentou desde que comecei a falar com meus bons amigos na terra, pois é destes mesmos bons amigos que os pensamentos de encorajamento sempre vieram até mim, pela bondade sem reservas que é manifestada a mim, na atenção que minhas palavras têm despertado.

Benedicat te omnipotens Deus

(NT: Que Deus Onipotente o abençoe!)